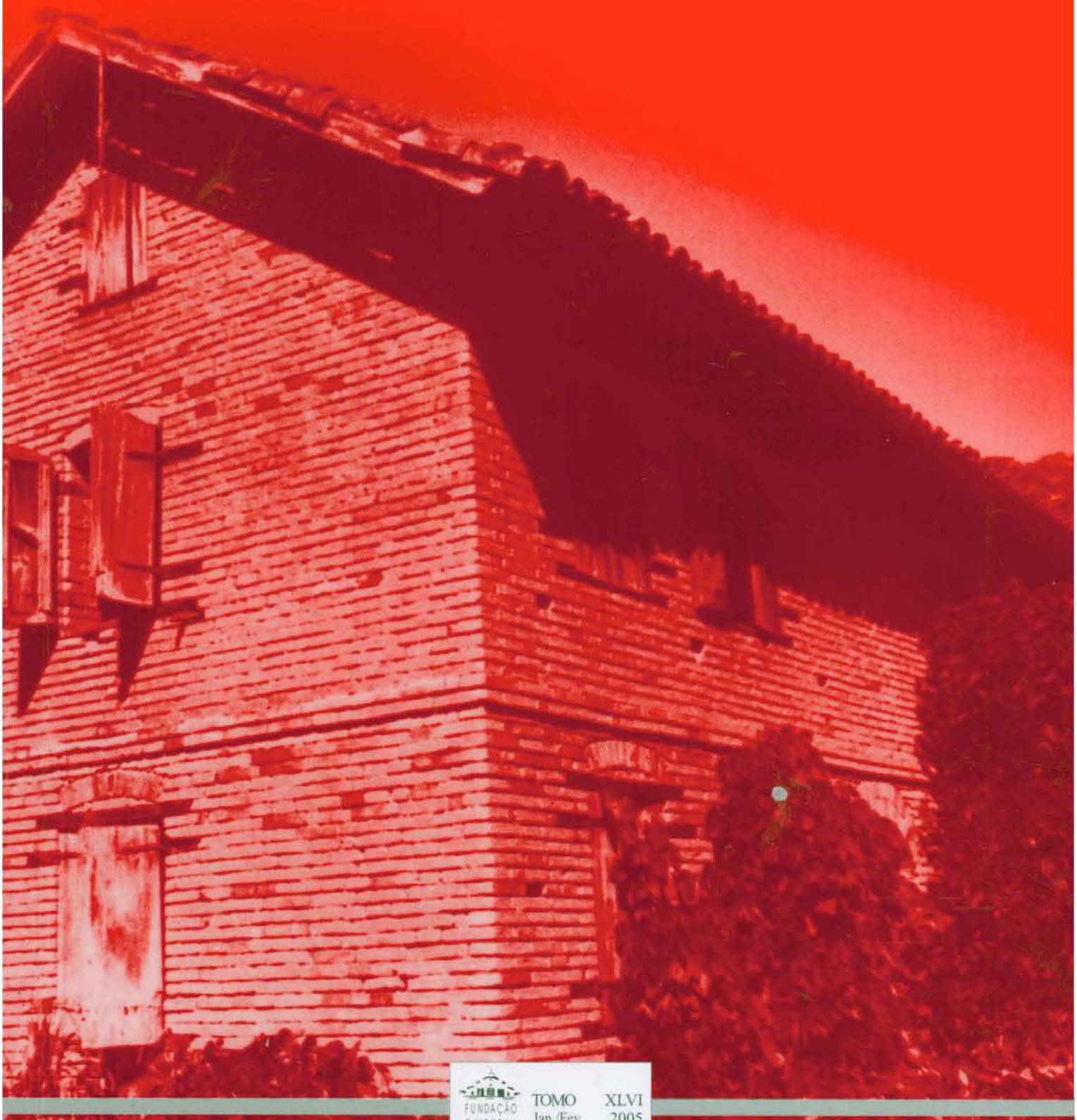
ISSN 0006-5218

BLUMENAU em Cadernos



FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU
TOMO XLVI
Jan./Fev. 2005
NÚMERO 1/2

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

BLUMENAU em Cadernos

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

PREFEITURA MUNICIPAL DE BLUMENAU

João Paulo Kleinübing
Prefeito Municipal

Edson Brunsfeld
Vice-Prefeito

FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU

Marion Bubeck Willecke
Presidente

Iúry Bugmann Ramos
Diretor Administrativo-Financeiro

Sueli M. V. Petry
Diretora Histórico-Museológica

Dirceu Bombonatti
Diretor do Centro de Publicação, Documentação e Referência em Leitura

Roseli Hoffmann Schmitt
Diretora do Museu de Arte de Blumenau – MAB

REVISTA BLUMENAU EM CADERNOS

Fundada em 1957 por José Ferreira da Silva

Sueli Petry
Diretora

CONSELHO EDITORIAL

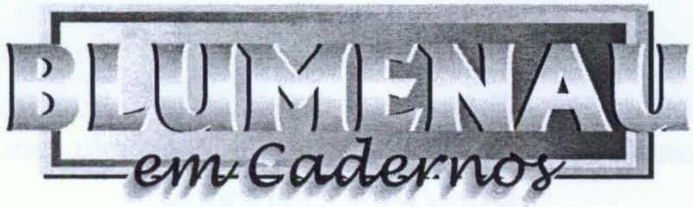
Cristina Ferreira *(Presidente)*
Annemarie Fouquet Schünke
Cezar Zillig, Ivo Marcos Theis,
Méri Frotscher, Urda Alice Klueger

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU

Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva"



Prêmio Alm. Lucas Alexandre Boiteux,
na Área de História – edição 1998, concedido
pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina
Prêmio Destaque - 2002
concedido pela Academia Catarinense de Letras.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

© 2001 by Fundação Cultural de Blumenau

REVISTA BLUMENAU EM CADERNOS
Expediente: Alameda Duque de Caxias, 64 – Caixa Postal, 425 - 89015-010 – Blumenau (SC)
Fone (0**47) 326-6990 - E-mail: arquivohistorico@fcblu.com.br

Capa: Características da colonização italiana
Silvio Roberto de Braga
Revisão: Valdir A. Petry
Digitação: Fábio Araújo Supriano

CULTURA EM MOVIMENTO editora

EDITORA CULTURA EM MOVIMENTO
Rua XV de Novembro, 161 – Centro – Caixa Postal 425 - 89010-001 - Blumenau - SC
Fone (0**47) 326-7511 - E-mail: editora@fcblu.com.br
http://www.fcblu.com.br

Ficha Catalográfica
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Biblioteca Pública Dr. Fritz Müller - Blumenau – SC

Blumenau em Cadernos. (Fundação Cultural de Blumenau) Blumenau, SC, 1 (06) 1957 -
Il.
Bimestral

ISSN 0006-5218

Depósito legal na Biblioteca Nacional, conforme Decreto nº 1.825, de 20 de dezembro de 1907
© Reservados todos os direitos de publicação total ou parcial pela Editora Cultura em Movimento
"Impresso no Brasil / Printed in Brazil"

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

SUMÁRIO

Apresentação 7

Documentos Originais – Artigo

Uma caçada de bugres
Pe. Schüler 9

Artigos

Brabeza dos primeiros imigrantes de Rio dos Cedros
José Curi 24

Paul Kellner e dois episódios
Flavio Farah 46

Levantamento de raízes tuberosas no Vale do Itajaí e Joinville
Antônio Henrique dos Santos e Paul Richard Momsen Miller 60

Fragmentos da nossa história local

Nacionalização do Vale do Itajaí
Raquel de Queiroz 65

História & Historiografia

Intervenções do Estado na imprensa de Blumenau (1937-1945)
Méri Frotscher 74

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Crônicas do Cotidiano

A noite no eremitério
Alfredo Scottini 89

Esporte & Lazer

Glória maior do Guarani: o título regional de 60
Aurélio Sada 93

Burocracia & Governo

Seis anos e meio de trabalho em prol da estação
Agro-pecuária - Gado Vacum 100

Pesquisa & Pesquisadores

Das armações baleeiras ao turismo de observação em Santa Catarina
Mônica Krieger Goulart 104

Autores Catarinenses

A saga de Zumbi
Enéas Athanázio 116

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Apresentação

Entregamos ao público, leitor de **Blumenau em Cadernos,** o exemplar que inicia o ano de 2005. Os textos selecionados contemplam diversas áreas do conhecimento com importantes referências para estudos e pesquisas sobre colonização, literatura, memórias e outras questões pertinentes à história regional e de Santa Catarina.

Merece destaque, na coluna **Documentos Originais – artigos,** o texto bilíngüe "*Uma Caçada de Bugres*", de autoria do Pe. Francisco Schüler scj, da Província Alemã. O artigo apesar de ter sido escrito há exatamente 100 anos (1905), continua sendo muito atual. A tradução foi realizada pelo doutor em Educação (USP) e autor de vários livros, Padre *Eloy Dorvalino Koch, scj.*

Os três textos da seção **Artigos** enriquecem a edição pela sua diversidade em atender a uma contínua demanda no processo de colonização em Santa Catarina:

O primeiro, "Brabeza *dos primeiros imigrantes de Rio dos Cedros*", tem como autor o doutor em Letras e Livre Docente em Lingüística, Prof. José Curi, no qual aborda a presença da colonização italiana de Rio dos Cedros, suas relações de famílias, a fé religiosa, as convivências sociais e as influências clericais na vida das pessoas que viviam nesta região.

O segundo, de autoria do colaborador Flávio Farah, se intitula "*Paul Kellner e dois episódios*". O autor, fazendo uso do seu acervo particular e de fontes bibliográficas, tece considerações em torno deste imigrante pioneiro que veio na primeira leva colonizadora de 1850.

Um terceiro artigo, é da autoria do mestrando em Agroecossistema (UFSC), Antonio Henrique dos Santos e seu orientador Paul Richard Monsen Miller em que procuram com o texto *"O levantamento de raízes tuberculosas no vale do Itajaí e Joinville"*, trazer o resultado de suas pesquisas em torno de vários tipos de tubérculos de nossa região.

Na coluna **Fragmentos da nossa História,** publica-se o texto *"Nacionalização do Vale do Itajaí"*, que tem como autora a escritora e jornalista Raquel de Queiroz. A publicação feita em 1949 causou uma imensa polêmica nos mais diversos segmentos da comunidade local.

Em **História & Historiografia,** publica-se o texto da doutora e

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

professora do Colegiado de História da UNIOESTE - Campus de Marechal Cândido Rondon, Méri Frotscher, intitulado *"Intervenções do Estado na imprensa de Blumenau 1937-1945"*. O texto faz parte de um capítulo de sua tese de doutorado que tem como tema " Da celebração da etnicidade teuto-brasileira à afirmação da brasilidade: Ações e discursos das elites na esfera pública de Blumenau (1929-1950)".

Alfredo Scottini, na coluna **Crônica do Cotidiano,** com o texto "*A Noite no eremitério*", narra de forma muito própria o imaginário dos colonizadores italianos estabelecidos na região do Rio dos Cedros.

Em **Esporte e Lazer,** o ex-desportista Aurélio Sada pública *"Glória maior do Guarani: o título regional de 60.* É uma boa fonte de pesquisa e uma rememorização para os saudosista deste tempo.

Publica-se em **Burocracia & Governo,** uma tradução de Curt Heise, intitulado *"Seis anos e meio de trabalho em prol da Estação Agro-pecuária. – Gado Vacum"*. O texto trás informes sobre as atividades desta estação experimental dos anos 20.

Mônica Kriger Goulart publica, em **Pesquisa & Pesquisadores,** *"Das armações baleeiras ao Turismo de observação em Santa Catarina"*. A autora entrelaça no seu artigo diversas questões referentes às baleias que freqüentaram e freqüentam o litoral catarinense. Destaca aspectos históricos e turísticos, contrapondo as antigas matanças à atual preservação.

Culmina essa edição, o escritor e advogado Enéas Athanázio, com a coluna **Autores Catarinenses,** onde dá a conhecer livros publicados e eventos culturais recentes em nosso Estado.

Visando dar continuidade a seu papel de divulgação de fontes históricas e textos sobre literatura, história, memória e realidade local, esperamos contar com a colaboração dos leitores e pesquisadores, através do envio de textos para as colunas **Artigos, História & Historiografia, Memórias** e **Crônicas do Cotidiano**.

Sueli M. V. Petry
Diretora da Revista Blumenau em Cadernos

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Uma caçada de bugres

Pe. Schüler[1]
Eloy Dorvalino Koch,scj (Tradudor)

Documentos Originais - Artigos

É dia de Carnaval. Sendo também feriado escolar, resolvi comunicar-lhes algumas novidades.

Ultimamente, as Colônias daqui, de Brusque e Blumenau, foram assaltadas por alguns bandos de indígenas. É provável que os Botocudos sejam a tribo mais selvagem da América do Sul, e nada amiga dos brancos. Ora assaltam um grupo de pessoas em plena estrada, ora se dirigem a casas isoladas à beira da mata e as saqueiam, para, em seguida, sumirem com a rapidez com que apareceram. Não poucos colonos, em suas isoladas propriedades na mata, foram vítimas de tais assaltos. Por aí se explica o receio deles, e o desejo de vingança mediante perseguições punitivas contra esses bandidos. Quero, pois, segundo a reportagem do jornal *Novidades*, relatar-lhes o assalto em Brusque.

[a] Na localidade *Sibéria* [Brusque], os bugres (assim se denominam aqui esses bandidos botocudos) irromperam da floresta e assaltaram a casa do colono *Avelino Correia*, e a saquearam por completo. Enquanto o marido, estirado num ban-

1 *Pe. Francisco Schüler scj*, da Província Alemã. Na ocasião, há 100 anos (1905), era Coadjutor da Paróquia de Brusque. Também trabalhou em Paraty (Araquari) e São Bento do Sul. Faleceu em Brusque (1926).

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Eine Bugerjagd

Von P. Schüler.

Es ist Fastnacht, und da an diesem Tage der Unterricht in der Schule ausfällt, will ich Ihnen einige Neuigkeiten mitteilen.

In letzter Zeit sind die hiesigen Kolonien Brusque und Blumenau von einigen Indianerhorden überfallen worden. Die Botokuden sind wohl der wildeste Indianerstamm Südamerikas und auf die Weissen nicht gut zu sprechen. Bald überfallen sie eine Karawane auf offener Strasse, bald sehen sie es auf einzelne am Waldesrande gelegene Häuser ab, die sie ausrauben, um dann ebenso schnell wieder zu verschwinden, wie sie gekommen waren. Mancher Kolonist, der im Walde seine einsame Farm bewohnte, ist schon einem solchen Überfalle zum Opfer geworden. Daher erklärt sich auch die Angst der hiesigen Kolonisten und ihre Rachsucht auf den Strafzügen gegen die Räuber. Ich will Ihnen nun den Überfall in Brusque nach dem Berichte der "Novidades" erzählen. Die Bugers (so heissen hier die Botokudenräuber) brachen am Ort Sibirien aus dem Walde hervor und überfielen das Haus des Kolonisten Avelino Correia, das sie vollständig ausplünderten. Während der Mann auf einer Bank im Hause Mittagsruhe hielt, wusch die Frau in einem zwischen Haus und Küche stehenden Trog Wäsche, als plötzlich in ihrer Nähe ein Pfeil niederflog. Die Frau sah sich um und erblickte die Bugers; ihrem Manne zurufend, dass das Haus von Indianern umgeben sei, flüchtete sie in die Wohnung. Während der Mann das Haus hütete, ging die Frau durch die Vordertür hinaus, um bei den Nachbarn Hilfe zu holen; sie ging durch eine Maispflanzung und war noch keine 50 m. vom Hause entfernt, als ein Buger hervorsprang und sie ergreifen wollte, was nur durch einen treuen Hund verhindert wurde, der seine Herrin verteidigte. Da sich in der Maispflanzung noch mehr Bugers befanden, musste die Frau umkehren, um einen anderen Weg zu benutzen. Ein ihr nachgeschickter Pfeil traf glücklicherweise nur das Kleid, während sie von einem Knüppel auf dem Rücken getroffen wurde. Avelino versuchte die Bugers zu

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

co, dormia a sesta, a mulher lavava roupa num cocho, que ficava entre a casa e a cozinha. De repente, perto dela, caiu uma flecha. A mulher virou-se e viu os bugres. Aos gritos, alertou o marido dizendo que a casa estava cercada pelos índios. Ela refugiou-se no interior da casa. Enquanto o marido cuidava da casa, a mulher saiu pela porta da frente, em busca de socorro junto aos vizinhos. Ela caminhava pelo milharal. A menos de 50 metros distante da casa, saltou um índio diante dela para agarrá-la. Evitou-o um fiel cachorro, defendendo a sua dona. Pelo fato de haver outros índios no milharal, a mulher teve de voltar e tomar outro caminho. Uma flecha disparada contra ela, pelas costas, felizmente só lhe atingiu o vestido. Mas foi alvejada nas costas por um porrete. Avelino tentava afugentar os bugres. Estes, porém, tornavam-se mais e mais atrevidos, obrigando-o a fugir. Nas proximidades da casa do vizinho, encontrou dois homens e um garoto. Com eles, voltou ao local. Porém, as armas ruins e o medo do pessoal não permitiam que Avelino se decidisse por um ataque aos bugres. Teve que abandonar a sua casa, que foi toda saqueada pelos índios. Podia-se observar como eles carregavam as coisas da casa morro-acima.

[b] Um pouco depois, ocorreu outro assalto em *Porto Franco* [hoje, Botuverá], onde foi morto um colono. Ele e dois companheiros encontravam-se na mata ocupados com armadilhas. De repente, eis que um índio o assaltou pelas costas, e o traspassou com uma lança. O infeliz logo sucumbiu. Exclamando "ó meu Deus!", morreu. Porto Franco pertence à nossa Paróquia [de Brusque], a 32 km daqui. No dia anterior ao assalto, Pe. João Stolte[2] viajara para lá a cavalo, e pôde fazer o enterro do colono. No dia seguinte, devia ele visitar um enfermo. Conquanto muito longe do local do assalto, exigiu que o acompanhassem seis homens armados. Embora cavalgando, por longo tempo, pela mata virgem, não encontraram sinal algum dos bandidos.

[c] No entanto, alguns dias após, repetiu-se o assalto. Desta vez, justamente *na estrada geral Brusque–Blumenau*. Ocasião em que o caso foi levado ao conhecimento do Governo, que, de imediato, decidiu enviar 500 marcos para a perseguição dos selvagens, mandando, outrossim, um contingente de bugreiros para uma batida. Antes de sua partida [de Brusque], tive ocasião de fotografá-los.

---

[2] *Pe. João Stolte scj*, da Província Alemã. Na ocasião, era Coadjutor de Brusque, e visitava as capelas de Porto Franco (Botuverá).

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

verscheuchen, die indessen immer dreister wurden und den Mann zur Flucht zwangen. In der Nähe des Nachbarhauses traf er zwei Männer und einen Knaben, mit denen er umkehrte. Angesichts der schlechten Waffen aber und der Furcht der Leute konnte sich Avelino nicht entschliessen, die Bugers anzugreifen; er musste sein Haus preisgeben, das von den Indianern ausgeplündert wurde. Man sah, wie die Indianer die Sachen den Berg hinaufschleppten.

Etwas später kam ein Überfall in Porto Franco vor, bei welchem ein Kolonist getötet wurde. Derselbe war mit zwei anderen im Walde mit Fallen beschäftigt, als ihn plötzlich ein Indianer von hinten überfiel und mit seiner Lanze durchbohrte. Der Unglückliche brach zusammen mit den Worten: "O mein Gott" und war sogleich tot. Porto Franco gehört zu unserer Pfarrei und liegt 32 km. von hier. Am Tage vor dem Überfall war P. Stolte hingeritten und er begrub auch den Kolonisten. Tags nachher hatte er einen Krankenbesuch zu machen, weit hinter dem Orte des Überfalles. Natürlich liess er sich von sechs bewaffneten Männern begleiten. Obschon sie lange durch den Urwald ritten, bemerkten sie keine Spur von den Räubern. Nach einigen Tagen jedoch wiederholte sich der Überfall und diesmal sogar auf der Landstrasse Brusque-Blumenau. Nun wurde die Sache der Regierung gemeldet, welche sofort 500 Mk. zur Verfolgung der Wilden bewilligte und eine Truppe Bugerjäger auf einen Streifzug ausschickte. Bevor diese Jäger auszogen, konnte ich dieselben photographieren. Diesen Streifzug will ich Ihnen nach unserer katholischen Zeitung "Der Kompass" erzählen.

Die aus 16 Mann bestehende, von dem berühmten Bugerjäger (batedor de bugres) Martinho Marcellino aus Angelina, der speziell zu dem Zweck gekommen war, die schwierige Mission auszuführen, befehligte Truppe begab sich am 4. in den Wald. Vorher war alles, was zum Gelingen dieser schweren Aufgabe nötig war, dem Chef und seinen Leuten zur Verfügung gestellt worden. Bis zum Ribeirão do Ouro wurde die Reise in Wagen zurückgelegt. Am 5. begann Martinho mit noch drei Männern Rekognoszierungen zu machen und das Terrain zu explorieren,

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Os bugreiros, antes de partir

A seguir, passo a descrever-lhes essa batida, baseando-me no jornal católico *Der Kompass* [A Bússola], de Curitiba. Esse contingente de 16 homens era comandado pelo famoso batedor de bugres, Martinho Marcelino[3], de Angelina. Viera ele especialmente com o objetivo de cumprir essa difícil campanha. Aos 4 de fevereiro [1905], o grupo se deslocou na direção da floresta. Antes da partida, já se pusera à disposição do chefe e dos seus comandados tudo quanto fosse necessário para a execução da difícil empreitada.

Até *Ribeirão do Ouro*, viajaram em carroças. No dia 5, Martinho, acompanhado de três homens, deu início a um trabalho de reconhecimento e de exploração do terreno. E concluiu que o local de permanência dos selvagens não podia ficar muito distante. A tarefa de reconhecimento durou três dias.

No dia 9, bem cedo, os 16 homens se embrenharam na mata, e avançaram em direção ao Sul, seguindo as numerosas trilhas, os novos ranchos de

[3] *Martinho Marcelino de Jesus Martins*, sentado, à esquerda. Nasceu em Índios, na região de Lages (SC). Depois das caçadas em Brusque e Angelina, foi contratado para as de Blumenau. Os bugreiros da foto "eram todos luso-serranos" (Ademir Martins, neto do Martinho Marcelino). Hoje, para os *índios* da região, o termo científico e adotado é "*xokleng*". Evitam-se os tradicionais "bugre", "botocudo" e outros.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

wobei er feststellen konnte, dass der Aufenthaltsort der Wilden nicht allzufern sei. Diese Rekognoszierung dauerte drei Tage.

In der Morgenfrühe des 9. traten die 16 Männer in das Dickicht des Waldes und verfolgten die Richtung nach Süden, den zahlreichen Pikaden und neuen Bugerhütten, die sich in der Entfernung von 4 bis 5 Kilometer fanden, und von den Wilden ausgenommene Bienennestern folgend. In der Gegend, wo sie die Indianer zu überraschen hofften, fand man nichts.

Nachdem sie fünf Tage im Walde waren, wobei sie verschiedentlich starke Flüsse überschreiten mussten, die sie für Zuflüsse des Tijucas hielten, traf die Expedition einen Rancho (Lager), der allen Anzeichen nach erst kurz vorher verlassen war und in dem sie einen Pilão (hölzernen Mörser), viele getrocknete Kräuter und einen in Caetêblätter eingelhüllten Leichnam eines Bugers fanden. Die Truppe machte hier Halt, und Martinho unternahm mit drei seiner Leute neue Rekognoszierungen, wobei er ganz in der Nähe zwei Pikaden fand, die aüsserst sauber waren und die Form eines Kreuzes bildeten; an dem Kreuzungspunkt sah er einen beschlagenen Baumstamm, dessen Seiten beschrieben oder bekritzelt waren. Das Geräusch von Indianern in der Nähe spürend, bestieg Martinho einen Baum, von wo aus er eine grosse Ansammlung von Wilden erblicken konnte, aber beim Herabsteigen von einer grossen Jararaca gebissen wurde. Sofort nach der ersten Behandlung zog er sich mit seinen drei Begleitern zurück, um sich mit dem Rest der Expedition zu vereinigen und ihnen das Resultat der Exploration mitzuteilen.

Martinho, der sich davon überzeugt hatte, dass die Zahl der Wilden eine sehr grosse und seine 16 Mann ungenügend seien, warb am Ribeirão do Ouro noch sieben Mann an, sodass die Truppe nunmehr aus 24 Mann bestand, mit denen er am 17., mit genügend Lebensmitteln versehen, aufs neue nach dem Punkt aufbrach, wo man die Wilden gesehen. Hier angekommen, stellte man fest, dass die Indianer den Ort verlassen und die Richtung nach Westen eingeschlagen hatten, mutmasslich

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

bugres, distanciados de 4 a 5 km um do outro, e abelheiras colhidas pelos selvagens. Nada encontraram no lugar onde esperavam surpreender os índios.

Após terem passado cinco dias no mato, e terem sido obrigados a atravessar, de diversos modos, rios de forte correnteza e avolumados, por eles tidos como afluentes do rio Tijucas, a expedição encontrou um rancho que, segundo todos os indícios, havia sido abandonado recentemente, e no qual encontraram um pilão, muitas ervas socadas, e um cadáver de bugre envolto em folhas de caeté. A turma fez aqui uma parada. Com três homens de sua comitiva, Martinho iniciou novos reconhecimentos. Bem próximo daí, encontrou duas trilhas, muito limpas, e tendo a forma de cruz. No ponto central da cruz, viu ele um tronco de árvore falquejado, e cujos lados estavam com inscrições ou rabiscos. Sentindo nas imediações algum rumor de índios, Martinho subiu numa árvore, de onde pôde avistar um grande ajuntamento de selvagens. Mas ao descer, foi picado por uma jararaca. Logo após o primeiro curativo, retirou-se com os três companheiros para encontrar-se com os demais da expedição, e comunicar-lhes o resultado dessa exploração.

Martinho chegou à convicção de que seria muito grande o número de selvagens, e insuficientes os seus 16 homens. Razão pela qual contratou, em Ribeirão do Ouro, mais 7 homens. De sorte que o grupo de batedores subira para 24 homens. Com eles, e abastecidos com suficientes mantimentos, novamente partiram, aos 17 de fevereiro, para o local de onde tinham avistado os selvagens. Aqui chegados, constataram que os índios haviam abandonado o local, e tomado a direção para o Oeste. Provavelmente, porque sentiram a proximidade de seus perseguidores.

Continuando a sua pesquisa nessa direção, e superando obstáculos de toda sorte, conseguiram eles vencer uma grande distância pela floresta. Com jangadas improvisadas, tiveram que transpor correntes fortes e avolumadas. No dia 23 de fevereiro, descobriram 94 ranchos cercados de fortificações. Neles encontraram muitas jararacas mortas que, segundo eles, eram 62. Também havia 112 abelheiras colhidas. Era como se fosse o resultado de uma caçada. Nesse dia 23, sentiram que os bugres estavam nas proximidades.[4]

Mas antes de dar início ao combate, houveram por bem fazer um levantamento da situação. O ataque foi realizado no domingo de 26 de

[4] A meu ver, tão elevados números lembram os proverbiais exageros venatórios...

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

weil sie die Nähe der Verfolger gespürt hatten. In dieser Richtung weiter forschend, legten sie unter Überwindung aller möglichen Schwierigkeiten grosse Strecke im Walde zurück, wobei die auf provisorischen Flössen über reissende, angeschwollene Ströme übersetzen mussten. Am 23. entdeckten sie 94 von Schanzen umgebene Ranchos und fanden dabei mit Verwunderung eine grosse Anzahl getöteter Jararacas, die sie auf 62 angeben und 112 ausgehobene Bienennester, als ob dies das Resultat eines Jagdzuges gewesen sei. An diesem Tage spürten sie, dass sich die Buger in der Nähe befanden. Sie wollten jedoch, bevor sie die Lage derselben ausgekundschaftet, nicht mit dem Angriff beginnen. Dieser erfolgte am Sonntag den 26. in der Morgenfrühe um 2 Uhr und wird von einigen Leuten der Truppe folgendermassen geschildert:

Um sich infolge der zu jener Stunde, herrschenden Dunkelheit nicht zu verlieren, gingen diese 24 Männer in der Weise, dass der Hintermann dem Vordermann die Hand gab, während der Chef Martinho mit einem brennenden Lichte in der Hand an der Spitze der Truppe nach dem Orte marschierte, wo man am Tage die Ranchos entdeckt hatte. Nachdem die Leute unter Beobachtung grösster Ruhe am Ziele angekommen waren, wurde auf ein gegebenes Zeichen der Überfall ausgeführt. Es entstand eine heillose Konfusion: Schreie, Verwünschungen, ein höllisches Gebrüll von Seiten der Wilden. Die Mitglieder der Truppe erzählen nicht, aber es ist leicht begreiflich, dass sie ein blutiges Gemetzel (boa chacina) angerichtet haben, wobei sie alles an sich nahmen, was sie in den Hütten fanden, einschliesslich eines Bugerknaben im Alter von 8-10 Jahren. Man fand einen grossen Vorrat an Antenfleisch und Waffen vor.

Die Truppe kehrte, machdem sie fast den ganzen Monat Februar im Walde verbracht, am 4. März nach Brusque zurück. Als Siegestrophaen bringt sie die eroberten Gegenstände mit. Dieses Verzeichnis ist interessant: über hundert Pfeile, einige zwanzig Bogen, grosse und kleine, sehr viele Lanzen sonderbarer Form, Wurfspiesse, Spiesse, viel Handwerkszeug, drei Säcke mit Halsketten, Scheren, Rasiermesser,

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

fevereiro, às duas da madrugada. Alguns do grupo assim relataram o episódio: Naquela escuridão, era preciso cuidar que ninguém dos 24 homens se perdesse. Caminharam, pois, na seguinte ordem: o último homem da fila ia de mão dada com o da frente, até o final. Ao passo que o Chefe Martinho, encabeçando a fila, tinha na mão uma lamparina acesa. Dirigiam-se para o local onde, durante o dia, haviam descoberto os ranchos. Depois que o pessoal, e no maior silêncio, alcançou a meta, foi dado um sinal, e efetivou-se o assalto. Criou-se uma enorme confusão. Da parte dos selvagens, tudo eram gritos, maldições e um berreiro infernal. Os componentes do grupo nada comentam.[5] Mas é fácil de compreender que eles cometeram uma grande chacina. Depois disso, levaram tudo quanto encontravam nos ranchos. Inclusive um menino-índio, na idade de 8-10 anos. Encontraram uma grande provisão de carne de anta, e armas.

Vicente Schaefer e o *menino-índio*

Após ter passado quase todo o mês de fevereiro no mato, o grupo voltou a Brusque no dia 4 de março. Como troféus de vitória, o grupo trouxe os encontrados objetos. Sua relação é interessante: mais de cem flechas, uns vinte arcos, muitas grandes e pequenas lanças de exóticas formas, dardos, ferramentas, três sacos de colares, tesouras, navalhas, facas, artefatos de folhas-de- flandres, cordas, bonitas cestas, um cachorro e até uma estola clerical. Além de outras miudezas aqui não referidas, devem registrar-se: braceletes, dedais, espoletas, cartucheiras, fivelas, anéis de prata de corrente, muitas peças de relógio, dentes de animais e unhas de anta. O pequeno índio capturado pertence, ao que parece, à tribo dos botocudos, pois traz no lábio superior uma cavilha.[6]

[5] Porquanto, *oficialmente*, os índios só podiam ser afugentados...
[6] O *menino-índio* João Indaiá Schaefer, adotado pelo casal Vicente Schaefer (Pref. Mun.) e Maria Rosa Bauer. Que também adotou a *mocinha-índia* Ana Angantina Schaefer, de Blumenau. Ver foto final

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Messer, Blechgeräte, Stricke, hübsche Körbe, einen Hund und sogar eine Stola eines Priesters. Ausser andern hier nicht aufgeführten Kleinigkeiten, sind noch zu verzeichnen Armbänder, Fingerhüte, Zündhütchen, Patronenhülsen, Schnallen, silberne Kettenringe, viele Bestandteile zu Uhren, Tierzähne und Antennägel. Der kleine gefangene Buger gehört anscheinend zum Stamm der Botokuden, denn er trägt in der Oberlippe einen Pflock.

Soweit der Korrespondent der Zeitung, dem anscheinend, trotzdem sie öffentliches Geheimnis sind, nichts über die schrecklichen Greuelszenen zu Ohren gekommen zu sein scheint, die sich im Brusquer Urwald abgespielt haben. Man erzählt sich ganz öffentlich, dass bei dem Überfall am Sonntag den 26. Februar an die achtzig (andere sagen sogar 200) Buger abgeschlachtet worden seien nach dem während der Revolution üblichen System, wo es hiess: Der Kugeln sind genug gewechselt, das Messer trete jetzt in Tätigkeit. Ein solcher unmenschlicher Barbarismus kann nicht in der Absicht der Regierung liegen, welche die Truppen aussendet, um die Buger zu vertreiben oder zu verscheuchen. Das aber kann am lichten Tage geschehen, dazu bedarf man des Schutzes der Nacht nicht. Wenn aber erst die Bestie im Menschen zum Durchbruch kommt, ist sie blutdürstiger, als die Hyäne oder der Tiger. Die Nacht eignet sich zu solchen Überfällen vorzüglich, denn es ist eine bekannte Tatsache, dass unsere Wilden in ihrer Sorglosigkeit eines sehr gesunden Schlafes sich erfreuen; werden sie zu nächtlicher Zeit überfallen, so sind sie vollständig kopflos und die Panik unter ihnen nimmt solche Proportionen an, dass sie weder Widerstand zu leisten noch davon zulaufen vermögen, wie sie ja bekanntlich auch sehr feige sind. Und da ist es keine schwere Arbeit, alles kalt zu stellen, was unter das Messer fällt.

Aber damit war der Blutgier der menschlichen Bestie noch nicht Genüge getan: man erzählt sich allgemein, dass die Truppe acht Bugerkinder eingefangen hatte, von denen unterwegs, angeblich wegen Mangel an Lebensmitteln, sieben in ein besseres Jenseits befördert worden

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Aqui termina o relato do correspondente do jornal *Der Kompass*. Pelo visto, ele não chegou a ouvir nada desse "mistério" já tornado público: as cenas horrorosas ocorridas na mata virgem de Brusque. Comenta-se, bem de público, que, nesse assalto do domingo de 26 de fevereiro, foram trucidados uns 80 (há quem diga 200). Tudo seguiu o sistema adotado na revolução: já basta a troca de tiros; entre agora em ação a faca...[7]

Era impossível que tão desumana barbárie estivesse nas intenções do Governo, que enviara as tropas para afugentar ou expulsar os bugres. Ora, tal medida poderia efetuar-se à luz do dia. Não era necessária a proteção da noite. Mas quando no homem irrompe a fera, ela é mais sanguinária que a hiena ou o tigre. A noite era sobremodo propícia a tais assaltos. Porquanto, consabido é que os nossos selvagens, em seu despreocupado viver, ficavam muito satisfeitos com um sono saudável. Mas assaltados durante a noite, eles ficaram totalmente transtornados; e o pânico entre eles tomou tais proporções, que não conseguiram oferecer resistência, nem tomar a fuga. Devendo ainda levar-se em conta a covardia. De maneira que não foi difícil liquidar tudo a fio de facão.

Mas com isso, a besta humana ainda não estava saciada. É voz corrente que o grupo capturou oito crianças. Pelo caminho, e talvez por falta de mantimentos, sete delas foram despachadas para uma vida melhor! Será possível pensar algo mais terrível? Qual poderia ser a culpa das crianças, se os pais, premidos pela fome e pela penúria acabaram cometendo violências de latrocínio e assassinato? Se fosse esta a civilização para a qual pretendíamos conduzir os nossos silvícolas, então não poderemos levar a mal que não fossem receptivos à nossa cultura. Terão os índios conhecido os brancos de outro modo que não o bárbaro? Só aqui e ali, acontecia ver um branco. E muitos deram prova de que, nesses casos, não tratavam logo de lhes apagar a vida. Portanto, exige-se mais humanidade! Só depois de ficar provada a total inutilidade da catequese, poderia justificar-se tais cenas selvagens, iguais às que vinham acontecendo em nossas matas: onde os gigantes da mata virgem eram mudas testemunhas "dessa humana obra cultural".[8]

[d] Também da *Colônia Angelina* veio a notícia de um assalto. A vítima foi o colono *Jacó Gensleuchter*. Além de saquearem a sua casa, mataram-lhe a esposa. Comenta-se que ela se teria defendido com bravura. Em troca,

[7] Esta grande diferença numérica vem somar-se às dúvidas suscitadas na nota nº4.
[8] Hoje, ainda que rejeitem a Catequese, não se justificam tais crueldades. Note-se que os índios atacavam porque a colonização lhes tomava o espaço de caça e coleta.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

sein sollten! Kann man sich etwas Schrecklicheres denken? Was können die Kinder dafür, wenn die Eltern, von Hunger und Not getrieben, räuberische und mörderische Ausbrüche machen?

Wenn das die Zivilisation ist, der wir unsere Urwaldsbewohner entgegenführen wollen, so kann man es ihnen nicht verargen, wenn sie für ein solches Kulturwerk nicht empfänglich sind. Haben die Indianer die Weissen schon von einer anderen Seite kennen gelernt, als der barbarischen? Nur ab und zu kommt ihnen ein Weisser zu Angesicht, und dass sie dem nicht gleich das Lebenslicht ausblasen, beweisen manche. Darum etwas mehr Humanität! Erst wenn bewiesen, dass durch Katechese nichts zu machen ist, lassen sich solche barbarische Szenen rechtfertigen, wie sie sich in unsern Wäldern abspielen, wo die Urwaldriesen stumme Zeugen dieses "menschlichen Kulturwerkes" sind.

Auch aus der Kolonie Angelina wurde ein Überfall gemeldet. Einen Kolonisten, Herrn Jakob Gensleuchter wurde alles geraubt und die Frau getötet. Man nimmt an, dass letztere sich tapfer gegen die Bugers gewehrt hat. Dafür hat sie aber auch schreckliche Marter aushalten müssen, indem sie auf grausame Weise Schnitte und Stiche bekan; doch starb sie nicht gleich, gegen Abend bemerkte man noch Leben in ihr. Kurze Zeit nach dem Überfall bei Jakob Gensleuchter, zeigten sich die Bugers wieder, und machten einige Stück Vieh tot. Wie gewönhlich, wenn Bugers Unheil angerichtet haben, wurden auch diesmal wieder die sogenannten Bugerjäger in den Wald geschickt. Die bewaffnete Schar erreichte das erste Lager, jedoch leer und so durchging man 40 solcher Lager und erst am 41. traf man die Bugers an. Da es nicht anders möglich war, so musste man bei Tage angreifen, was sonst gewöhnlich bei Nacht geschieht. Eine Abteilung stürmte in das Lager hinein und begann ihr blutiges Handwerk, während die andere die fliehenden Bugers mittels ihrer Gewehre erreichte. Bei diesem Durcheinander bekam ein Bugerjäger einen Pistolenschuss ins Bein. Sonst hat es unter den Jägern keine Verwundung gegeben. Wenn man frägt, wieviel Bugers getötet wurden, dann erhält man die Antwort, gar keine, man hätte sie nur vertrieben, sie kämen nie wieder. Mitgebracht

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

teve de suportar terríveis torturas de lanhos e pontaços no corpo. Mas não morreu logo. Ao cair da noite, ainda continuava dando sinais de vida.

Pouco depois do assalto ao colono Jacó Gensleuchter, os bugres voltaram a manifestar-se, matando algumas reses. Era hábito enviar os assim chamados caçadores de bugres para o mato, sempre que os selvagens praticassem algum mal. Também para este caso. O grupo armado alcançou o 1º rancho. Mas este e os 39 seguintes estavam despovoados. Só no 41º foram encontrados os bugres. Em geral, os ataques eram efetivados durante a noite. Mas desta vez, teve que fazer-se de dia. Um grupo assaltou rancho-adentro e deu início à sua sanguinária operação, enquanto o outro alvejava com a espingarda os bugres fugitivos. No meio dessa confusão, um dos bugreiros levou um tiro de pistola na perna. Mas foi o único ferimento sofrido pelos bugreiros.

Quando se pergunta acerca do número de bugres mortos, a resposta é: nenhum. Porque o seu objetivo, segundo eles, era afugentar os índios, os quais não mais voltariam. Os bugreiros trouxeram daquele assalto objetos que os selvagens haviam roubado em assaltos anteriores, tais como: peças de roupa, ferragens, uma porção de cartuchos miúdos e um pala que pertencia a um viajante de Brusque, o qual, tempos atrás, fora

As cinco crianças-índias e o Pe. Schüler

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

aus dem Walde haben die Bugerjäger Sachen, welche jene bei früheren Überfällen geraubt haben, sowie Kleidungsstücke, Eisenwaren und eine Menge ganz kleiner Patronen und eine Palla, die einem Reisenden von Brusque gehörte, der vor längerer Zeit auf der Strasse, die über Angelina führt, überfallen wurde. Ausserdem brachten sie Pfeile und Bogen, Körbe und dergleichen Sachen mit. Auch fünf Kinder brachten sie aus dem Walde, 3 Mädchen und 2 Knaben, deren Haare so kurz und so genau geschnitten waren, als wenn man sich einer Haarschneidemaschine bedient hätte.

Die Kinder wurden von der Regierung einem katholischen Waisenhause übergeben und getauft. Ich hatte die Freude, dieselben photographieren zu können und sende Ihnen das schöne Bildchen für Ihr "Reich des Herzens Jesu".

Ein Gedanke drängt sich mir auf: Wenn Gott das Haus nicht baut, so bauen die Werkleute vergebens. Wenn hier in Brasilien der christliche Glaube nicht mehr alles durchdringt, so wird jedes Kulturwerk misslingen.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Família Schaefer. Ver nota nº6

Na frente: *menino-índio*, V. Schaefer, Arnoldo (filho) e Maria Rosa Bauer (esposa).

No alto: Teresa Schaefer (sobrinha) e *mocinha-índia.*

Nota - A foto foi anexada pelo tradutor, que a recebeu da Sra. Maria Rosa (1955).

O texto original e as fotos encontram-se no Arquivo Provincial Padre Lux (APPAL), de Brusque. *Digitadora*: Karina Santos Vieira.

assaltado na estrada que passa por Angelina. Além disso, também trouxeram flechas e arcos, cestas e outras coisas semelhantes. Daquele assalto também trouxeram: três meninas e dois meninos, e cujo corte de cabelo era tão rente e tão exato, como se feito com máquina de cortar cabelo.[9]

O Governo encaminhou as crianças para um Orfanato Católico, onde foram batizadas. Tive a alegria de as fotografar. Envio a bonita foto para o seu "Reino do Coração de Jesus".[10]

Impõe-se-me um pensamento: Se o Senhor não edificar a casa, em vão trabalham os que a constroem [Sl 126]. Caso no Brasil a Fé Cristã deixar de impregnar a vida toda, a obra cultural será vã.

[9] As 5 crianças foram batizadas, e confiadas à Associação de São Vicente de Paula (São José). Mais informações no livro do tradutor: *Tragédias Euro-Xokleng e Contexto*, pp.159-167.
[10] Era a revista mensal da Província SCJ Alemã. O artigo foi publicado aos 05-07-1905.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Brabeza dos primeiros imigrantes de Rio dos Cedros

*José Curi**

Artigos

Ouve-se ainda hoje, entre os habitantes de Rio dos Cedros, a comparação: "cativo come na bestia" (brabo como um animal). É um testemunho vivo e dialetal de que os nossos riocedrenses não são tão pacíficos, como muitos poderiam supor. Mas a palavra "bestia" no "talian" de Rio dos Cedros é polissêmica, pois tem diferentes significados, dependendo do contexto em que é utilizada, haja vista: "bruto bestia" pronunciado num círculo de amigos, numa reunião familiar, em dia festivo, e dirigido especificamente a uma pessoa, pode a expressão ser interpretada como: brincalhão, danadão, bonachão. "Maledeta bestia" (maldito animal) é uma expressão muito utilizada quando um boi ou um cavalo se mostra preguiçoso para puxar o arado; quando um burro empaca; quando um cachorro estraçalha uma galinha; quando um gato rouba um queijo ou uma lingüiça, etc. "Varda che bestia!" (Olha que animal!) indica uma expressão de espanto ou uma interjetiva diante de um belo animal (cavalo, vaca, bezer-

xxxxxxxxx

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

ro, porco, etc.), ou diante de um belo gesto ou feito de uma pessoa. "El laora come na bestia" (trabalha como um animal) é um elogio a um trabalhador incansável. Elogio, aliás, muito bem aplicado ao imigrante italiano, que não sabe o que sejam férias e desconhece a palavra ócio. Claro está que desconhecemos que animal é este expresso pela palavra bestia, mas podemos intuí-lo no momento em que a comparação é pronunciada. "Par na bestia" (parece um animal), referência a uma pessoa mal-educada.

Angelin Lenzi, entrevistado por mim no dia 21 de maio de 1971 na casa do filho dele, Álido, no lugarejo de Nossa Senhora das Dores (Crosara), comentando a brabeza dos primeiros imigrantes italianos que ele conheceu bem, disse-me: "Gente braba, vé! Bastava uma palavra mal interpretada e distribuíam socos. Chegavam a se cortar. As roupas, por vezes, eram rasgadas. Mas depois plantaram a videira e fizeram o vinho. E então, ouviam-se cantos, lindos cantos!" (Gente cativa, vé! Qualche parola storta e for pugni. I se taiava-su. I se spregava-su pu de na volta. Ma dopo i ha piantá le vine e i ha fato el vin. E se scoltava, alora, canti, bei canti!).

No Archivio di Stato di Trento[1], no envelope 74 encontramos um relatório do Comando Provincial de Gendarmeria para o Capitaneado Distrital de Trento, datado de 7 de novembro de 1875. Em tal relatório, alguns trentinos, de baús e trouxas prontos em busca da América - sonho de plena liberdade para eles –, além de não respeitar a autoridade, nem se importavam mais com a justiça. Eis o relatório: "Por ocasião da Sagra de São Lourenço que se festejou ontem em Mattarello, achavam-se aí em patrulha o chefe da guarda, Ziller, os policiais Dorigatti, Rizzi e Bellotti, e lá pelas nove horas da noite, enquanto se achavam na praça pública, saía do botequim de Catarina Campolongo, Domenico Giovanni Zanella, o qual tão logo saiu pôs-se a gritar: Ah! que não tenho medo nem de dois e nem de dez policiais! E ao mesmo tempo se aproximou da patrulha com ameaças e horríveis blasfêmias, de tal forma que a tais gritos, Domenico Burati, carniceiro de Mattarello, saiu do mesmo botequim gritando: - bata nos policiais, sacramento! Então o chefe da guarda Ziller, aproximou-se deles perguntando-lhes o que tinham contra os policiais. A tais perguntas, de repente, agruparam-se ao redor aproximadamente 100 pessoas que gritaram a uma

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

só voz: "Viva a América! Bata!" O chefe da guarda intimou a multidão a afastar-se. Vendo, porém, que suas advertências eram em vão, usou da força para dispersar a multidão. Por causa dessa atitude, mais pessoas se reuniram, e mais raivosas que antes. O Zanella e o Buratti incitavam a multidão a resistir e a desarmar os policiais. Os policiais, então, se aproximaram da casa do chefe geral da Guarda e a multidão os seguiu. Naquele momento apareceu o chefe geral, Domenico Perini, acompanhado do vigário Tomaso Zadra e se esforçaram para fazer entender ao populacho as tristes conseqüências que lhe poderiam suceder no caso de resistir à força policial. Diante de tais ameaças, a maior parte da multidão se dispersou. ... "É preciso observar que nestes últimos tempos, depois que os habitantes de Mattarello começaram a emigrar para a América, desordens acontecem com freqüência e a razão é que crêem de não estar mais sujeitos a respeitar as autoridades". (Leiam o relatório em italiano em Notas de Fim).

A brabeza dos primeiros imigrantes vinha à tona também por causa dos santos protetores. É que cada pequena comunidade de Rio dos Cedros tinha o seu santo protetor. E para tal santo protetor os devotos logo ergueram capelinhas e oratórios. Partindo de Timbó pelo caminho dito dos Pomeranos, logo encontramos a capela de São Roque e a de Santo Antônio. Na Crosara (Encruzilhada) temos a capela de Nossa Senhora das Dores (La Dolorata), e nos primeiros tempos havia, na colônia dos Negri, um capitel dedicado à Nossa Senhora de Lurdes. Entre as localizações de Caravaggio e Crosara honrava-se também a Santa Maria Madalena, contudo, a capela foi erguida em honra a Nossa Senhora do Caravaggio. Na localidade conhecida como "Busa" a capela homenageava Nossa Senhora da Glória. Giuseppe Campestrini construiu uma capelinha a São José na localidade dita São José. Em São Bernardo havia uma capela em homenagem a este santo. A capela existe ainda e sobre uma colina os devotos erigiram um capitel a Nossa Senhora das Graças. No caminho dos tiroleses havia a capela ao Sagrado Coração de Jesus e a São José. Mas falando em capitéis, em São José há um dedicado a Nossa Senhora Aparecida e atualmente, no Alto Rio dos Cedros, praticamente a 22 quilômetros do centro da cidade de Rio dos Cedros, encontrei um capitel dedicado a Nossa Senhora da Salete. Bem

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

no centro erigiram os devotos uma capela a Nossa Senhora Imaculada Conceição (centro da paróquia atualmente). A devoção aos santos protetores, tenho por mim, era sentida como uma necessidade, dado o isolamento e a falta de tudo dos nossos primeiros imigrantes.

No começo da imigração, a imensa Paróquia de São Paulo Apóstolo - que compreendia, além de Rio dos Cedros, Ascurra, Rodeio e Blumenau, e era dirigida pelo Padre Jacobs -, dada a escassez de padres, serviu-se dos capelães, também chamados de prevostos e sacristães ou padres-de-capela. Um tal de Curuziano[2] conta-nos numa carta que mandou à Voce Cattolica de Trento, em 1886, que um tal de "Barba", que era capelão em Rio dos Cedros, "começou a construir devagar uma pequena capela paroquial e com toda a família (diz ele) nos reuníamos todos os domingos e dias de festa, porque não havia até agora ninguém que dirigisse a cerimônia.... Ele (Barba) o fazia, quando então o começamos a chamar de padre, sem ele ter o direito a esta função. Lia em seu livro de pregação e, chegando junto à mesa como se tivesse presente o sacerdote, lia a Epístola, o Evangelho próprio da festa e o trecho do catecismo do culto católico, escrito pela Cúria do Bispo de Trento para uso em escolas e famílias. Ainda lia a meditação própria para a hora da Boa Morte e prosseguia com o Credo pelo restante da missa. Exercia a função com alto apreço e segundo as normas e circunstâncias. Rezávamos a terça parte do rosário e líamos a Leitura do Glória, etc."

Prevosto, capelão ou "quase-padre" foi também Giuseppe Campestrini junto a seus camponeses de São José. O padre Victor Vicenzi[3] diz-nos que na capela de Santa Maria Madalena, Inácio Trisotto foi capelão por longos anos e "oficiava novenas, as vésperas, as leituras bíblicas, o terço, visitava os doentes e acompanhava até a última morada os colegas que se despediam deste mundo". Diz-nos mais o padre Vicenzi no mesmo artigo publicado na revista "Blumenau em Cadernos", que Inácio participava do coral da capela. Falando em coral, é bom lembrar que todas as capelas tinham os seus corais, formados até a quatro vozes, e cantavam as missas em latim. O padre Giuseppe Corradin[4] diz-nos que "entre os agricultores havia grupos que sabiam interpretar páginas de ópera a quatro vozes,

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

como o Va Pensiero do Nabucco, de Verdi." Era famosa, no meu tempo de criança, a "escola cantorum de Santo Antônio". A brabeza por causa dos santos protetores fez-se sentir mais forte entre os "Crosaroti" e os "samonati" por causa da devoção a Santa Maria Madalena, mas esta brabeza não demorou muito e a santa que viu Jesus ressuscitado por primeira ficou legada ao olvido. São Roque e Santo Antônio deram-se as mãos e os "Matarei" aceitaram Santo Antônio, sem esquecer Santo Ambrósio.

Os "Samonati" aceitaram Nossa Senhora de Caravaggio. San Giuseppe foi mais pacífico e o povo o aceitou muito bem ao lado de outros santos, como São João Batista. Briga braba aconteceu por causa da localização da matriz. As capelas eram construídas em lugares estratégicos: vales, colinas ou encruzilhadas. Frei Lucínio Korte[5] deixou escrito que "no decurso dos cinco primeiros anos da chegada dos imigrantes, todos os povoados já haviam construído suas primitivas capelas". Contudo, é bom dizer que muitas capelas foram construídas fora do plano do Dr. Blumenau, que achava ideal construir uma capela a cada 20 quilômetros, juntamente com o cemitério. No lugarejo onde nasci, "Crosara", alguns moradores do célebre caminho dos pomeranos (Pomerstrasse), entre eles os Mattedi, os Campregher, os Cristelli, os Dalpiaz, os Giovanella, os Bortolini, construíram uma capelinha a Nossa Senhora das Dores (La Dolorata) em terreno cedido por Paulo Mattedi e Antônio Bortolini. Esta capela ficava na encruzilhada, próxima a um córrego.

Não tenho certeza se o cônego Giacomo Vicenzi[6] trabalhou na construção desta capela, mas ele deixou escrito no livro *Uma Viagem ao Estado de Santa Catarina*, p. 40, que amava com predileção esta capela, por ter ajudado a construí-la. Alguns "crosaroti" queriam uma capela maior e mais bonita, digna de Nossa Senhora das Dores, e meteram-se a construir outra no lugar onde hoje se encontra o cemitério municipal. Aliás, este lugar já era um cemitério e ali foram sepultados os primeiros imigrantes que morreram, os quais, segundo Angelin Lenzi, na entrevista que me deu, foram: La dona del (a mulher de) Luigi Purin, la dona del Ricieri Busarello, el Ropellatto e la mama (mamãe) del poro (do falecido) nono (avô) Vigilio Bona. Mal começaram os alicerces e a briga começou também entre os

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

membros da comunidade.

Então, para acalmar os ânimos, sem, claro, mudar o protetor (neste caso a protetora Nossa Senhora das Dores), os "Crosaroti" resolveram construí-la em terreno cedido por Andrea Campregher, situado, outrossim, perto de um riacho e no lugar onde morava o seleiro Hermínio Dalmonico, bem em frente à casa dei "veci árabi". O padre Victor Vicenzi in opus[7] escreve com carinho sobre esta capela, a ponto de dizer que havia duas festas: uma, a 15 de setembro, em homenagem a Nossa Senhora das Dores (La Dolorata), e outra, a 16 de setembro do mesmo mês, em homenagem a São Roque.

Escreveu que a música vinha de Rodeio e que o povo se divertia, cantando a "squarciagola" canções de Trento e Veneza. Conclui Vicenzi: "Os alemães que vinham das redondezas também cantavam os seus cantos e os garrafões de pinga iam se esvaziando". A terceira e última capela foi construída sobre uma colina em terra cedida "mezzo a mezzo" por Giuseppe Cristelli e Carlo Giovanella. O santo protetor da peste, São Roque, voltou perto de Santo Antônio. A estatueta de São Roque, em madeira, foi esculpida por Giovanni Filippi, dito o "sciopetero" (o soltador de foguetes). Parece-me que ele esculpiu em madeira também a imagem de Santo Antônio que foi mandada queimar pelo Padre Lucínio Korte, de tão feia que era e assustava os fiéis. "I santieri" (Os santeiros), fazedores de obras sacras, existiam em todas as colônias de imigrantes italianos do Sul do Brasil. Muitos objetos de culto, como crucifixos, castiçais, candelabros, lampadários, matracas, umbelas, imagens de santos e santas, foram feitos por eles.

Tais obras sacras eram feitas em madeira, barro, cimento, cera, estanho, ferro, lata, prata, etc. (não achei nenhuma em ouro) e podem ser admiradas na "Capela do Imigrante" no Museu Arquidiocesano Dom Joaquim de Azambuja, em Brusque. Apenas por curiosidade devo dizer que no limite entre o município de Siderópolis e Nova Orleans pode-se admirar um crucifixo esculpido por Angelo Moro (dito o leto). Tal crucifixo é conhecido como o "Cristo Grande", pois possui três metros e meio de altura e o corpo de Jesus possui um metro e setenta. Conta-se que uma vez um colono, vendo o Cristo Grande de Angelo Moro, teria exclamado: "Ma che

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

de Oliveira, bispo de Florianópolis, que visitara o Curato em julho de 1915), achou que estava construída em posição esplêndida e que eram sem fundamento as queixas da oposição contra o lugar da nova capela. Uma comissão desta mesma oposição teve por resposta que Sua Excelentíssima achava ridículas as razões por ela alegadas contra esta posição, e que desejava todos se conformassem com a sua decisão a este respeito. Os membros oposicionistas da Encruzilhada, nada se importando deste conselho do seu pastor nem das súplicas do seu vigário, começaram a reconstruir a capela velha. O vigário mandou para lá o seu coadjutor R. Pe. Justino Girardi para reconciliar os ânimos exaltados, ou se outro meio não houvesse, aceder à exigência dos adversários e fazer uma liqüidação enquanto sem violar as leis canônicas fosse realizável. Contra as próprias exigências anteriores, a oposição negou-se de entrar em qualquer discussão a respeito desta liqüidação por eles mesmos reclamada, pretendendo todo e exclusivo direito sobre a capela, as alfaias, imagens e mais objetos nela existentes, recusando-se de entregar as chaves aos fabriqueiros legítimos. O vigário, não querendo deixar nas mãos de tais rebeldes os vasos sagrados e paramentos, nem tampouco a preciosa estátua da padroeira N. Sra. das Dores - cuja propriedade, conforme os documentos existentes, pertencia ao convento dos Padres Franciscanos de Rodeio -, se dirigiu ao Sr. Juiz do Direito de Blumenau e obteve a ordem de retirar estes objetos da capela velha. No dia 11 de setembro chegaram o Sr. Comissário da polícia de Indaial, o oficial da polícia de mesmo lugar e mais dois praças, que acompanhados pelo Revmo. Pe. Justino Girardi e outras pessoas foram para Encruzilhada. Aí encontraram a maior parte dos membros da oposição, que contra a expressa vontade do vigário, estavam fazendo consertos no edifício da capela. Com alguma dificuldade e perigo conseguiram retirar a estátua de N. Sra. das Dores do armário com os paramentos; não puderam tirar o cálice e a âmbula por estarem no tabernáculo, cuja fechadura fora propositalmente de tal modo estragada que se tornou impossível abri-la. No dia 18 de setembro o vigário teve de ir a Blumenau, onde soube do advogado Dr. Victor Konder que um dos chefes da oposição, Celeste Filippi, estivera com ele para dar denúncia contra o vigário. O Sr. advogado não aceitou o processo, dizendo ser a

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

questão da competência eclesiástica. Não soube dizer se o Celeste Filippi se tenha dirigido a outro advogado mais prestável em tal negócio. "Em primeiro de outubro dei conhecimento de tudo quanto aconteceu ao Exmo. Sr. Bispo Diocesano". (Em anexo o escrito do Padre Solano).

Comenta a respeito deste incidente, Riolano Azzi[12]: "O recurso à força, em geral, obtém um resultado imediato e satisfatório, mas dificilmente resolve os problemas em profundidade. Apenas consegue protelá-los, mantendo-se geralmente à sombra um clima de insatisfação que mais tarde tende a avolumar-se". O problema não se avolumou porque os rebeldes da "Crosara" (chamada pelo padre Solano de Encruzilhada) debandaram para outras plagas.

Brabeza exacerbada dos primeiros imigrantes italianos também veio à tona contra os frades alemães. Acontece que em 1891 o padre José Maria Jacobs, então vigário da imensa Paróquia de São Paulo Apóstolo com sede na cidade de Blumenau, deixava a paróquia e a confiava aos padres franciscanos, que para melhor atender aos fiéis imigrantes italianos, tão distantes de Blumenau, resolveram escolher Rodeio para a residência permanente de um sacerdote. Em 1894 o frei Lucínio Korte já estava com residência fixa em Rodeio. Em 1897 os frades começaram a construir a bela igreja dedicada a São Francisco de Assis. Em 1900 (25 anos após a chegada dos imigrantes italianos a Rio dos Cedros), o bispo D. José de Camargo Barros estabelece o Curato de Rodeio, desgostando alguns vênetos de Ascurra e também alguns riocedrenses. Negar o desvelo pela cura das almas e negar a obra pastoral dos franciscanos em Rio dos Cedros seria cometer uma injustiça. Teriam eles sido severos demais? Exigentes demais para com o catolicismo romano e seu culto? O padre Dall´Alba[13] traz em seu livro *Imigração italiana em Santa Catarina* trecho do relatório do Cav. Gherardo (dei Principi) Pio de Savoia, Regio Cônsul em Florianópolis, escrito em 1900, nestes termos: "Como os jesuítas em Nova Trento, os franciscanos alemães em Rodeio e sobre toda a linha de Guaricanas ao Rio dos Cedros, exercitam uma autoridade extraordinária, incontestada, medieval. Porém, apesar do prestígio da religião, da popularidade do hábito e da santidade de vida, pareceu-me que são mais respeitados e temidos que

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

amados pelos nossos compatrícios. Dominados também eles, os franciscanos, por preconceitos de raça, mais virulentos em gente de origem plebéia como geralmente eles são, não estimam e não amam os italianos. Falam-lhes a língua (como o negociante se esforça para conhecer a do cliente), mas lhes ignoram as vias do coração, e nada tendo em comum com eles, além do vínculo religioso, são induzidos a tratá-los sem nenhum respeito em todo o resto".

Faço notar que o padre Lucínio Korte, em carta de 2 de fevereiro de 1902 ao cônsul Pio de Savoia, desmente veementemente os dizeres do cônsul. Diz o padre na carta: "Isso que escreve V. Excia. sobre preconceitos de raça de que se acham imbuídos os franciscanos alemães, eu o desejaria antes aplicar a V. Excia. mesma, ao menos as referências no boletim, como me parece e a quem as ouviu, ainda que seja italiano, inspirou uma forte antipatia contra os alemães. Posso assegurar a V. Excia. que nós, como sacerdotes e franciscanos, estamos acima dos preconceitos de raça; temos abandonado para sempre pátria, país, parentes e amigos, como também as comodidades de um país civilizado, com a pura intenção de socorrer as populações do Brasil, sem perguntar se são alemães, italianos ou de outra nação"... "O que V. Excia. diz, que os franciscanos alemães são virulentos com gente de origem plebéia, que não estimam os italianos e lhes falam como o negociante, etc. estas palavras, me perdoe V. Excia., são de tal vileza que não teria jamais imaginado em sua pessoa. Para nós, Sr. Cônsul, não há plebeus de condições, como para Vós; nós abraçamos o mais mesquinho e pobre com a mesma caridade, como aqueles em traje de seda; aliás, como filhos de São Francisco preferimos estar com os pobres e humildes antes que com os ricos e nobres. E se os franciscanos aqui sacrificam a si próprios, o tempo e as forças para atender às necessidades espirituais dos colonos italianos e não temem nem o calor nem a chuva, nem os precipícios das estradas ruins, se fazem viagens de 50 e de 100 Kms, como ocorreu há poucos dias, para visitar e confortar um pobre moribundo italiano (e o temos feito já por bem 10 anos), como V. Excia. pode ainda falar de virulência "nesta gente plebéia", e dizer que não estimamos e amamos estes pobres colonos! Para se fazer de contínuo tais sacrifícios, se precisa,

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

parece-me, um pouco mais de amor e de estima do que proferir algumas belas palavras de fraternidade, etc.".

Eu acredito que o elemento religioso em nada influiu na ojeriza dos primeiros imigrantes italianos para com os frades de Rodeio. E então, de onde veio tal ojeriza? De uma rivalidade política pela independência de Trento, ainda lá na Itália? Teriam alguns rebeldes italianos de Rio dos Cedros considerado partidários da Áustria os pobres frades? Haveria, talvez, uma inveja velada pelos alemães e sua cultura? Pelo etnocentrismo alemão que considerava a raça alemã o centro de cultura superior à italiana? Os alemães teriam aversão aos colonos italianos pela concorrência ecológica, na luta do novo ambiente?

Uma rivalidade política até que é possível admitir, levando-se em consideração que tiroleses e trentinos, como súditos da Áustria, não agüentavam ver Trento como capital de uma província austríaca. Quanto à cultura alemã confrontada com a italiana da época, nem há comparação. Os imigrantes italianos eram em sua maioria colonos e de pouca cultura. Os imigrantes alemães, além de mais cultos, não eram somente colonos; havia entre eles: artesãos, comerciantes, profissionais liberais, engenheiros, médicos, etc.

Na Alemanha, após os abalos políticos de 1848, muitos intelectuais acharam por bem buscar outros lugares, e a América foi um lugar que os acolheu. Não é qualquer colônia que pode contar com um Fritz Müller, grande amigo de Darwin. Pio de Savoia, em seu relatório de 1900, deixa transparecer que se os alemães detinham o poder político, social, econômico e também o cultural, e em pouco tempo os italianos poderiam estar *paripassu* com eles. Afirma o cônsul, orgulhosamente: "O colono italiano não pode ser posto nem um degrau abaixo do alemão no que tange à força física, à resistência ao trabalho, às privações, à inteligência e à iniciativa." (apud Dall´Alba, opus cit, p. 114).

Supor uma concorrência ecológica, como quer Roberta Saccon[14] quando afirma: "Duas podem ser as razões da aversão alemã com relação aos colonos italianos. Uma pode ser identificada na 'concorrência ecológica' dos colonos italianos frente aos colonos alemães, na luta entre as duas

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

etnias pela conquista do novo ambiente. A segunda pode ser relacionada com a cultura alemã". Esta concorrência não existiu, pois Rio dos Cedros foi habitado por várias etnias: italianos, austríacos, alemães, poloneses, russos e caboclos. Com exceção dos caboclos, considerados pelos imigrantes como uma raça inferior, entre as outras variadas etnias nunca houve problema sério. Os alemães prestaram muita ajuda aos primeiros italianos, principalmente com atafonas, engenhos, casas comerciais. Ajudavam, inclusive, nas festas de igreja, ainda que protestantes, e naquela época a palavra "protestante" provocava a ira dos frades.

Por que a aversão ao caboclo? Muito simples: o caboclo era mal visto porque era uma pessoa preguiçosa, embora fosse manso, humilde, simples, analfabeto e cheio de tabus. Desde quando o caboclo se interessou em ter uma casa confortável? Ele construía seus ranchos em terrenos dos colonos, cobertos de sapé, chão batido, cama de ripas de palmito. Mantinha em frente ao rancho um terreiro sem nem uma flor ou uma hortaliça. Comia carne quando caçava tatus ou matava passarinhos. Nunca se interessou pela educação de seus filhos. Cultuava um misticismo fetichista, animista, satanista. Acreditava piamente no caiporismo, nas cousas que dão peso, quebranto, mau-olhado, mau-assombro; no lobisomem, na mula-sem-cabeça, no boitatá, no saci-pererê. Recorria a sortistas e adivinhos. Metia-se a interpretar os sonhos. Acendia vela nas sepulturas. Plantava cruzes nas estradas onde alguém tivesse sido assassinado. Acreditava piamente nas benzeduras e mandava as bezendeiras costurar papos, hérnias. Fazia feitiços com sapos, galinhas pretas, cabelos, terra de cemitério, retratos. Recitava rezas incoerentes... Trabalhava, pobre coitado, como agregado.

O ódio pelos frades alemães de Rodeio chega ao ápice num atentado a bomba sofrido pelos padres (freis) Gerard Polycarpo e frei Modesto Dechtering no dia 29 de abril de 1904, na capela de Rio dos Cedros. Encontrei a descrição deste atentado na Crônica do Convento de São Francisco de Assis de Rodeio[15] . O cronista, Frei Lucínio Korte, fez a descrição em latim que pode ser lida nesse idioma nas Notas de Fim. Aqui procuro traduzir a crônica praticamente *ad litteram*. Diz-nos o cronista: "No dia 29 de abril aconteceu um fato grave e na realidade inaudito para esta região. O

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

padre (frei) Gerard Polycarpo e o Pe. Modesto Dechtering estavam na capela de Rio dos Cedros para preparar as crianças para a primeira comunhão solene. Na noite anterior à festa, malfeitores, não sei por qual ódio diabólico conduzidos, sob o assoalho da casa paroquial onde os frades dormiam, explodiram uma forte explosão de dinamite que fez com que a casa tremesse inteira. Tão forte foi a explosão que o assoalho se rompeu em partes pequenas e os móveis, os livros, as roupas, etc. foram lançados no pavimento superior. Os próprios frades, dado o ímpeto forte da bomba, foram lançados para o alto com as camas e a não ser por uma proteção especial de Deus foram salvos. Entretanto, o padre Modesto, por estar muito ferido com ferimentos externos e internos, foi levado para ao Convento de Blumenau e dali ao hospital, para receber cuidados médicos."

O cronista não nos diz se o padre Polycarpo tinha se ferido gravemente e nem fala quem foi o causador do atentado, embora desconfiasse de um tal Delfonso que se fazia passar por Doutor e que por furto foi preso em Blumenau. Mas os frades não abriram inquérito. Perdoaram.

Francamente, eu nunca pude entender bem o fanatismo de alguns imigrantes italianos pela mãe pátria, a Itália. Nunca pude entender este patriotismo que raia à estupidez quando se quer matar dois servos de Deus por falarem alemão e nem serem austríacos. Tenho lá minhas razões por não entender, e são elas: 1ª. Com exceção, talvez, de umas 50 pessoas, os primeiros imigrantes de Rio dos Cedros falavam dialetos e nem entendiam o italiano. E mais paradoxal que pareça, os frades de Rodeio distribuíam aos domingos um jornalzinho intitulado L'Amico, fundado pelo frade Lucínio Korte, redator-chefe; seu companheiro de hábito frei Fidelis Kamp e o professor Giuseppe Zanluca. José Ferreira da Silva[16], no livro a *Imprensa em Blumenau*, faz referências a este jornal e tece este elogio ao professor Zanluca: ... "homem inteligente e de bastante cultura, foi igualmente o chefe das oficinas impressoras, aliás, bem modestas."

L'Amico, fundado em 1904, circulou até 1917. Escrito em bom italiano, com exceção de alguma propaganda, tinha por finalidade principal zelar pela conservação dos princípios católicos, e após o título trazia: "Periodico settimanale pel popolo cattolico" (Periódico semanal para o povo

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

católico). O número 21 de maio de 1909 alerta os católicos contra o socialismo, considerado pelos frades uma verdadeira desgraça: "Ognuno stia attento sopra sè, acciochè tale disgrazia non accada anche a lui. La vita dell´uomo è una lotta continua tra il bene ed il male". Cada um vigie sobre si mesmo (esteja atento) que tal desgraça (de ser socialista) não lhe aconteça. A vida do homem é uma luta contínua entre o bem e o mal. O nº 8º, de 18 de fevereiro de 1906, traz uma barzelleta (piada): "Due amici s´incontrarono per via":

- Dove vai?
- Mah! non lo so. E tu?
- No ho alcuna direzione.
- Bene, affrettiamo il passo, altrimenti arriveremo in ritardo.

(Dois amigos se encontraram na estrada:)

- Aonde vais?
- Puxa vida, sabes que não sei? E tu?
- Não tenho nenhuma direção definida.
- Neste caso, aceleremos o passo, caso contrário chegaremos tarde.

Deliso Villa[17] diz-nos: "Nel 1861, su 26 milioni di abitanti, solo 600.000 parlavano l´ italiano. Venticinque anni dopo, su 100 italiani, almeno 70 firmavano ancora con la crocetta. Nelle scuole del Regno si usava abbondantemente il dialetto. Nel Veneto si parlava comunemente "Italgia" (Itália) e "italgiani" (italianos). (Em 1861, entre 26 milhões de habitantes, somente 600 mil falavam o italiano. Vinte e cinco anos depois, em cada 100 habitantes italianos ao menos uns 70 assinavam ainda com uma cruzinha (isto é, eram analfabetos). Nas escolas do Reino usava-se freqüentemente o dialeto. Na região vêneta dizia-se comumente "Italgia" (Itália) e "italgiani" (italianos)).

2ª. O *Contrato*, capítulo VI, com Caetano Pinto Júnior[18], diz que a viagem dos imigrantes era de graça, pois: "Nem o governo nem o empresário poderá haver dos imigrantes, a título algum, as quantias despendidas com subsídios, socorros, transportes e alojamentos dos mesmos imigrantes". Entende-se bem, viagem (transporte) de vinda-e-não-de-volta, pois o

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

adeus dos imigrantes era praticamente definitivo para a maioria pobre e sem recurso para voltar. E continuava essa gratuidade no capítulo VII: "O governo concederá gratuitamente aos imigrantes hospedagem e alimentação durante os primeiros oito dias de sua chegada, e transporte até as colônias do Estado a que se destinarem". O capítulo XIII enfaticamente diz: "Todas as expedições de imigrantes serão acompanhadas de listas, contendo o nome, idade, naturalidade, profissão, Estado e religião de cada indivíduo."

Claro está que tais listas se perderam, pois o Arquivo Nacional do Rio de Janeiro (Livro de Registros de Imigrantes do fim do século XIX e começo do século XX) bem pouca coisa nos elucida a respeito dos nossos imigrantes de Rio dos Cedros.

3ª. A maioria absoluta dos imigrantes de Rio dos Cedros era trentina, de nacionalidade austríaca, e outros poucos eram lombardos e vênetos, e tenho por mim que nunca souberam com precisão das lutas de unificação, se bem que o nono Vigilio Bona (um dos meus entrevistados) achasse que a Itália traiu o Santo Padre Pio IX, roubando-lhe as terras da Igreja.

Os frades alemães tiveram que lutar em Rio dos Cedros com uns poucos socialistas, liberais e anarquistas por causa da escola, mas não acredito que tais anarquistas quisessem a morte dos padres Policarpo e Modesto. Mesmo porque, em Rio dos Cedros dois nomes chamam a atenção no tocante ao movimento anárquico e socialista: Giovani Rossi e Ermembergo Pellizzetti. Rossi, na verdade, foi o fundador do socialismo anárquico italiano e internacional e foi hostil ao padre Lucínio Korte, já que o padre não via com bons olhos o patriotismo e o anarquismo exagerado de Rossi. Pellizzetti mostrou-se hostil aos padres franciscanos, quando se empenhou em fundar as escolas ditas "italianas", em oposição às escolas paroquiais. Tais escolas italianas foram também pivô de discórdias entre os imigrantes italianos (ao menos para alguns) e os frades alemães de Rodeio, e isto principalmente pelo cultivo da italianidade e a liberdade de pensamento, como teremos oportunidade de ver quando falarmos da escola e da instrução em Rio dos Cedros.

A. Perini[19], em 1852, via deste modo o nosso trentino: "O caráter

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

de um modo geral ou o temperamento do homem trentino é sanguíneo-bilioso. .... A cabeça é um tanto grossa, o olho vivaz e penetrante, a expressão complexiva da face grave e sagaz. .... O trentino é inteligente como o são de ordinário os habitantes dos lugares montuosos. ... Ama e encontra na religião e na família os melhores e muitas vezes os únicos confortos que possui". (p. 489)

Por ser o trentino do começo da imigração (1875) homem de não levar desaforo para casa, o jornal alemão Deutsche Zeitung de outubro de 1875 fala mal dele, caluniando-o de vagabundo, de preguiçoso, de aposentado do Estado e por aí afora, mas nós sabemos muito bem que o nosso trentino é laborioso e possui de sobra talento industrioso. Por tal motivo o hino que escrevi para Rio dos Cedros tem estas estrofes:

Se a floresta gemeu em estalos,
E ao machado e à serra cedeu,
Do labor, do cansaço e dos calos
Rio dos Cedros, briosa, nasceu.
...
Os teus filhos com honra e saber
Levam longe teu nome sagrado.
É a cultura cedrense a colher
Fama ímpar por todo este Estado.

Notas de fim

1 CURUZIANO, A. M. Blumenau na Província de Santa Catarina no Brasil. **Blumenau em Cadernos**, Tomo XXVI, nº 1, jan. 1985, p. 17-18.

2 VICENZI, V. Pe. Perfil de um líder. In **Blumenau em Cadernos**, Tomo XVIII, nº 6, jun. 1997, p. 193.

3 CORRADIN, G. Pe. ... **E cantavam** (à nossa Pátria Brasileira). Porto Alegre: Editora Meridional EMMa ....., s/d. p. 155.

4 KORTE, Lucínio. Documento Histórico. **Blumenau em Cadernos**, Tomo XVIII, nº 2, fev. 1977, p. 49.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

5 VICENZI, G. Cônego. **Uma Viagem ao Estado de Santa Catarina em 1902.** Nicteroy: Typographia Amerino, 1904, p. 40.

6 VICENZI, V. Pe. **História de Rio dos Cedros**. Blumenau. Edição Casa Dr. Blumenau, 1975, p. 108.

7 SCHMITT, Solano. **Livro de Tombo do Curato de Nossa Senhora da Conceição de Rio dos Cedros**, no 1, p. 6 e verso.

8 VICENZI, Victor. **História de Rio dos Cedros**. Blumenau. Edição Casa Dr. Blumenau, 1975, p. 109.

9 BOHN, Antônio Francisco. As primeiras paróquias de Itajaí, Gaspar, Brusque e Blumenau. **Blumenau em Cadernos**, Blumenau, Tomo XXX, 11/12 - nov./dez. 1989, p365.

10 SCHMITT, Solano. A questão da Encruzilhada. **Livro de Tombo do Curato de Nossa Senhora da Conceição de Rio dos Cedros**, no 1, p. 6 e verso.

11 AZZI, Riolano. **A obra de Dom Bosco em Santa Catarina**. São Paulo. Editora Salesiana Dom Bosco, 1988, p. 143.

12 DALL´ALBA, J. L. **Imigração italiana em Santa Catarina** (Documentário). Florianópolis. EDUCS-EST ed. Lunardelli, 1983, p. 110.

13 SACCON, Roberta. "Italianos no Vale do Itajaí: Algumas considerações sobre o processo de integração", in **Nosso Passado (in) Comum**. Blumenau. Ed. da Elgebra, 2000, p. 244.

14 SILVA, José Ferreira da. **A imprensa em Blumenau**. Florianópolis. Edição do Governo do Estado de Santa Catarina, 1977, p. 23.

15 VILLA, Deliso. **Storia Dimenticata** – Porto Alegre. SAGRA – DC – Luzzato editores, 1993, p. 17.

16 JUNIOR, Caetano Pinto. "**Contrato**" Decreto no 5.663 de 17 de junho de 1874, capítulos VI, VII, XIII.

ii"In occasione della sagra di s. Lorenzo che ieri correva in Mattarello trovavasi colà in pattuglia il Capoposto Ziller, Gendarmi Dorigatti, Rizzi e Bellotti, verso le ore 9 pom. mentr'erano sulla pubblica piazza usciva dall'osteria di Catterina Campolongo, Domenico di Giovanni Zanella, il quale appena sortito si mise a gridare le precise: Ah che no gò paura ne da due ne da dieci Gendarmi: e nello stesso tempo s'avvicina alla pattuglia com minacce ed orrende bestemmie, di maniera che a tale grido Domenico Burati macellaio di Mattarello sortiva pure dalla medesima osteria gridando: - dai ai Gendarmi Sacramento; In allora il capoposto Ziller, s'avvicinò domandando loro cosa avessero di contrario coi Gendarmi, a tali interrogazioni tutt'ad un tratto si radunarono in vicinanza circa 100 persone le quali gridarono in generale tutte: - Viva l'America dai: perció il Capoposto intimò loro

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

[17] PERINI, A. "**Statistica del Trentino**" Trento 1852, p. 489. (Il caractere o temperamento dell'uomo trentino è sanguinoso-belioso. ... La testa è piutosto grossa, l'occhio vivace e penetrante, l'espressione complessiva della faccia grave e sagace. .... Il trentino è intelligente come lo sono di ordinario gli abitatori de' luoghi montuosi. ... Ama e trova nella religione e nella famiglia i migliori, ed assai spesso i soli suoi conforti." (p. 489)

Fontes de pesquisa

a) Fontes primárias:

Archivio di Stato – Trento (Itália)

Biblioteca Universitá degli Studi – Trento (Itália)

Arquivo Nacional do Rio de Janeiro (Livro de Registros dos imigrantes do fim do séc. XIX e começo do XX)

Arquivo da Paróquia Nossa Senhora da Imaculada Conceição de Rio dos Cedros

Arquivo do Convento Franciscano de Rodeio

Arquivo Histórico José Ferreira da Silva – Blumenau: Caixa Colonização Italiana

Arquivo Histórico Eclesiástico de Santa Catarina – Florianópolis

b) Outras fontes:

"Chronica Conventus S. P. Francisci, Prov. Imac. Conceptionis in Rodeio, inde ab anno 1892."

Referências bibliográficas.

CURUZIANO, A. M. Blumenau na Província de Santa Catarina no Brasil. **Blumenau em Cadernos**, Tomo XXVI, nº 1, jan. 1985.

VICENZI, V. Pe. Perfil de um líder. In **Blumenau em Cadernos**, Tomo XVIII, nº 6, jun. 1997.

CORRADIN, G. Pe. ... **E cantavam** (à nossa Pátria Brasileira). Porto Alegre: Editora Meridional EMMa ....., s/d.

KORTE, Lucínio. Documento Histórico. **Blumenau em Cadernos**, Tomo XVIII, nº 2, fev. 1977.

VICENZI, G. Cônego. **Uma Viagem ao Estado de Santa Catarina em 1902.** Nicteroy: Typographia Amerino, 1904.

VICENZI, V. Pe. **História de Rio dos Cedros**. Blumenau. Edição Casa Dr. Blumenau, 1975.

SCHMITT, Solano. **Livro de Tombo do Curato de Nossa Senhora da Conceição de Rio dos Cedros**, nº 1, p. 6 e verso.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

VICENZI, Victor. **História de Rio dos Cedros**. Blumenau. Edição Casa Dr. Blumenau, 1975.

BOHN, Antônio Francisco. As primeiras paróquias de Itajaí, Gaspar, Brusque e Blumenau. **Blumenau em Cadernos**, Blumenau, Tomo XXX, 11/12 - nov./dez. 1989.

SCHMITT, Solano. A questão da Encruzilhada. **Livro de Tombo do Curato de Nossa Senhora da Conceição de Rio dos Cedros**, nº 1, p. 6 e verso.

AZZI, Riolano. **A obra de Dom Bosco em Santa Catarina**. São Paulo. Editora Salesiana Dom Bosco, 1988.

DALL´ALBA, J. L. **Imigração italiana em Santa Catarina** (Documentário). Florianópolis. EDUCS-EST ed. Lunardelli, 1983.

SACCON, Roberta. "Italianos no Vale do Itajaí: Algumas considerações sobre o processo de integração", in **Nosso Passado (in) Comum**. Blumenau. Ed. da Elgebra, 2000.

SILVA, José Ferreira da. **A imprensa em Blumenau**. Florianópolis. Edição do Governo do Estado de Santa Catarina, 1977, p. 23.

VILLA, Deliso. **Storia Dimenticata** – Porto Alegre. SAGRA – DC – Luzzato Editores, 1993.

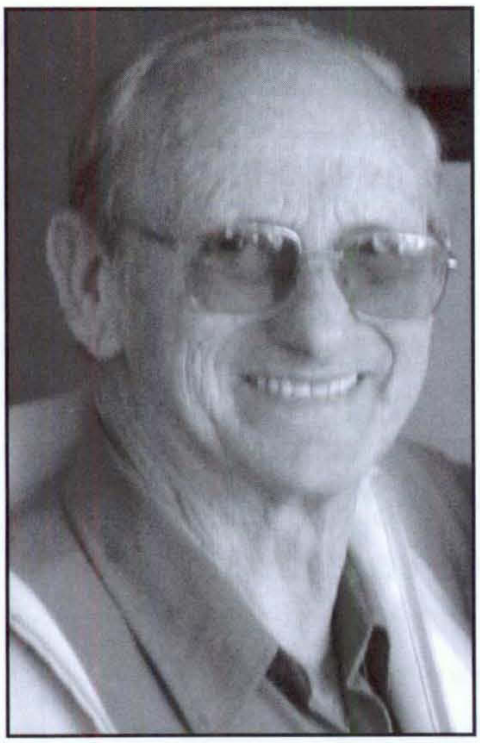
JUNIOR, Caetano Pinto. "**Contrato**", Decreto nº 5.663 de 17 de junho de 1874, capítulos VI, VII, XIII.

PERINI, A. "**Statistica del Trentino**", Trento 1852.

BOHN, Antônio Francisco. As primeiras paróquias de Itajaí, Gaspar, Brusque e Blumenau. **Blumenau em Cadernos**, Blumenau, Tomo XXX, 11/12 - nov./dez. 1989.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense



Síntese biográfica do autor

José Curi nasceu em Rio dos Cedros aos 15 de agosto de 1931. Estudou com os Salesianos de Ascurra, Lavrinhas, Pindamonhangaba e Lorena. É formado em Letras Neolatinas (bacharel e licenciado) e em Filosofia (bacharel). Tem curso de pós-graduação em Lingüística. É Doutor em Letras e Livre Docente em Lingüística. Professor da UFSC (Filologia Românica), aposentado. Além de pertencer à Academia Catarinense de Letras, pertence à Academia de Filosofia de SC e ao Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e a outras entidades culturais nacionais.

Poliglota, fala e escreve em várias línguas, e embora sua produção científica se restrinja a revistas especializadas, dele podemos ler: Juca Jacu & Cia (1979); Cassoga Capital Cassoga (1982); Traze-me o Girassol (1982); Curso de Italiano para Brasileiros (4ª.ed. em 2001); Raconti de Rio Cedro (1984); Resta quà con Noaltri (1987); Dúvidas de Português? Acabe com Elas (2002).

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

ANEXO

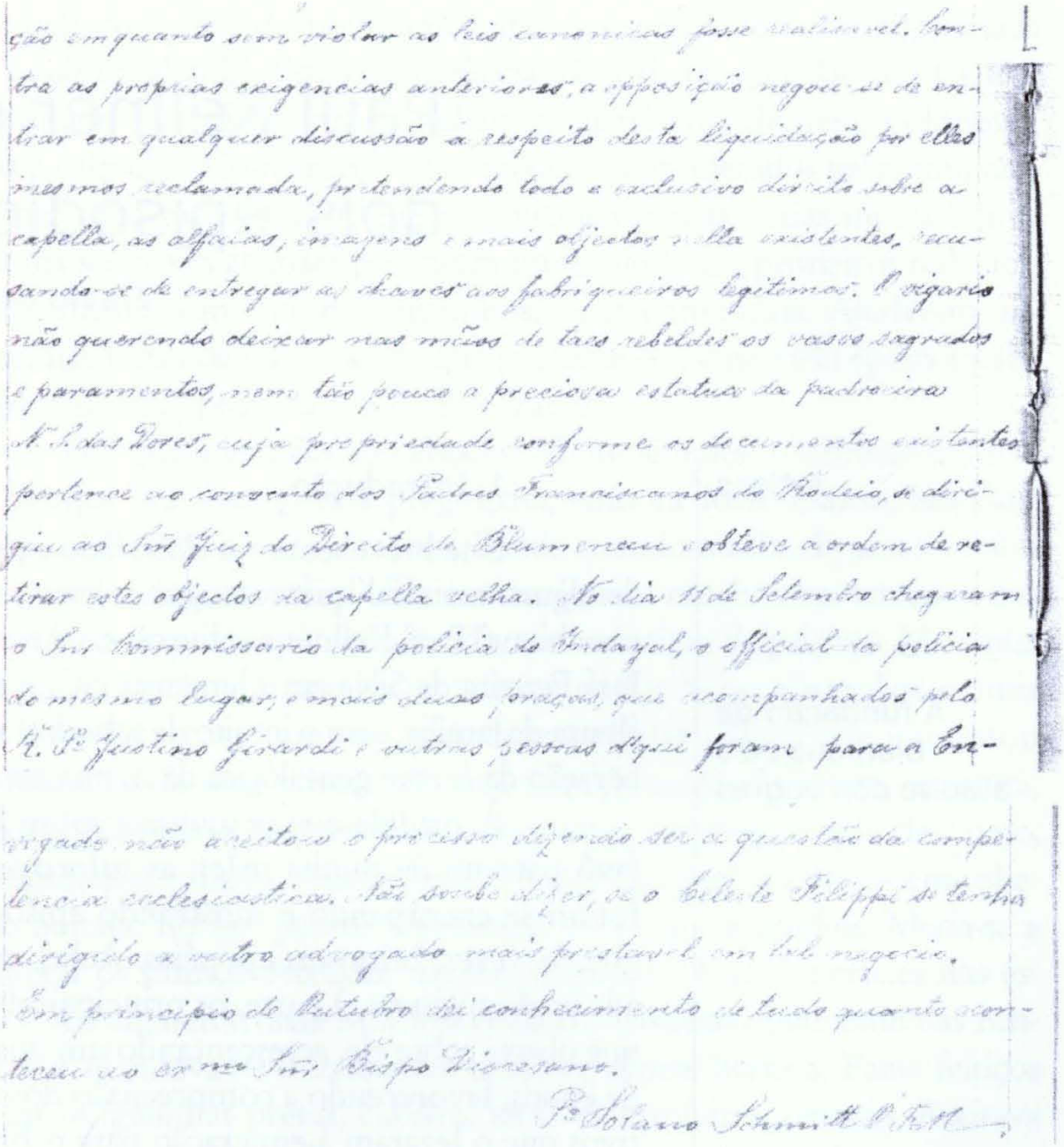
1) '13 A questão da Encrusilhada.

Visitando a nova capella da Encrusilhada o exmo Snr Bispo achou que estava construida em posição esplendida e que eram sem fundamento as queixas da opposição contra o lugar da nova capella. Uma commissão desta mesma opposição teve por resposta, que Sua Excia achava ridiculas as razões por ella allegadas contra esta posição, e que desejava todos se conformassem com a sua decisão a este respeito. Os membros opposicionistas da Encrusilhada, nada se importando deste conselho do seu pastor nem das supplicas do seu vigario, começaram a reconstruir a capella velha. O vigario mandou para lá o seu coadjutor, R. Pe Justino Girardi, para reconciliar os animos exaltados, ou, se outro meio não houvesse, acceder á exigencia dos adversarios e fazer uma liquida-

Die 19. Aprilis accidit factum grave di[illegible] in hisce regionibus. [illegible] Polycarpus et P. Modestus [illegible] ad capellam in [illegible] occupabantur in praeparatione puerorum pro 1a s Communione solemni. Nocte vero [illegible] pessimi malefactores nescio quo odio conducti diabolico, sub pavimento domus parochialis, ubi Fratres dormiebant, vehementem explosionem dinamite effecerunt qua domus tota graviter concussa est. Vis explosionis fuit talis, ut pavimentum inferius frangeretur in minimas partes et suppellectilia, libri, vestimenta [illegible] super pavimentum superius projecta invenirentur. Ipsi Fratres impetu forti una cum lectibus in altum elati nonnisi speciali protectione Dei salvi evaserunt. Tamen P. Modestus ex casu contusiones sat graves externas et internas retulit et ad hospitium Blumenaviensem transportari debuit ad subeundam curam medici.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense



ção emquanto sem violar as leis canonicas fosse realisavel. Contra as proprias exigencias anteriores, a opposição negou-se de entrar em qualquer discussão a respeito desta liquidação por elles mesmos reclamada, pretendendo todo o exclusivo direito sobre a capella, as alfaias, imagens e mais objectos nella existentes, recusando-se de entregar as chaves aos fabriqueiros legitimos. O vigario não querendo deixar nas mãos de taes rebeldes os vasos sagrados e paramentos, nem tão pouco a preciosa estatua da padroeira N. S. das Dores, cuja propriedade conforme os documentos existentes pertence ao convento dos Padres Franciscanos do Rodeio, se dirigiu ao Snr Juiz do Direito de Blumenau e obteve a ordem de retirar estes objectos da capella velha. No dia 11 de Setembro chegaram o Snr Commissario da policia do Indayal, o official da policia do mesmo lugar, e mais duas praças, que acompanhados pelo R. Pe Justino Girardi e outras pessoas d'qui foram para a Enrogado não aceitou o processo dizendo ser a questão da competencia ecclesiastica. Não soube dizer, se o Celeste Filippi se tenha dirigido a outro advogado mais prestavel em tal negocio.

Em principio de Outubro dei conhecimento de tudo quanto aconteceu ao exmo Snr Bispo Diocesano.

Pe Solano Schmitt O. F. M.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Paul Kellner e dois episódios

Flavio Farah

1. Introdução

Este breve texto foi elaborado a partir de algum material que consegui coletar sobre meu bisavô Paul Kellner em livros, no Arquivo José Ferreira da Silva em Blumenau (SC) e num álbum de família, com o intuito de subsidiar a elaboração da árvore genealógica da minha família.

À medida que pesquisava sobre Paul (avô paterno de minha mãe), as informações foram se encorpando e mostrando episódios que, às vezes, beiravam epopéias. Achei então adequado registrar, à parte, os principais dados que obtive sobre ele, acrescentando um quadro de época, favorecendo a compreensão dos motivos que o levaram à emigração para o Brasil. Apesar de não ter chegado a conclusões muito precisas, o breve quadro de época que montei me forneceu muitas pistas para a compreensão dos motivos da vinda de meu bisavô para o Brasil.

Paul Kellner emigrou em 1850. Seus descendentes encontram-se hoje espalhados por diversos pontos do Brasil e do exterior e, hoje, já seria difícil localizar todos eles.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Este pequeno trabalho é dedicado à memória de Paul Kellner e a todos seus descendentes. É também dedicado à cidade de Blumenau onde, direta ou indiretamente (via Internet), coletei muitas das informações aqui expostas. Lá tive também a oportunidade de encontrar o nome de meu bisavô, dentre os de outros imigrantes pioneiros, gravado numa das placas afixadas ao monumento ao Dr. Blumenau, na Praça Hercílio Luz.

2. Um panorama parcial da emigração alemã para o Brasil: a primeira e a segunda "ondas"

2.1 A primeira "onda" (1823-1830)

Após a proclamação da Independência do Brasil, em 1822, D. Pedro I teve problemas com a lealdade de parte significativa do seu exército. Muitos dos oficiais eram portugueses e tendiam a se manter mais fiéis a Portugal que, propriamente, ao Brasil. Ocorreram diversos episódios de insubordinação à nova ordem, envolvendo, principalmente, militares das províncias da Bahia, Piauí, Maranhão, Grão-Pará e Cisplatina. O governo brasileiro viu então, como saída, buscar mercenários na Europa para reconstituir um exército confiável. Aliciar pura e simplesmente mercenários era, porém, considerado ilegal nos países europeus. O governo brasileiro procurou então utilizar um estratagema mais sutil, dissimulando o aliciamento militar pretendido em meio a programas de colonização, o que se constituiu num excelente disfarce. Para todos os efeitos, o Brasil dispunha de um imenso patrimônio de terras agricultáveis, que clamavam por agricultores mais experientes. Criou-se então um programa de estabelecimento de colônias agrícolas no sul do país, cujo cunho, proposto por José Bonifácio Andrada e Silva, era alcançar o desenvolvimento econômico e a ocupação do território, com base na agricultura. Engenhosamente o programa abarcava (também oficialmente) algumas finalidades militares, com base na necessidade de assegurar a soberania nacional e a segurança dos colonos nas áreas a ocupar, como pode ser visto em PETRY (1982)[1], p. 25:

> *A idéia de José Bonifácio de um povoamento "agro-econômico-militar" seria desenvolvida através da fundação de colônias estrangeiras no sul do País para consolidar a segurança de nossas fronteiras e ocupação da terra.*

Um militar europeu com bom trânsito na Família Real brasileira, o

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

major Georg Anton Alouysius von Schaeffer, foi então encarregado, pelo governo brasileiro, de buscar na Europa os contingentes humanos necessários. O papel desempenhado por von Schaeffer superou qualquer expectativa, a ponto de causar grande desconforto para o Brasil em suas relações com o Velho Mundo. Aliciou tanta gente que chegou a ser chamado de "mercador de almas" pelo chanceler do Império Austro-Húngaro, Klemens Wencelas Lothar Metternich. Como também pode ser visto em PETRY (1982)[2], p. 26, foram enviados ao Brasil, entre 1823 e 1830, cerca de doze mil europeus, entre mercenários e colonos. Somente von Schaeffer conseguiu atrair de sete a dez mil imigrantes alemães.

Teve assim lugar uma primeira grande "onda" de emigração alemã para o Brasil, que deu origem a algumas colônias no sul do país, dentre as quais prosperou, por exemplo, a de São Leopoldo (no Rio Grande do Sul). Mas nesta "onda", utilizaram-se efetivamente estratagemas pouco ortodoxos para atrair europeus (que envolviam, principalmente, promessas de toda natureza, sem o respaldo das reais condições para cumpri-las).

Na primeira "onda", em Santa Catarina, estabeleceram-se também algumas colônias, mas estas não prosperaram como a de São Leopoldo. A "colônia" que mais se desenvolveu, em Santa Catarina, é mencionada em alguns documentos como "o lugar de Belchior", mas era efetivamente pequena e não tinha nem mesmo reconhecimento oficial, como pode ser visto em SANTOS (1994)[3]. Segundo a mesma autora, outras colônias estabelecidas em Santa Catarina, na planície do Itajaí não vingaram, principalmente em função de freqüentes ataques dos índios, denominados por *bugres* pelos colonizadores.

2.2 A segunda "onda" (1850-1880)

A partir de 1830, um pronunciado desgaste da imagem do Brasil na Europa, em função do aliciamento de colonos em larga escala, faria com que a emigração alemã para o nosso país declinasse rapidamente, logo caindo a níveis desprezíveis. O destino dos emigrantes alemães, a partir de então, concentrou-se mais notadamente nos Estados Unidos, atingindo grande expressão. No Brasil, a chegada de novos alemães só tomaria impulso, e aos poucos, a partir de 1850, como decorrência da atuação de um farmacêutico alemão chamado Hermann Blumenau.

Hermann Bruno Otto Blumenau nasceu a 26 de dezembro de 1819,

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

na pequena cidade de Hasselfeld, próxima a Braunschweig, na atual província alemã de Niedersachsen. Formou-se em Farmácia e, continuando seus estudos, doutorou-se em Química. Logo após a formatura em Farmácia empreendeu viagem cultural pela Europa e, em Londres, conheceu o Cônsul Geral do Brasil para o Reino da Prússia, Jacob Sturtz, através de quem teve seu interesse despertado sobre aquele grande e pouco conhecido país sul americano.

O período de formação de Hermann Blumenau coincide com o do expressivo desenvolvimento do naturalismo científico e de um certo fascínio pelos "*mistérios*" e pelo caráter "*exótico*" das terras do sul do Novo Mundo. Na Europa, causavam então impacto as obras e conferências como as do naturalista Alexander von Humboldt que, entre outros assuntos, tratava da sua expedição à América do Sul. Diga-se, de passagem, que Blumenau teve contato direto com Humboldt, através da influência de seus familiares.

Com o naturalismo científico, ganha também forma uma certa reação ao ambiente degradado que está se formando nas principais cidades industriais da Europa, então emergentes, que passam a apresentar marcantes problemas sociais e sanitários, pelo adensamento. O próprio termo *ecologia* surge em 1866, criado pelo médico e naturalista alemão *Ernst Heinrich Haeckel*, como a cristalização de um conceito de interdependência entre os seres vivos, e destes com o meio ambiente. A despeito de a questão ser tratada, a rigor, desde a antigüidade clássica, o próprio surgimento do termo *ecologia*, neste período, aponta para uma preocupação ambiental crescente, pelo menos entre os naturalistas. Neste quadro valorizam-se, simbolicamente, as terras mais intocadas.

Originavam-se também, na Europa da época, propostas e tentativas de implementação de *sociedades ideais*, genericamente classificadas como *utopias*. Algumas destas almejavam uma vida mais despojada, em pequenas comunidades, com menor apego às coisas materiais. Outras se agregavam em torno de religiões. Outras eram permeadas pelo também emergente ideário socialista. Neste período, muitos sonharam e, alguns, efetivamente tentaram estabelecer comunidades "utópicas" no Velho -e principalmente- no Novo Mundo.

Vivendo a Revolução Industrial, a Europa assistia ainda a uma crescente inquietação política e social. A partir de 1846, na França, ganha corpo um movimento popular comunista pré-marxista, aliado à

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

intelectualidade socialista, estabelecendo-se um crescente número de manifestações antimonárquicas, sistematicamente reprimidas. Em 24 de Fevereiro de 1848, quando as tropas do Rei Louis Philippe, a balas, reprimem impiedosamente uma manifestação em Paris, desencadeia-se uma sublevação armada. Louis Philippe abdica em favor de seu filho, mas este nem chega a assumir. No mesmo dia proclama-se a República e monta-se um governo provisório, composto por sete deputados republicanos. O episódio foi uma centelha capaz de incendiar aspirações semelhantes por toda Europa, gerando também manifestações na Alemanha, que tiveram início apenas dois dias depois.

A situação era, porém, peculiar na Alemanha. Naquele país, se o surgimento de indústrias já permitia verificar um quadro crescente de deterioração social e ambiental em algumas das maiores cidades, a industrialização atingia apenas um nível modesto, quando comparado ao da Inglaterra e da França. Não se caracterizava nem mesmo uma classe operária com massa capaz de alimentar uma revolução de cunho socialista ou comunista. A Krupp, por exemplo, fundada em 1810, contava em 1846 com apenas cerca de 140 operários. O próprio Karl Marx, que tentara iniciar pela Alemanha a disseminação de suas idéias junto ao operariado, logo percebeu que o proletariado alemão não significava, senão, um segmento muito estreito da pobreza alemã, o que (somado ao desconforto da sistemática perseguição política) o conduziu a ir atuar na Inglaterra, onde a indústria já se constituíra num setor mais significativo na economia.

Na Alemanha, a grande pobreza era principalmente rural e era também no campo que se encontravam cerca de dois terços da população. Além disso, safras muito fracas nos anos de 1846 e 1847 levaram a fome ao campo, facilitando ainda a disseminação de epidemias e resultando, por exemplo, na morte de 16.000 entre 80.000 pessoas atingidas pela febre maculosa.

Nos anos de 1848 e 1849 teve lugar na Alemanha uma série de revoltas que, pelo lado dos intelectuais, mesclava idéias liberais, republicanas, socialistas e comunistas; pelo lado da burguesia pregava o ideário liberal, em busca de uma monarquia constitucional ou da república e, pelo lado dos camponeses, simplesmente mostrava a revolta contra a fome.

Foi por ideais que, em 1848, um jovem médico e naturalista de nome Johann Friedrich Theodor Müller, ou simplesmente Fritz Müller, cujo nome será lembrado mais adiante, participou de uma revolta popular em Dresden.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Em breve, Müller teria problemas políticos suficientes para ter de deixar a Alemanha. Por coincidência, ainda na Alemanha, o mesmo Fritz Müller conheceu Hermann Blumenau, quando foi ser aprendiz numa farmácia em Naumburg.

É de se supor que o tipo de ambiente intelectual, político, econômico e ideológico vivido por Hermann Blumenau o impregnasse com doses variadas de alguns dos ingredientes já mencionados, desde a influência das características do ambiente de sua formação científica, passando talvez por alguma pitada de vontade de construir, ele mesmo, uma *utopia* e, quiçá, estendendo-se até por questões ideológicas. De qualquer forma, pode-se no mínimo afirmar que a situação de contorno que deu origem à segunda "onda" de emigração alemã para o Brasil (que teria efetivamente em Hermann Blumenau seu principal agente), reveste-se de um tom bastante diferenciado da primeira "onda" (reflexo de interesses militares do Governo brasileiro) e de uma futura terceira "onda", que viria a se estabelecer, mais ao final do Século XIX, de intenção mais notadamente *colonialista*, nos moldes que a palavra designaria no Século XX .

Para concretizar seu intento de fundar uma colônia alemã no Brasil, Blumenau passou, inicialmente, a atuar junto à *Sociedade de Proteção ao Imigrante Alemão*, de Hamburgo. Em 1846, já contava com o apoio oficial da Sociedade, e veio ao Brasil para estudar, junto ao Governo Imperial, a possibilidade de instalação de novas colônias alemãs no sul do país. Foi ver de perto as estabelecidas na primeira "onda", no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, tendo observado o franco desenvolvimento em que se encontrava São Leopoldo. Nesta viagem, Blumenau estabeleceu sociedade com um comerciante alemão radicado no Brasil, de nome Ferdinand Hackradt. Em 1848, foi pesquisar terras em Santa Catarina, onde se sentiu particularmente atraído pela ainda pouco explorada região do Vale do Itajaí. Lá vislumbrou o lugar para fundar a colônia com que sonhava. Voltou então à Alemanha, para conseguir colonos, deixando Hackradt encarregado dos preparativos para a recepção dos imigrantes, através da execução de benfeitorias na região escolhida.

3. A fundação da colônia Blumenau

3. 1 As dificuldades do Dr. Blumenau em conseguir colonos na Alemanha

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Na Alemanha mantinha-se ainda uma imagem bastante negativa do Brasil. Valendo-se dos meios de comunicação da época, o Dr. Blumenau passou a veicular intensa propaganda para atrair os almejados colonos. Chegou a escrever e divulgar um livro[4] para conseguir adeptos. O melhor resultado que pôde obter, porém, foi um total de dezesseis pessoas, incluindo-se aí uma criança de dois anos e um bebê de nove meses (as filhas de um casal disposto a emigrar). Conformado com um número tão reduzido de colonos, mas obstinado como era de seu perfil, Blumenau decidiu dar prosseguimento ao projeto. No dia 11 de Junho de 1850 embarcou, em Hamburgo, no veleiro *Emma & Louise*, da companhia de *Christian Mathias Schröeder*, juntamente com os dezesseis colonos, com destino ao Brasil. Entre eles, encontrava-se um rapaz alto e forte, de 23 anos, cujo nome era Paul Kellner.

Paul Kellner, cujo nome de batismo era Johannes Paul Kellner, nasceu na pequena cidade alemã de Schlewecke, próxima a Braunschweig (*Brunswick* em inglês e francês) na atual província de Niedersachsen, a 19 de fevereiro de 1827. Seu pai era um pastor evangélico luterano, que foi o pároco de Schlewecke entre 1817 e 1837, após o que a família se mudou para Barbecke, situada cerca de 15 km a sudoeste de Braunschweig. Informações fornecidas pela Igreja Evangélica Luterana de Braunschweig, através de cópias de páginas de obra de GRUHNE (1971)[5] mostram, na página 24, Paul citado como *soldado* que emigrou para o Brasil em 1850. Além disso, a Igreja forneceu também os nomes e dados de alguns de seus ancestrais e de cinco de seus sete irmãos, que estão transcritos no Anexo 1.

3.2 A chegada dos colonos ao Brasil

Para desgosto de Hermann Blumenau, a chegada ao local onde se fundaria a colônia reservava uma desagradável surpresa. Seu sócio Hackradt pouco ou nada havia providenciado. Tudo estava por fazer, o que exigiria dos colonos um esforço extra. Além do calor, da temida presença dos *bugres*[6], das doenças tropicais e da profusão de animais pouco conhecidos e, às vezes, realmente perigosos, os colonos deveriam cuidar do desmatamento e da construção de suas próprias casas. De qualquer forma, a chegada dos imigrantes pioneiros à região é fato até hoje comemorado na atual cidade de Blumenau, marcando a data de sua fundação. Como narraria mais tarde o próprio Paul Kellner, em carta que dirigiu ao cônsul alemão em Itajaí,

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Asseburg, por ocasião do cinqüentenário da fundação de Blumenau, assim se deu a chegada dos colonos ao Brasil:

> *"Em 21 de agosto de 1900, já passaram 50 anos que chegávamos com o veleiro Christian Mathias Schröeder" de Hamburgo a Santos, após uma viagem de 72 dias. Em Santos desembarcaram alguns passageiros para continuar viagem para São Paulo. De Santos seguimos viagem até Desterro[7], onde ficamos alguns dias na Alfândega. Num pequeno veleiro fomos de lá levados para Itajaí e, rio acima, até o lugar de Belchior. Neste lugar já nos esperava o Sr. Hackradt, com uma balsa, remada por dois brasileiros, e no mesmo dia, 2 de setembro de 1850, de tarde, desembarcamos com toda nossa bagagem no Ribeirão da Velha, pois as terras no Ribeirão do Garcia estavam ainda cobertas de mata virgem.*
>
> Éramos os seguintes passageiros:
> Reinhold Gaertner, de 26 anos, solteiro;
> Franz Sallenthien, de 24 anos, solteiro;
> Paul Kellner, de 23 anos, solteiro;
> Julius Ritscher, de 22 anos, solteiro;
> Wilheim Friedenreich, de 26 anos, casado, veterinário;
> Minna Friedenreich, de 24 anos, casada;
> Clara Friedenreich, de 2 anos;
> Alma Friedenreich, de 9 meses;
> Daniel Pfaffendorf, de 26 anos, solteiro, lavrador;
> Friedrich Geier, de 27 anos, solteiro, marceneiro;
> Erich Hoffmann, de 22 anos, solteiro, funileiro;
> Andrea Kohlmann, de 52 anos, casado, ferreiro;
> Johanne Kohlmann, de 44 anos, casada;
> Maria Kohlmann, de 20 anos, solteira;
> Christiane Kohlmann, de 17 anos, solteira;
> Andreas Boettcher, de 22 anos, solteiro, ferreiro.
>
> *Éramos ao todo 17 pessoas, e destas 11 eram homens.*
>
> *No Brasil sou a única pessoa a narrar ainda estes acontecimentos. Como ouvi, Sallenthien ainda vive, mas muito doente. Friedenreich perdeu a memória e não conhece mais ninguém, o que é de admirar, pois foi sempre homem muito lúcido. Dizem que se envenenou preparando insetos, borboletas e besouros com venenos muito fortes. Foi durante algum tempo funcionário do Museu de São Paulo. Minha saúde ainda é boa, mas sofro da vista, e custa-me hoje ainda escrever."*

A carta de Kellner a Asseburg foi publicada (em alemão) no jornal

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

"Der Urwaldsbote" nº 10, ano 8, de 01/09/1900, do qual se tem microfilme em Blumenau, no arquivo José Ferreira da Silva.

3.3 Paul Kellner e a fundação de Blumenau

3.3.1 A escolha do local de implantação da sede da colônia

Segundo depoimento de Bertholdo Costa (coronel reformado da Aeronáutica e um dos netos de Paul Kellner), prestado ao autor em 1997, a escolha do local de implantação da sede da Colônia Blumenau (atual cidade de Blumenau), na confluência do Ribeirão da Velha com o Itajaí, obedeceu apenas a vontade do Dr. Blumenau, porém, com forte oposição de Paul Kellner. Disse Costa que, uma vez indicado o local, Kellner apanhou do chão um pequeno punhado de terra e esfregou-o entre as mãos, lambendo-as a seguir. Disse então que o local era impróprio, pois sofria inundações. A despeito disso, prevaleceu a vontade de Blumenau. Vale frisar que a cidade, até os dias atuais, é das que mais sofre com inundações, no Brasil. Vale também comentar que Kellner em pouco tempo deixaria a sede da colônia e faria sua casa e um engenho de serra em local afastado, à margem do rio Itajaí-Mirim, em área não inundável.

3.3.2 A placa comemorativa do centenário da cidade

A cidade de Blumenau reverencia seus pioneiros. Na Praça Hercílio Luz, na região central, situada junto à margem do Itajaí, num local de bela paisagem, encontra-se um monumento erigido ao Dr. Blumenau, por ocasião do Cinqüentenário de fundação da cidade (1900). Em 1950, quando se comemorava o Centenário, afixou-se nova placa ao monumento, em seu lado direito (para quem o vê da rua), com os dizeres:

Para conquistar, com energia e coragem, uma nova pátria, aqui chegaram, a convite do Dr. Blumenau, em 2 de Setembro de 1850, os primeiros imigrantes: Reinnold Gärtner, Franz Sallenthien, ***Paul Kellner****, Julius Ritscher, Wilhelm Friedenreich, sua mulher Minna e duas filhas menores, Clara e Alma, Daniel Pfaffendorf, Friedrich Geier, Friedrich Riemer, Erich Hoffmann, Andreas Boettcher, Andreas Kohlmann, sua mulher Johanna e as filhas Maria e Christine. Para perpetuar sua memória foi colocada esta placa, no primeiro centenário de Blumenau (1950).*

4. Paul Kellner é atacado pelos índios

4.1 Duas flechadas e três versões

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

É ponto pacífico que Paul Kellner foi flechado por índios, à época da Blumenau colônia. Duas versões do episódio são narradas na edição comemorativa do primeiro centenário da cidade. A primeira delas, de José Ferreira da Silva, na página 8 da referida publicação, diz:

"Paul Kellner, pouco tempo depois de sua chegada, passou-se para a Barra do Rio, onde montou um engenho de serra. Seu estabelecimento foi atacado pelos índios, em 1855, justamente quando se construíam os fundamentos dêsse engenho. Kellner foi gravemente ferido por uma flecha. Os cuidados médicos que lhe dispensaram o sábio Fritz Müller e a sua natureza robusta e sólida, auxiliaram-no a refazer-se. ..."

Na mesma publicação consta uma segunda versão, na página 130, de autoria de Carl Wahle:

"Sabemos ainda que Paul Kellner teve nos primeiros anos um encontro com os índios. Certo dia andava ele de canoa no Itajaí-Mirim, com alguns companheiros, quando foram subitamente atacados pelos índios, ficando ele ferido por uma flechada nas costas. Depois de uma remada de três horas chegaram à Barra do Rio, onde a flecha foi tirada da ferida, que felizmente não era grave."

Além dessas duas versões, há uma terceira narrativa que, supõe-se, seja a mais fiel, por motivos mais adiante expostos. Publicado em 1930 pela a Câmara Municipal de Blumenau, um "Manual" destinado aos alunos das escolas primárias do município traz uma coletânea de textos em alemão, compilados por Rodolfo Hollenweger. Dentre inúmeros textos, apresenta-se um, denominado *Was Dr. Fritz Müller erzählt von dem Indianer – überfall am Itajahy-Mirim* (O que o Dr. Fritz Müller conta sobre o ataque dos indios à margem do Itajaí-Mirim). Trata-se de transcrição de trecho de carta enviada pelo referido Dr. Müller a um certo senhor Lamprecht. Diz o texto:

O que o Dr. Fritz Müller conta sobre o ataque dos índios à margem do Itajaí- Mirim

"No dia 9 de novembro de 1855, o meu amigo Paul Kellner se encontrava em suas terras, à margem do Itajaí-Mirim, a algumas horas de distância da sede da mais nova colônia fundada. Estava ele, juntamente com um suíço e um belga, carregando terra para construir uma barragem para um engenho de serra.

Tinha ele, depois do almoço, esvaziado a primeira carreta e estava carregando a segunda, quando o belga, de repente, gritou: os bugres! Kellner levanta os olhos e vê, a alguns passos de distância, numa pequena elevação do terreno, uns 8 homens nus, cor

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

de cobre, que com os rostos mais impassíveis do mundo retesavam seus arcos. O ousado e forte Kellner investe contra eles com uma pá; um dos bugres rapidamente recua; a pá bate contra o arco de outro, bem no instante que sua flecha partia. Destinada ao peito de Kellner, acaba acertando e atravessando seu braço direito, um palmo abaixo do ombro.

Ao mesmo tempo, seus dois companheiros caem ao chão, trespassados por flechas. Enquanto Kellner escapa rapidamente em direção à casa, distante somente uns 80 passos, uma segunda flecha atinge-o nas costas. Ele grita para a mulher do suíço para trazer-lhe um rifle. Esta, fora de si devido ao susto, corre ao seu encontro com um tição. Ele mesmo busca um rifle e, ainda com as duas flechas de 5 pés de comprimento no corpo, dispara 5 ou 6 tiros contra os bugres que, aos poucos, vão se esquivando por trás de troncos, e se retiram para a densa mata próxima.

O coração do suíço havia sido atravessado por uma flecha de madeira; ele morreu instantaneamente. Contra o belga, o maior e mais forte dos três, haviam sido disparadas duas flechas de ferro[8]*, que haviam atravessado seu corpo, das costas até a parte anterior do tórax. Kellner e a esposa do suíço ajudaram-no a entrar no barco e o primeiro começou a remar, rio abaixo, nas águas revoltas.*

Dificilmente teria ele, com seu grave ferimento, chegado até o próximo local habitado, uma serraria em Águas Claras se, por sorte, depois de mais ou menos um quarto de hora, não o tivessem encontrado o seu irmão mais moço e outro companheiro. Estes haviam se ausentado por alguns dias, para buscar provisões na foz do rio. Assim, chegaram todos em Águas Claras, onde, no fim da tarde do mesmo dia, o belga morreu.

Kellner fez com que se extraíssem suas flechas; três homens tiveram de puxar com toda a força a flecha das costas, que havia penetrado um palmo na caixa torácica, inclinada para cima; uma farpa estava presa numa das costelas, de modo que a fecha se quebrou, parcialmente, e somente pôde ser totalmente retirada, por mim, mais tarde.

No dia seguinte, o ferido foi levado para a casa de um amigo, situada depois da desembocadura do Itajaí Mirim no Itajaí- Açu.".

(O Dr. Blumenau e Fritz Müller foram chamados, para vir da colônia. Atenderam o ferido com bons resultados; já no dia 17 queriam iniciar a sua viagem de volta, mas foram impedidos por um temporal extraordinariamente forte e demorado. Tiveram de permanecer. No dia 19 de manhã receberam a notícia de que as cheias haviam carregado as paredes da casa do Dr. Blumenau. Somente no dia 23 iniciaram a viagem rio acima, com 5 remadores, chegando no dia 24.)[9]

"De Águas Claras foram até às terras de Kellner e encontraram, arrombados, baús e arcas; armas, utensílios e roupas haviam desaparecido completamente; a

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

farinha fora espalhada e os sacos que a continham foram levados. Um garrafão de aguardente empalhado permanecia intocado sobre a mesa. O relógio de parede estava em perfeito estado, mas à frente da porta, e marcava 5:30, provavelmente a hora em que foi movido. Um violino também ainda estava lá. Um tabuleiro de xadrez fora levado. O cachorro desaparecera, provavelmente devorado pelos bugres. Haviam despido o suíço e levado suas roupas.

Kellner recuperou-se com espantosa rapidez de seus ferimentos e retomou a construção de seu engenho de serra, logo após o Ano Novo de 1856. O presidente da província concedeu-lhe 500 mil réis, a título de indenização."

(De carta ao Sr. Lamprecht de 12 de maio de 1856)[10]

4.2 Quem era o Dr. Fritz Müller, o autor da carta?

Fritz Müller (Johann Friedrich Theodor Müller), já mencionado de passagem no item 2.2, era considerado, no âmbito internacional, como o "Príncipe dos observadores da natureza" e recebeu este "título" simplesmente de Charles Darwin, com quem se correspondia e trocava idéias sobre as teorias da evolução e da seleção das espécies. Por Haeckel, o criador do termo *ecologia*, Müller era chamado de "Herói da Ciência". Müller nasceu em março de 1822, na aldeia de Windischoltzhausen, Alemanha. Era neto do químico Johannes Bartholomaeus Tromsdorff. Estudou Matemática e Ciências Naturais na Universidade de Berlim, onde, aos 22 anos, obteve o grau de doutor. Em seguida, cursou medicina em Greifswald.

Em 1852, com 30 anos de idade, casado e pai de uma menina de menos de um ano, vivia sérios problemas políticos na Alemanha. Emigrou para o Brasil, para a colônia do Dr. Blumenau. Recebeu um lote agrícola, no qual construiu uma choupana e onde, por quatro anos, trabalhou como lavrador.

Não abandonou a pesquisa. Fez novas e importantes descobertas científicas, relacionou e descreveu diversas espécies de plantas, insetos, moluscos, crustáceos até então desconhecidas. Em 1856, assumiu o cargo de professor do Liceu Catarinense, em Desterro (atual Florianópolis), a capital da província, onde permaneceu por 12 anos. Porém, quando o Liceu passou a ser administrado por Jesuítas, o "naturalista ateu" teve que abandonar a capital, voltando a Blumenau, onde permaneceu definitivamente. Seus colegas cientistas de todo o mundo referiam-se a ele como *Müller Desterro*. Müller era conhecido pela precisão na descrição de suas observações científicas, o que leva a crer que sua narração sobre Kellner e o episódio dos bugres

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

seja a mais fiel. Müller deixou vasta obra, de projeção internacional, como é o caso de *Füer Darwin* (A favor de Darwin). Obteve os títulos de *Doutor Honoris Causa* pelas universidades de Bonn (1868) e de Tuenbingen (1874).

5. Epílogo: Paul Kellner casa-se com Ottilie: a origem dos Kellner no Brasil

Em 1861 Paul Kellner retornou por curto período à Alemanha. Lá casou-se, a 17 de outubro do mesmo ano, com Marie Louise Ottilie Ohlendorf. O casal deixou a Alemanha, rumo ao Brasil, às 6 horas do dia 27 de outubro de 1861, aqui chegando a 22 de dezembro. No álbum de família do qual foram extraídas estas informações também se lê: *"Iniciaram o seu lar, em terras brasileiras - Pedra Grande - Estado de Santa Catarina, com "Graças de Deus", em 17 de maio de 1862."*

Paul e Ottilie tiveram nove filhos, dentre os quais Roberto (Wilhelm Robert), o avô do autor. Cinco nasceram em Pedra Grande, três em Lageado e um na Barra do Itajaí-Mirim, sempre no Estado de Santa Catarina.

Em data que ainda não identificada e, por motivos também ainda não identificados, os Kellner deixaram Santa Catarina e foram morar no Estado de São Paulo.

Os filhos de Paul e Ottilie viveram predominantemente no Estado de São Paulo, seja na capital, seja em cidades do interior, tais como São Manoel e Franca. Aos poucos, a família estaria espalhada e, em mais duas gerações, os vínculos entre muitos dos descendentes estariam, na prática, perdidos.

BIBLIOGRAFIA

BLUMENAU, Município. (1950). **Centenário de Blumenau - 1850 - 2 de setembro - 1950.** Blumenau. Comissão de festejos do Centenário de Blumenau.

EDITAL DO CARIMBO (Associação Filatélica de Santa Catarina). Fritz Müller e o Mimetismo. Site http: //www.iaccess.com.br/afsc/087-enco.htm

Estilo Europeu *Made in Brazil*. Site http://www.ufsc.br.Blumenau.

HOLLENWEGER, Rodolfo. (1930). **Manual**. Blumenau. Câmara Municipal.

PETRY, Sueli Maria Vanzuita. (1982). **Os clubes de Caça e tiro na região de Blumenau, 1859-1981**. Blumenau. Fundação Casa Dr. Blumenau.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Quem foi Fritz Müller? Site http://linux.coracao.g12.br/provetinha/fritz.htm

SANTOS, Ana Paula dos. (1994). **Aspectos históricos, econômicos e Culturais do vale do Itajaí**. Site http://www.netuno.com.br/~vFlaube/vf1_05.htm. Acesso a 17/06/99.

SELIG, Robert A. (1998). The German Revolutions of 1848. Site http://www.germanlife.com/magazine/1998/9802_02.html

STEINER, Susan (s/d). **Unity and Justice and Freedon - The German Revolution of 1848/49**.

Site http://www.germanheritage.com/Essays/1848/unity_and_justice_and_freedon.html

Capa: tratamento de foto obtida no site http://www.ufsc.br/Blumenau/relato.htm

NOTAS DE FIM

1 PETRY, Sueli Maria Vanzuita. (1982). ***Os clubes de Caça e tiro na região de Blumenau, 1859-1981***. Blumenau. Fundação Casa Dr. Blumenau.

2 Op. Cit. pág. 1

3 SANTOS, Ana Paula dos. (1994). **Aspectos históricos, econômicos e Culturais do vale do Itajaí**. Site http://www.netuno.com.br/~vFlaube/vf1_05.htm. Acesso a 17/06/99.

4 ***Suedbrasilien in seinen Beziehungen zu deutscher Auswanderung und Kolonisation*** (O sul do Brasil em suas relações com a emigração e a colonização alemãs)

5 GRUHNE, Fritz. (1971). ***Auswandererlisten des ehemaligen herzogtums - Braunschweig - Ohne stadt Braunschweig und landkreis holzminden - 1846 - 1871***. Braunschweig. Selbstverlag des Braunschweigischen Geschichtsvereins

6 Os Xokleng eram os índios habitantes da região de Blumenau. A colonização alemã, inevitavelmente, gerou revoltas dos habitantes originais, com alguns incidentes graves. (N.A.).

7 *Desterro* é o nome original da atual Florianópolis, capital do estado de Santa Catarina. (N.A)

8 No que pese a capacidade de elaborar descrições muito minuciosas atribuída ao Dr. Fritz Müller (como será visto mais adiante), imagina-se que as denominadas "flechas de ferro" sejam flechas de madeira com pontas de ferro (ou até mesmo de aço), adaptadas pelos índios, utilizando-se do metal de facas e de outros utensílios dos colonizadores. (N.A.).

9 O trecho entre parênteses é um comentário inserido por Rodolfo Hollenweger. (N.A.)

10 A versão do texto original aqui apresentada baseia-se principalmente em tradução do Prof. Dr. Ruy Escorel Ferreira Santos, sogro do autor. Secundariamente utilizou-se o trabalho de uma tradutora profissional (Sra. Annegret Schlemberg). (N.A.)

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Levantamento de raízes tuberosas no Vale do Itajaí e Joinville

Antônio Henrique dos Santos[1]
Paul Richard Momsen Miller[2]

Artigos

Introdução

Plantas produtoras de raízes tuberosas, como o taiá, mangarito roxo, branco e cará mimoso são originárias da América do Sul (ONWUME, 1978) e foram utilizadas pelos índios guaranis desde antes do descobrimento (HOEHNE, 1942). A importância destas plantas para os índios guaranis pode ser constatada pela denominação dada ao rio que corta o Vale do Itajaí, que em guarani significa "Rio dos Taiás" (Taia-Hy). Outras plantas, igualmente produtoras de tubérculos, foram introduzidas mais tarde no Brasil, pela intensificação das navegações portuguesas, passando pela costa africana rumo às Índias. Estas plantas são: o cará-de-pão, o cará-do-ar e o taiá-japão ou inhame, originárias da África e Ásia (ONWUEME, 1978). Todas estas também foram importantes para a população germânica que emigrou para Santa Catarina, nos anos de 1850.

A Europa na época vivenciou um perí-

[1] Engenheiro Agrônomo -Estudante do Curso de Mestrado em Agroecossistemas- UFSC

[2] Orientador: Professor Dr. Paul Richard Momsen Miller.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

odo turbulento, pois seu alimento principal a batatinha, foi arrasada pela incidência de uma doença fúngica incontrolável, a requeima, que dizimou a cultura, causando fome em todo o continente.

Colonos alemães estabelecidos no Vale do Itajaí e em Joinville (colônias de Blumenau e Dona Francisca) tentaram cultivar a batatinha (*Solanum tuberosum*) nestas regiões, mas não obtiveram sucesso, em função da inadequação climática. Desta forma, motivados por seu hábito alimentar, os colonos alemães interessaram-se pelos cultivos de tubérculos nativos e passaram a adotá-los, pois estes eram muito mais produtivos e menos exigentes em fertilidade do solo (KITLER, 1857 apud SILVA,2002).

AVÉ-LALLEMANT (1858) relata que "*o taiá e o mangarito, pela facilidade de cultivo e abundância da produção, tornaram-se o principal alimento vegetal de Dona Francisca e que eu comi com prazer, pois de fato, em nada ficam a dever à boa batata*".

As raízes foram domesticadas nos trópicos e sub-trópicos, em função da facilidade destas serem armazenadas no próprio solo (MARTINS, 2000) e poderem ser consumidas durante o ano todo, se corretamente manejadas. Sua composição principal de base amilácea representa excelente fonte energética e boa alternativa de segurança alimentar.

Estas plantas, hoje em dia, são cultivadas por populações tradicionais e segundo TOLEDO, (1989), é interessante estudar o conhecimento destas populações, pois estas possuem uma certa racionalidade ecológica, utilizando os recursos naturais de forma não-destrutiva. Estes agricultores tradicionais estão sendo acompanhados nos municípios de Ilhota e Joinville, para se conhecer o manejo que estes dão a estas plantas. Estes municípios foram escolhidos por possuírem núcleos de colonização alemã, que cultivam, estas raízes há décadas. Primeiramente foram coletadas folhas, flores e raízes das diversas espécies citadas neste trabalho, e foi feito o reconhecimento e classificação botânica, através de contatos com especialistas, chaves botânicas e literatura correlata. Em seguida, foi promovido um evento chamado "oficina de raízes", metodologia chamada por MINAYO (2000) de grupo de discussão, que reuniu em torno de 30 produtores de diversos municípios da região de Joinville e produtores de Ilhota. A estes produtores foram feitas em torno de 20 perguntas sobre o manejo destas culturas. Complementarmente, foram escolhidas 10 propriedades em Joinville e 10 pro-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

priedades em Ilhota, e nestas foi aplicado um questionário semi-estruturado, que segundo MINAYO, (2000) constitui-se na base de um levantamento etnobotânico com populações tradicionais.

Resultados Parciais:

Esta metodologia rendeu bons frutos. As plantas foram quase todas classificadas. O mangarito branco, mangarito roxo, taiá e taiá-japão pertencem à família Arácea. O cará-mimoso, o cará-de-pão e o cará-do-ar pertencem à família Dioscoreácea. Os mangaritos e o taiá pertencem ao gênero *Xanthosoma*, enquanto o taiá-japão, pertence ao gênero *Colocasia*. Todos os carás pertencem ao gênero *Dioscorea*. Em relação à espécie, o mangarito branco é *Xanthosoma riedelianum* Schott., o taiá é *Xanthosoma sagittifolium* Schott.,o taiá Japão, *Colocasia esculenta* Schott. Var. antiquorum e o mangarito roxo, *Xanthosoma spp.*, desconhecendo-se a espécie, portanto tratando-se de uma planta sem classificação definida por botânicos. Em relação aos carás, o cará mimoso é classificado como *Dioscorea trifida*, o cará-do-ar como *Dioscorea bulbifera* e o cará-de-pão como *Dioscorea alata*.

Em relação ao manejo destas plantas, este é todo especial e a chamada "agricultura moderna", não resolve muitos problemas que estas plantas apresentam quando cultivadas neste sistema. A incidência de uma doença de solo, identificada neste trabalho como *Erwinia*, tem inviabilizado o cultivo das aráceas no sistema moderno.

Como são plantas originadas de florestas tropicais e sub-tropicais (ONWUEME, 1978), adaptam-se a ambientes sombreados ou parcialmente sombreados, dividindo espaço com outras plantas. Estas outras plantas são de porte alto e são cultivadas simultaneamente com as aráceas e as dioscoreáceas, em um sistema de policultivo classificado como quintal agroflorestal. Em Joinville, os agricultores de origem germânica utilizam alguns consórcios de cará-mimoso com taiá, cará-mimoso com taiá-japão, para reduzir a incidência da *Erwinia* nas aráceas. Em uma viagem de prospecção ao Vale do Itajaí, encontramos quintais agroflorestais em Ibirama e Itajaí, com estas raízes dividindo espaço com inúmeras outras plantas como: café sombreado, ingá, abacate, bananeira, carambola, goiabeiras, plantas medicinais, entre outras. Animais domésticos como galinhas e porcos fazem parte do sistema. Em Itajaí, um casal de agricultores aposentados

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

possui uma área de 10.000 metros quadrados que são utilizados desta forma. Gastam apenas R$100,00 por mês com sua manutenção (referência setembro 2004), sendo que o restante é proveniente de seu quintal agroflorestal.

O mangarito roxo, assim como as outras raízes, adapta-se muito bem a um sistema especial de cultivo, que é chamado de roça de coivara, ou seja, uma maneira muito antiga de plantio inventado por povos indígenas, que se constituía em abrir uma clareira na mata, queimar a mata derrubada e após cultivar estas plantas por dois a três anos. Após, era semeado o ingá (*Ingá sp.*) ou a grandiúva (*Trema micranta*) e a mata era abandonada e ficava regenerando por um período de sete a oito anos, quando então o ciclo se repetia. O nitrogênio absorvido por estas plantas, que possuem esta capacidade através de simbiose entre suas raízes e bactérias do solo chamadas rizóbios, e as cinzas produzidas por sua queima, fertilizavam o solo, eliminando a necessidade de utilização de qualquer insumo químico. Segundo MARTINS, (2000), este tipo de manejo é propício ao aparecimento de variabilidade entre estas plantas, pois apesar de propagarem-se vegetativamente, muitas ainda produzem sementes viáveis que podem gerar plantas que irão cruzar com espécies diferentes, que neste local serão plantadas nos próximos ciclos.

Conclusões

O estudo destas plantas revelou um potencial inexplorado de um mercado crescente de plantas produzidas sem adição de insumos químicos, e uma excelente opção de segurança alimentar a populações carentes. O sistema de plantio denominado quintal agroflorestal aparece como uma alternativa altamente viável para uma agricultura urbana, como no caso de Itajaí, onde uma propriedade inserida em pleno bairro "Promorar", quase no centro de Itajaí, sustenta um casal de aposentados com um excelente nível nutricional, enquanto em propriedades vizinhas nota-se a carência acentuada de uma boa alimentação.

Plantas como o mangarito, com excelente paladar, possuem um mercado cativo junto às cidades de colonização germânica, como Blumenau, Joinville, Guabiruba, Brusque, Jaraguá do Sul, Pomerode, entre tantas outras. Os consumidores nestes centros chegam a pagar até R$ 3,00 por quilo

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

"Nacionalização do Vale do Itajaí"

Raquel de Queiroz[1]

Fragmentos da nossa história local

Há no Brasil certos assuntos em que ninguém pode mexer sem assanhar uma casa de marimbondos; e um desses temas que se andam querendo transformar em tabu é o caso do quisto racial alemão, no Vale do Itajaí, Santa Catarina, dentro do qual ficam as cidades de Blumenau, Brusque, Rio do Testo (que os alemães chamam de Pomerode); aliás, Joinville, embora fique fora do Vale do Itajaí, creio que pode ser incluída no grupo germânico das cidades catarinenses. Andei por essa zona no mês passado e, do que vi e ouvi, tratei de dar conta pela imprensa, segundo é da minha obrigação. Resumindo agora esse testemunho disperso em algumas crônicas, reduzo as declarações ao seguinte: o quisto racial alemão em Santa Catarina é um fato, doloroso e de difícil remédio. As populações, brasileira propriamente dita e a chamada teuto-brasileira (sic) não se gostam e se isolam o mais possível uma da outra. (Nota curiosa: os nativos da linda Florianópolis, como os de Itajaí, chamam aos alemães de "galegos"). A

BLUMENAU em Cadernos

[1] Escritora e Membro da Academia Brasileira de Letras falecida em 2003. Este artigo foi um "Especial para o DIÁRIO DE NOTÍCIAS" - 03.04.1949.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

grande maioria da população daquela zona não se considera brasileira igual a nós, não considera o português sua língua nativa, em geral fala mal essa língua ou não a fala de todo; e quando a fala corretamente, fá-lo com sotaque germânico pronunciado.

Não se pode perscrutar os corações e, portanto, não posso contestar os que afirmam que naquela gente reina, apesar de tudo, um grande e obscuro amor pelo Brasil. Mas, se reina, anda muito escondido. É freqüente encontrarem-se crianças que não dizem nada na língua nacional, ou dizem tão pouco e com sotaque tão áspero que quase não se entendem. O estilo de vida dos teuto-brasileiros do Itajaí é germânico, germânicos os seus costumes. É o falado progresso da zona, que é apresentado como desculpa universal e universal motivo de indulgência para todos os outros males, afinal não é tão miraculoso, dadas a extraordinária riqueza e fertilidade da terra que, essa sim, é miraculosa. E não creio que, embora fosse verdadeiro, esse progresso representasse compensação suficiente para os outros perigos. Ademais, pode esse progresso existir em algumas das grandes fábricas e no padrão de vida mais elevado dos agricultores; porém, as estradas por lá são más, às vezes péssimas; vê-se muita gente doente, o camponês em geral tem dentes ruins, e, nas cidades alemãs, os problemas de iluminação, higiene, água e transporte apresentam-se tão agudos quanto nas outras cidades nacionais.

Mas para não se dizer que sou suspeita e exaltada, trago hoje aqui um testemunho insuspeito – o depoimento de um ilustre oficial do Exército, o capitão Rui de Alencar Nogueira, que tomou parte ativa no movimento nacionalizador empreendido pelo 32.º B. C. no Vale do Itajaí. É um livro publicado pela Biblioteca Militar, volume XC, e tem como título, justamente, "Nacionalização do Vale do Itajaí".

Comecemos por uma citação do documento oficial, transcrita no seu livro pelo capitão Nogueira, com referência à zona alemã de Santa Catarina: "Povoado por elementos alienígenas, desconhecedores do idioma pátrio, esquecidos dos governos que por descaso ou por conveniências políticas os abandonaram à própria sorte, o vale se tornou um verdadeiro

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

quisto no território nacional". Estas palavras tirou-as o capitão na publicação n.º 14 do Departamento de Estatística e Publicidade de Santa Catarina, e é portanto um documento acima de qualquer suspeita de partidarismo.

Percorremos o livro do brioso oficial e vejamos se descobrimos desmentidos às afirmações que fizemos acima.

Eis o que ele diz no que se refere à língua: ***"O interventor federal mandou fechar 31 escolas no município de Blumenau e mais de cem em todo Vale do Itajaí, todas particulares, regidas por professores estrangeiros, os quais, às vezes, nem sabiam falar a língua pátria..." (pág. 47).***

"Ali *(num colégio masculino)* ***falava-se o alemão correntemente. Frades intransigentes, de origem alemã e mesmo brasileiros, como era público e notório, difundiam ainda mais o uso da língua estrangeira, concorrendo para que a juventude falasse menos o idioma pátrio".***

Nos outros colégios, afirma o autor que sucedia o mesmo.

"Em ambas *(as igrejas)* ***padre e pastor pregavam em alemão. Na igreja católica os avisos eram escritos na língua nacional e na alemã, enquanto na outra tudo era grafado nesta última".*** *(pg. 47).*

De um hospital de Blumenau conta o seguinte: ***"Devemos dizer que com tristeza, embora sem nenhuma surpresa, ficou constatado que somente num quarto se falava o português: era naquele em que se achava internada a pessoa de nossa família".*** *Mais adiante:* ***"Na biblioteca, centenas e centenas de livros..., revistas e jornais, todos escritos em alemão". "A enfermeira... apesar de brasileira, sentia dificuldade em falar a língua de sua própria pátria".*** *E como o autor não pudesse dar informações em alemão à enfermeira-chefe, pediu um intérprete e recebeu este recado:* ***"A superiora disse que o senhor precisa aprender o alemão para poder compreender o que ela diz...".*** *(p. 90 e 91).*

"...Falava-se *(em Blumenau)* ***correntemente o alemão. Mulheres, homens e crianças por toda parte falavam a língua dos teutos... Nas próprias repartições públicas o alemão era falado sem cons-***

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

trangimento... Na Prefeitura Municipal e nas repartições arrecadadoras do erário público os serventuários atendiam as partes em alemão... Até representantes comerciais vindos de outras partes do país, ali falavam o alemão e explicavam-nos que, se de outra maneira procedessem, nenhum negócio poderiam elaborar". (p. 87 e 88). "A criançada (nos jardins de infância) falava correntemente o alemão e todas as canções entoadas... eram alemãs. Os livros estavam escritos do mesmo modo em língua alemã e o ambiente, indubitavelmente, era antinacionalista. A gurizada estava sendo educada indubitavelmente segundo princípios nazistas, embora brasileira de nascimento. Muitos dos garotinhos não falavam uma só palavra de língua portuguesa..." (pg. 115). Sobre o ensino que se ministrava nessas escolas, eis o depoimento do militar: "Promoviam o ensino da língua alemã, ministrando de forma original os rudimentos da história do Brasil: fora descoberto pelos alemães, que trabalharam na sua colonização, edificaram cidades, desenvolveram a agricultura, instalaram fábricas e abriram estradas... que o Dr. Blumenau era o homem de mais sabedoria que o Brasil conhecera; se não fossem os alemães o país ainda estaria despovoado; Blumenau era uma das maiores e mais importantes cidades..." "Chegamos a encontrar alguns mapas nos quais se estampavam terras catarinenses como a "Nova Alemanha"". E "todas essas escolas tinham professores brasileiros que infelizmente concordavam com isso e se prestavam a esses papéis indignos". (p. 119).

Do Doutor Blumenau, que lá tem estátua e é celebrado como herói máximo, diz o capitão Nogueira: "Dúvida não subsiste de que o germânico fundador da cidade pretendia criar uma "Nova Alemanha" em terras catarinenses... Sempre viveu aqui tratando de explorar os recursos naturais, procurando estabelecer colônia à parte, onde somente alemães pudessem ter entrada". "O isolacionismo em que viviam aqueles habitantes, regidos pelos 'Estatutos do próprio Blumenau', longe do controle das autoridades do país e com absoluta indepen-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

dência de ação, permitiu que os costumes, a língua, a religião e os sentimentos de patriotismo fossem apenas transplantados para as novas terras". "Não é lícito afirmar que Blumenau foi amante do Brasil, como o fora da sua própria Pátria. Tanto assim que jamais pretendeu integrar-se no nosso meio, como ele mesmo dizia: 'queria resolver um problema do máximo interesse para minha Pátria'". "Qual seria esse interesse na opinião do colonizador? Certamente não seria o de transformar aquela leva de imigrantes em verdadeiros amigos do Brasil... Isto está do mesmo modo patenteado pela sua célebre 'proposta de colonização', apresentada ao governo do Império". "Além do mais, Blumenau, sempre que podia, estava fora da povoação, viajando, constantemente à procura das cidades... quando não se transportava à sua terra natal. Se efetivamente tivesse ele amor pelo Brasil, como se pretende atribuir, aqui teria ficado até o fim da sua vida e não retornaria à Pátria". (p.64,65 e 66)

Acerca da sensação que se tem ao penetrar naquela zona, "sensação na qual falei em crônica anterior", o capitão Alencar Nogueira assim exprime: "A nós parecia incrível que pudéssemos penetrar numa cidade dentro de nosso próprio território onde nos sentíssemos contrafeitos". (p.87). E mais adiante: "Em toda a cidade de Blumenau apenas dois monumentos aparecem, como a homenagem do povo aos seus vultos históricos. Não pensemos em encontrar estátuas que relembrem heróis nacionais ou cidadãos brasileiros que pelos relevantes serviços prestados à Pátria, mereçam as consagrações dos bons patriotas. Para aquela gente não existiam concidadãos que as merecessem. Como confirmação disto, lá estavam os monumentos a Fritz Müller e Hermann Blumenau". (pg. 72).

Em outro local, fala a respeito das grandes datas nacionais: "No dia 7 de setembro estávamos na cidade de Brusque... Muita gente havia na ignorância completa de que se tratava de uma grande data nacional". (p.76 e 77). Narra que tentando as autoridades comemorar em Brusque o Dia da Juventude, "havia completo desânimo e a população manteve a mai-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

or indiferença possível, tanto nesse como no Dia da Independência, alheada a todas as festividades. Apenas as autoridades e as pessoas, cujo comparecimento apresentava caráter quase obrigatório, estiveram presentes". "Oradores... salientando alguns fatos históricos da nossa pátria, muitas vezes desconhecidos". *(pg. 114). E note-se que essa abstenção a festividades patrióticas partia de alemães, povo axiomaticamente apaixonado por desfiles e tambores e toda espécie de festa cívico-militar...*

Em outro capítulo, referindo-se o autor a um colégio de nome "Pedro II", um "Teatro Carlos Gomes", explica: ***"Convém lembrarmos ao leitor que os nomes nacionais são recentes e substituíram outros tantos de alemães, que até o início da campanha nacionalizadora serviam para designar ruas, logradouros e estabelecimentos".***

E a verdade é que esses nomes só têm existência oficial. Os antigos nomes germânicos é que continuam funcionando, acontecendo que, se quer uma informação, tem o viajante que indagar pelo nome alemão do lugar ou da rua a que se destina, porque de outra maneira o nativo, interpelado, não saberá, ou fingirá não saber lhe dar a resposta. A cidade de Rio do Testo, constante do mapa, foi uma dificuldade localizá-la nesta nossa recente viagem, pois, estando a gente dentro dela, perguntou-se a quatro pessoas diferentes se era aquilo Rio do Testo. E todos nos responderam que "não, que era Pomerode"... (O nome antigo). O mesmo acontece com o Teatro Carlos Gomes, que se chama Teatro Frohsinn.

Outra história narrada pelo capitão Alencar Nogueira no seu precioso livrinho: ***"Um cartão fora entregue... tratava-se de um convite para assistir a um casamento. O nubente era brasileiro, filho de pais brasileiros, a noiva nascida no Brasil... E com surpresa lemos: I.. und.. M... danken herzlichst fur die Gluckwuns Zur Verlobug"...***

Poderia ainda citar muita coisa. O que eram os jornais do Vale do Itajaí, que espécie de publicações lia aquela gente antes da interferência do Exército. O que eram os calendários "Iza" distribuídos gratuitamente por firmas alemãs, e como se consideravam lá as leis trabalhistas brasileiras. A hostilidade que sofreram soldados e oficiais do Exército, a sabotagem da campanha, as ameaças, e até pedradas. A fuga dos colegiais às esco-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

las depois que se lhes impunha a língua portuguesa e um programa nacionalista. O que eram as "sociedades de atiradores" e várias outras sociedades femininas e masculinas de ginástica, de música e literárias. A luta com os funcionários públicos, mormente os da empresa telefônica, para se conformarem com o programa de nacionalização. O caso do jovem professor brasileiro nato, que só falava e ensinava em alemão, fingindo não entender português, e que tão pernicioso e arrogante, precisou ser preso e deportado. O que se diz em Itajaí de Blumenau. Por que Gaspar lutou até conseguir autonomia. Tudo isso e muito mais gostaria de transcrever aqui, se fosse possível condensar toda a matéria de um livro num artigo de jornal. Limito-me a citar, ainda, a propósito do tão celebrado progresso daquela zona, que é o dó do peito de todos os defensores do quisto racial do Itajaí, o que nos conta o ilustre capitão: *"Blumenau ainda vive nos tempos dos antigos colonizadores, não se libertando dos costumes daquela época e pouco tendo avançado quanto às noções de conforto e bem-estar. Tudo quanto eles trouxeram da Alemanha ainda é, de certo modo, conservado sem promessas de grandes modificações, porquanto ainda em nossos dias havia interesse em conservar o isolacionismo... Assim, encontramos hotéis antiquados tendo lavatórios com bacias de louça ao invés de água corrente, mobílias jocosas e desconfortáveis e péssimas instalações sanitárias". "O processo dos esgotos era o pior possível (em Blumenau, a cidade-capital da zona), resumia-se no despejo em buracos pouco profundos das dejeções dos moradores das casas. Somente nos palacetes e nas residências melhores encontravam-se aparelhos sanitários. Nas demais habitações havia, no fundo dos quintais, simples casinholas de madeira e anti-higiênicas, à guisa de instalações sanitárias. E isso era causa de tifo de caráter endêmico, pois na época das chuvas ou por ocasião das grandes enchentes as águas invadiam tudo, misturando os dejetos com a água potável". "Atrás dessas edificações (do quartel), corre o ribeirão Garcia... durante muito tempo interditado em virtude de servir de escoadouro dos esgotos das casas residenciais da circunvizinhança"...*

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Não me parece que sejam estes aspectos de um progresso por demais admirável e, pelo que vi até agora, não houve mudança nesse setor.

Dirá alguém que o livro do patriótico oficial por nós comentado é apenas referente ao estado de coisas por ele encontrado na zona germânica de Santa Catarina há quatro ou cinco anos. Mas só um ingênuo poderá acreditar que doença tão grave, com antecedentes de mais de século, tão profundamente enraizada, pudesse ser extirpada assim, com um pouco de propaganda, com algumas medidas drásticas. Uma gente que resolvia os seus próprios casos de polícia, não com as autoridades nacionais, mas com o cônsul alemão (vide obra citada, pág. 136), uma gente altiva, zelosa dos seus foros de europeus, de uma tradição que preza acima de tudo – essa gente iria de um momento para outro mudar de língua, de costumes, de coração e de cabeça? Porque, afinal, aqueles a quem alude o capitão Alencar Nogueira não morreram nem se mudaram. Ainda lá estão, são os mesmos, criando os filhos como criavam antes, talvez com um pouco mais de medo do governo - mas todos sabemos que o medo não converte ninguém. Nem o autor de "Nacionalização do Vale do Itajaí" dá a campanha como finda e a batalha como ganha. Longe disso, enxerga todas as imensas dificuldades que por toda parte criam obstáculos a essa campanha e sabe que não seria em poucos anos que nenhuma mudança de vultos poderia se esperar.

Qual o remédio, qual o conserto para essa desgraçada situação? Parece que ainda está por ser descoberto. Contudo, já se verificou, pelo menos, que a solução de cruzar os braços não serve. Cruzar os braços é o que se tem feito exatamente há cento e um anos e o resultado está aí exposto no honesto e patriótico trabalho do bravo capitão Alencar Nogueira. Também a solução por muitos anos considerada boa, a de negar os fatos, declarar mentira a verdade que salta aos olhos, proclamar que o problema não existe, afirmar por exemplo que o alemão falado por aquela gente é pura linguagem vernácula - essa é bem pior que a primeira.

O governo, em última instância, é que tem de dar um jeito. Para isso foi eleito, recebe os subsídios e a confiança dos contribuintes. Mas há quem diga que ao governo não interessa "magoar" os magnatas do Itajaí,

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

nem a compacta massa eleitoral da zona, disciplinada, homogênea, pronta a votar direitinho em quem seu mestre mandar... Afinal, eleitor não carece sequer de saber português: pode ferrar o nome em qualquer língua, que nome não tem tradução.

De qualquer modo, teimemos em esperar uma solução. É só o que nos resta. E a esperança ainda é a última que morre. Talvez o governo acabe se convencendo, ante os frutos da amarga experiência, de que não lhe adianta muito um título de eleitor, quando esse título de eleitor não está na mão de um brasileiro. E com boa vontade e paciência acabe descobrindo algum método heróico de recuperar para a comunidade essas dezenas ou centenas de milhares de brasileiros que são brasileiros apenas de nome - talvez porque nunca acharam quem lhes ensinasse direito que a terra onde nasceram e vivem é o Brasil.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Intervenções do Estado na imprensa de Blumenau (1937-1945)

Méri Frotscher[2]

Nacionalização, controle político e ações das elites locais[1]

Durante o Estado Novo, o Estado requereu a função de principal agente social, procurando impor a sua definição do mundo.[3] Para tanto, interveio numa das instituições mais importantes da esfera pública da sociedade: a imprensa.

Trata-se, neste artigo, de analisar algumas intervenções do Estado, entre 1937 e 1945, na imprensa de língua alemã de Blumenau, percebendo os significados disto para o contexto local. O projeto de dissolução das fronteiras regionais, imposto pelo Estado Novo de Getúlio Vargas, implicava variadas formas de intervenção na esfera pública dos municípios brasileiros, no sentido de controlá-los e de enfraquecer os poderes regionais. O controle da imprensa, neste sentido, tinha também como propósito destituir

---

[1] Este texto é parte integrante do quarto capítulo da tese de doutoramento da autora, com algumas alterações e inclusões: FROTSCHER, Méri. *Da celebração da etnicidade teuto-brasileira à afirmação da brasilidade*: ações e discursos das elites locais na esfera pública de Blumenau (1929-1950). Florianópolis, 2003. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-graduação em História Cultural, Universidade Federal de Santa Catarina.

[2] Professora do Colegiado de História da UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Doutora em História Cultural pela UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina.

[3] Segundo Pierre Bourdieu, "as diferentes classes e frações de classes estão envolvidas numa luta propriamente simbólica para imporem a definição do mundo social mais conforme os seus interesses." BOURDIEU, op. cit., p. 11.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

alguns grupos locais do controle da imprensa, que representa um dos principais meios de reprodução de poderes sociais.

Este artigo vem propor uma leitura um pouco diferenciada da nacionalização da imprensa em Blumenau, na medida em que procura não somente mostrar o significado político do controle e da nacionalização da imprensa, como também como reagiram, se articularam, resistiram ou se conformaram integrantes ou pessoas ligadas às elites econômicas do município, frente a este projeto nacionalizador.

Para tanto, utilizaremos das formulações desenvolvidas por Jürgen Habermas, sobretudo as que denotam as estreitas relações que se estabelecem entre a esfera pública e a privada na sociedade burguesa. Para este autor, a esfera pública política (o Estado) e a esfera pública literária, formada sobretudo pela imprensa e espaços formadores de opinião, se "imbricam uma na outra de um modo peculiar".[4] Isto nos leva a perceber, nas linhas que se seguem, a importância que as intervenções do Estado na imprensa, em Blumenau, tiveram para o exercício de um maior controle político. Isto porque, conforme o mesmo autor, a esfera pública política provém da esfera pública literária, cuja instituição por excelência é a imprensa, que "intermedia, através da opinião pública, o Estado e as necessidades da sociedade".[5]

Nos anos 30, os dois principais jornais em língua alemã, publicados em Blumenau, eram o *Blumenauer Zeitung* e o *Urwaldsbote,* ambos publicados duas vezes por semana. O segundo era conhecido pela sua defesa do *Deutschtum* entre os círculos políticos brasileiros. No início dos anos 30, o proprietário deste último jornal, Gustav Artur Koehler, já percebia que artigos de conteúdo racista, sobre descendentes de portugueses, poderiam ser um perigo à própria existência do jornal, como se conclui ao se ler correspondência pessoal do mesmo. Mesmo assim, o jornal continuaria investindo na idéia da necessidade da manutenção das fronteiras étnicas em Santa Catarina.[6] Não somente este jornal, como também o *Blumenauer Zeitung*,

[4] HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública*: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Tradução: Flávio Kothe. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1984, p.72 e 73.

[5] HABERMAS, op. cit., p. 46.

[6] Sobre isto ver capítulo 2 da tese de doutoramento desta autora.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

como observou Jürgen Müller, publicaram em setembro e agosto de 1937, respectivamente, os "Dez mandamentos" dos teuto-brasileiros, nos quais era atribuído ao domínio da língua portuguesa e à integração na sociedade brasileira somente um valor secundário, enquanto que os interesses em manter a língua alemã e os costumes da cultura alemã deveriam ser incentivados. Com isto, estes jornais não contribuiriam para uma minimização do debate sobre o "perigo alemão", que se travava no Brasil, mas facilitaram, de certo modo, a argumentação do governo em favor de uma política de nacionalização, que iria ser colocada em prática, em parte, pelo Exército.[7]

No processo de centralização política do governo de Vargas, nos anos 30, houve uma grande expansão e o fortalecimento das Forças Armadas.[8] Vargas via no fortalecimento do Exército, o meio para derrotar os inimigos e eliminar sua capacidade de reação. Através da união entre Estado e Forças Armadas, se garantiria a base social e a promoção dos interesses da burguesia industrial emergente.[9] O Exército desempenharia um papel decisivo na implantação e sustentação do regime institucionalizado com a decretação do Estado Novo.[10]

Mal havia sido proclamado o Estado Novo, em novembro de 1937, o Exército já se mobilizou no sentido de intervir nas regiões onde havia a presença de imigrantes e descendentes de estrangeiros. Em 10 de dezembro de 1937, foi lavrada uma ata em Curitiba, sede do Comando da 5ª região militar, cuja jurisdição incluía os estados do Paraná e Santa Catarina, na qual se firmou a diretiva da campanha de nacionalização para os dois estados.[11] Foi ali que a campanha tomou corpo, em torno do general Meira de Vasconcellos.[12]

---

[7] Cf. MÜLLER, Jürgen. *Nationalsozialismus in Lateinamerika:* die Auslandsorganisation der NSDAP in Argentinien, Brasilien, Chile und Mexiko, 1931-1945. Stuttgart: Verlag Hans-Dieter Heinz, Akademischer Verlag, 1997, p. 297.

[8] Com o apoio de Vargas, os efetivos do Exército duplicaram entre 1930 e 1940 (de 47.997 para 93 mil efetivos), aumentando-se também o orçamento do Exército. CARVALHO, José Murilo de. Vargas e os militares. Aprendiz de feiticeiro. D´ARAÚJO, Maria Celina (Org.). *As instituições brasileiras da Era Vargas.* Rio de Janeiro: Ed. UERJ, Editora FGV, 1999, p. 71.

[9] Sobre isto ver CARVALHO, op. cit.

[10] Cf. DINIZ, Eli. O Estado Novo: estrutura de poder. Relações de classes. In: FAUSTO, Bóris (Org.) *História geral da civilização brasileira*. 3. ed. São Paulo: DIFEL, 1986. v. 3: Sociedade e política (1930-1964), p. 118.

[11] BETHLEM, Hugo. *Vale do Itajaí*: jornadas de civismo. Rio de Janeiro: José Olympio, 1939, p. 11.

[12] Este general era assessorado pelo comandante Pinto de Oliveira, Tenente-Coronel Jayme de Almeida, Capitão Emmanuel Adacto Pereira de Mello, Capitão Emmanuel de Moraes e o Tenente Alfredo Molinaro. Idem.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Alguns dias antes disto, em fins de novembro de 1937, oficiais subordinados àquela região militar visitaram escolas e igrejas onde se falavam línguas estrangeiras, em cidades do Paraná e Santa Catarina, exigindo que se falasse a língua portuguesa. Foi o caso de Blumenau, onde o capitão Adacto Mello convocou uma reunião no Hotel Boa Vista, onde adiantou o sentido da Campanha de Nacionalização. Conforme ele, havia cinco espaços que "tolhiam o indivíduo desde criança à nacionalização": o lar, o jardim de infância, a escola, as sociedades esportivas e recreativas e a igreja luterana. Ele afirmaria, naquela reunião, que nestes espaços, com exceção do primeiro, "por ser tão íntimo",[13] seriam objeto da campanha. A prioridade do Exército, portanto, era intervir nas instituições que mais zelavam pelo cultivo da língua alemã.

Naquela ocasião o capitão Adacto Mello visitou a Comunidade Evangélica Luterana do Centro da cidade, exigindo que se ministrassem os cultos em língua portuguesa. Após esta visita, membros da diretoria da Igreja Evangélica do Centro de Blumenau afirmaram em carta ao Conselho Evangélico de Berlim, a certeza de que a Campanha de Nacionalização teria como principal foco Blumenau.

Esta visita provocou algumas mudanças em instituições da esfera pública da cidade. O historiador Luís Edmundo de Souza Moraes, que pesquisou o grupo local do NSDAP (partido nacional-socialista alemão) em Blumenau, afirma que desde final de novembro de 1937, quando o oficial do Exército visitou a cidade, os jornais de língua alemã de Blumenau não mais publicaram notícias sobre atividades do grupo local do partido.[14]

Tal visita também fez com que se tomassem medidas de cunho preventivo, como ocorreu com o jornal *Urwaldsbote*. Ainda no final de 1937, em dezembro, o proprietário do jornal mudou o estatuto da sua diretoria, transferindo a direção do jornal à sua esposa, Elsbeth Koehler, pois ela, diferente dele, havia nascido no Brasil. Na edição de 04 de janeiro de 1938, já consta sua esposa como diretora do jornal, muito embora Gustav Artur

---

[13] Nacionalização. A reunião convocada no Boa Vista. *Cidade de Blumenau*, 01 dez. 1937, p. 01.

[14] MORAES, Luís Edmundo de Souza. *Konflikt und Anerkennung*: die Orstsgruppen der NSDAP in Blumenau und in Rio de Janeiro. Berlim, 2002. Tese (Doutorado em História) – Zentrum fuer Antisemitismusforschung, Technische Universitaet zu Berlin, p. 210.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Koehler continuasse trabalhando no jornal. Havia a preocupação de uma possível intervenção no jornal, tal como havia ocorrido durante a Primeira Guerra Mundial.[15] Em carta de 28 de dezembro de 1937 à VDA – Verein für das Deutschtum im Ausland, instituição que apoiava instituições fora da Alemanha que incentivavam o uso da língua alemã, além de se referir à AIB – Ação Integralista Brasileira, partido que, juntamente com os demais, havia sido proibido com o golpe de Vargas, ocorrido um mês antes, Koehler comentava que "sem o integralismo, teríamos provavelmente hoje 1.000 assinantes a mais", evidenciando ainda o seu temor quanto a uma nacionalização da imprensa, que poderia acabar de vez com o seu periódico. Referia-se a alguns círculos no novo governo que "têm a palavra nacionalização escrita em suas bandeiras".[16]

Quando o comandante da 5ª. Região Militar, o General Meira de Vasconcellos, e o Interventor Federal Nereu Ramos, visitaram Blumenau, em fins de maio de 1938, quando já havia sido publicado decreto proibindo atividades políticas de estrangeiros no país e proibindo o acesso a instituições culturais estrangeiras a cidadãos brasileiros e outro decreto determinando a nacionalização escolar coerciva em Santa Catarina, o *Urwaldsbote* publicou um artigo de primeira página, escrito por Karl Oberacker, que deveria assumir a redação do jornal, conforme desejo de Gustav Artur Koehler. Este artigo é significativo pelo significado que se dá à visita do general Vasconcellos à cidade, a primeira em caráter oficial, e pelo seu teor. Já no título ("Blumenau era e é brasileira"),[17] Oberacker procura afirmar a brasilidade da cidade. Após se referir ao que chamava de "campanha difamatória empreendida por jornalistas irresponsáveis que nunca viram a nossa Blumenau", utilizou-se de um trecho do discurso do advogado Edgar Barreto, representante da Sociedade Musical de Blumenau (homem de con-

[15] Durante a Primeira Guerra Mundial, os dois jornais em língua alemã, o *Urwaldsbote* e a *Blumenauer Zeitung*, foram substituídos por edições em língua portuguesa, com outra orientação, o *Comércio de Blumenau* e a *Gazeta Blumenauense*, respectivamente. Foram ainda fundados, durante a Primeira Guerra Mundial, dois outros jornais em língua portuguesa, *O Nacional* e o *Brazil*. O primeiro sobreviveu até abril de 1919 e o segundo até fevereiro de 1922, sendo que os dois jornais em língua alemã, voltaram a ser publicados sob a antiga denominação, na mesma língua, depois do término da guerra. SILVA, José Ferreira da Silva. *A Imprensa em Blumenau*. Florianópolis: IOESC, 1977, p. 60-69.

[16] KOEHLER, G. A. Carta à VDA... (Tradução livre da autora).

[17] OBERACKER, R. H. Blumenau war und ist brasilianisch. *Der Urwaldsbote*, Blumenau, 31 mai. 1938, p. 01.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

fiança das autoridades governamentais), para saudar aquelas autoridades: "nós nos alegramos que as autoridades realmente vieram ver Blumenau com os seus próprios olhos".[18]

Na mesma edição em que se noticia a visita das autoridades em Blumenau, o jornal publica uma nota advertindo seus leitores para que, diante do "estado de emergência reinante", ou seja, diante repressão a estrangeiros e descendentes, agissem com reserva em tudo o que fizessem, como, por exemplo, na redação de correspondências, pois se caíssem em "mãos inoportunas", poderiam servir como fonte para "grandes incômodos" ao remetente. Adverte o jornal que, na redação de cartas, as pessoas deveriam "se posicionar sobre as coisas do país de uma maneira estritamente objetiva, sem todos os detalhes, e isto se realmente houver um motivo para tanto".[19]

As autoridades exerceram, durante a Campanha de Nacionalização, um controle rígido da entrada e circulação de revistas, impressos, jornais e livros publicados em alemão. Até mesmo bíblias e revistas de moda alemãs eram apreendidas em 1938.[20] A Revista *Deutschtum im Ausland*, de Stuttgart, publicou em 1939 alguns artigos enviados do Brasil, sem indicação de autor,[21] informando sobre a Campanha de Nacionalização, nos quais são detalhadas algumas medidas de controle e repressão, e que no Brasil não eram publicadas devido à censura. Conforme um dos artigos, havia nas regiões onde habitavam estrangeiros e descendentes nos estados de Santa Catarina e Paraná, um rígido controle da correspondência, através do qual muitas cartas escritas por cidadãos brasileiros, em alemão, com destinatário no Brasil, eram destruídas.[22] Assim, a vigilância se estendia para o universo mais privado das pessoas, invadindo sua intimidade.

Imediatamente após a visita do General Meira de Vasconcellos, percebem-se mudanças na imprensa de língua alemã de Blumenau. Na

---

[18] Idem.

[19] Vorsicht beim "Briefeschreiben". *Der Urwaldsbote*, Blumenau, 31 mai. 1938, p. 02.

[20] Übersee. Brasilien. *Deutschtum im Ausland*. Zeitschrift des Deutschen Ausland-Instituts. Stuttgart, Jahrgang 22, Heft 1, p. 587, Januar 1939.

[21] Nos arquivos do antigo DAI, hoje em posse do Arquivo Nacional de Koblenz, encontram-se diversos textos, por exemplo, de Karl Oberacker relatando sobre a campanha de nacionalização no Sul do Brasil. Estes correspondentes contribuíam no sentido de manter o órgão informado sobre o que se passava no Brasil.

[22] Idem.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

seguinte edição do jornal *Urwaldsbote*, em 03 de maio, o alemão Paul Koch deixa de ser mencionado como diretor comercial e, a partir desta data, sempre se insere na primeira página de cada edição um artigo em português. Há também, mudanças de conteúdo. Se até maio de 1938 se publicam editoriais e estatísticas sobre o desenvolvimento da economia na Alemanha nacional-socialista neste jornal, a partir daí, entretanto, por conta da repressão ao nazismo e da Campanha de Nacionalização, estes desaparecem, dando lugar a artigos de forte conteúdo nacionalista brasileiro. A partir deste momento, são regularmente publicados, nas primeiras páginas do *Urwaldsbote*, artigos sobre "heróis" saudados pelas Forças Armadas, como Duque de Caxias e o Marechal Cândido Rondon, ficando claro a perda de autonomia do jornal. No final de julho de 1938, Victor Schleiff, o chefe de redação, desliga-se do jornal e assume a redação definitivamente Oberacker. Para o público leitor, o jornal esclarece que a razão de tal mudança era "a nova ordem das coisas aqui no país, também no ramo da imprensa".[23]

Após o golpe de Estado, Getúlio Vargas outorgou uma nova Constituição, exterminando, através do artigo 1.222, a liberdade de imprensa e admitindo a censura. O exercício da crítica, bem como a necessidade de intermediários entre a sociedade e o Estado, anulavam-se na nova proposta. Após 1937, ficou estabelecido que os jornais desempenhariam suas funções públicas atrelados ao Estado e os jornalistas transformaram-se em instrumentos do poder público. Foi assim que os jornais perderam a sua identidade, sendo obrigados a reproduzir os discursos oficiais, dando ampla divulgação às inaugurações do governo, a defender as notícias dos atos do governo e a publicar fotos de Vargas.[24]

Em Blumenau, tanto os jornais *Cidade de Blumenau* e o *Urwaldsbote* apoiavam o PRC - Partido Republicano Catarinense, nos anos 30, e o *Blumenauer Zeitung*, a partir de 1934, fazia propaganda para a AIB. Através deles, os diferentes grupos e facções políticas imprimiam suas representações da realidade. Mas com o governo autoritário de Vargas, a imprensa

[23] Wechsel in unserer Schriftleitung. *Der Urwaldsbote*, Blumenau, 29 jul.1938, p. 02.

[24] No Brasil, 60% das matérias eram fornecidas pela Agência Nacional. Cf. CAPELATO, Maria Helena Rolim. O controle da opinião e os limites da liberdade: imprensa paulista (1920-1945). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 12, n. 23/24, p. 68-70, set. 1991/ago. 1992.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

definida como "expressão da opinião pública" perdeu o seu significado.[25] A esfera pública foi dominada pelo discurso do governo federal. A partir do momento em que o Estado propôs a estabelecer relação direta com as massas, os jornais perderam sua identidade. Isto significou, também em Blumenau, desapossar os diferentes grupos que circulavam na esfera pública de instrumentos de dominação produção simbólica.

A partir de meados de 1938, percebem-se mudanças de conteúdo e no corpo editorial dos jornais de língua alemã no município. Ainda no início de julho daquele ano, o jornal *Urwaldsbote* havia publicado em suas páginas uma biografia sobre o político catarinense Lauro Müller,[26] escrita pelo pastor Paul Aldinger, que já havia sido publicada antes, em 1928, num almanaque de São Leopoldo. Além de publicar o artigo em quatro edições seguidas do jornal,[27] suas oficinas reimprimem o texto na íntegra em forma de brochura, que fazia parte da série intitulada *Brasilianische Schriften* (Escritos brasileiros).[28]

À primeira vista, tais fatos podem não chamar a atenção. Mas é interessante perceber que justamente naquele momento, quando se iniciava a Campanha da Nacionalização, o jornal resolve publicar a biografia de um filho de alemães que havia se tornado um político de destaque nos níveis estadual e nacional. Tratava-se da mesma pessoa que, no início do século, por conta de disputas político-partidárias, havia sido criticada pelo *Urwaldsbote* de "renegado", "abrasileirado", por ter aceitado "valores estranhos à sua origem étnica".[29] Entretanto, em 1938, no início da Campanha de Nacionalização, numa espécie de homenagem póstuma – fazia, então, 12 anos da morte de Lauro Müller, o *Urwaldsbote* reserva espaço especial

[25] Jürgen Habermas nos lembra que a esfera pública política provém da esfera pública literária, cuja instituição por excelência é a imprensa, que "intermedia, através da opinião pública, o Estado e as necessidades da sociedade". HABERMAS, op. cit., p. 46.

[26] Lauro Müller, natural de Itajaí, fez carreira militar no Rio de Janeiro, sendo nomeado, no irromper da República, em 1899, para o governo do estado de Santa Catarina. Exerceu diversos cargos federais, como deputado federal e senador por Santa Catarina. Foi Ministro das Relações Exteriores, sendo deposto do cargo durante a Primeira Guerra Mundial. Cf. SEYFERTH, Giralda. Identidade étnica, assimilação e cidadania. A imigração alemã e o Estado brasileiro. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n. 26, out. de 1994, p. 116; PIAZZA, Walter (Org.). *Dicionário político catarinense*. Florianópolis: Edição da Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, 1985, p. 359.

[27] *Der Urwaldsbote*, Blumenau, edições de 01, 05, 08 e 12 jul. 1938.

[28] ALDINGER, Paul. Dr. Lauro Müller: der deutschblütige Staatsmann Brasiliens. Sonderdruck aus der *Urwaldsbote*, Blumenau, n. 1, 1938 (Brasilianische Schriften).

[29] Cf. SEYFERTH, Giralda. *Nacionalismo e identidade étnica*: a ideologia germanista e o grupo étnico teuto-brasileiro numa comunidade do Vale do Itajaí. Florianópolis: FCC, 1981, p. 68.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

para a reimpressão de sua biografia,[30] identificando Lauro Müller como "o maior dos catarinenses e um dos maiores brasileiros".[31] Ou seja, se no início do século este jornal dá ao adjetivo "abrasileirado" um tom disfórico, negativo, o novo editor do jornal, Karl Oberacker, em 1938, numa introdução à biografia publicada, dá à brasilidade um tom eufórico e positivo, num claro propósito de, em mudando o tom do jornal, procurar evitar o que se tanto temia: o fechamento do jornal.[32]

Karl Oberacker justifica que a reimpressão da biografia de Lauro Müller era uma forma de "refrescar a memória"[33] em relação àquele político, tratando de representá-lo como um descendente de alemães exemplar por conta do papel que teria tido na "formação da Nação" (*Nation*) brasileira: "Lauro Müller e, além dele, centenas de outros exemplos, provam que nós, de sangue alemão, fomos não somente bons colonos, comerciantes, industriais, artesãos, trabalhadores especializados aqui no país, mas também tomamos parte ativa na formação da Nação, também na área da política".[34] Oberacker praticava o que alguns autores chamam de "realce étnico",[35] ao comentar a biografia de Lauro Müller, realçando a brasilidade daquele político, possibilitada pela dualidade que o termo "teuto-brasileiro" apresenta. Este tipo de atitude é muito comum com pessoas que se identificam com duas culturas ao mesmo tempo, ora realçando uns elementos, ora outros, conforme os propósitos do momento, segundo diversos estudiosos dedicados ao tema da etnicidade.

Os últimos artigos sobre história de Blumenau aparecem no *Urwaldsbote* no mês de julho de 1938.[36] A partir de agosto encerram-se as

---

[30] Dr. Lauro Müller. Der deutschblütige Staatsmann Brasiliens. *Der Urwaldsbote*, Blumenau, 01 jul. 1938, p. 01.

[31] Idem.

[32] Sobre as noções de eufórico e disfórico ver FIORIN, José. *O regime de 1964*: discurso e ideologia. São Paulo: 1988, p. 9-10.

[33] Dr. Lauro Müller. Der deutschblütige Staatsmann Brasiliens. *Der Urwaldsbote*, Blumenau, 01 jul. 1938, p. 01. (Tradução livre da autora).

[34] Idem.

[35] Sobre esta questão do realce ver POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade*: seguido de *Grupos étnicos e suas Fronteiras* de Fredrik Barth. Tradução: Elcio Fernandes. São Paulo: UNESP, 1998, p. 168-169.

[36] Naquele mês, por conta dos festejos do "Dia do Colono", embora já enfraquecidos, foi publicado o último artigo sobre história de Blumenau no *Urwaldsbote*. Tratava-se de um trecho do estudo histórico-geográfico sobre Blumenau intitulado *Blumenau: Werden und Wesen einer brasilianischer Landschaft* (Desenvolvimento e características de uma paisagem teuto-brasileira), escrito pelo alemão Siegfried Endress e publicado naquele ano em Stuttgart, na Alemanha. O trecho publicado tratava da história da ocupação do vale do Itajaí desde 1850 até os anos 30 do século seguinte. ENDRESS, Siegfried. Geschichte der Besiedlung des Itajahygebietes. *Der Urwaldsbote*, Blumenau, 26 jul.1938, p.1-2.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

publicações sobre história regional de autores locais neste jornal, imprimindo-se nele cada vez mais o tom nacionalista do Estado Novo. No início de setembro de 1938, na data oficial do aniversário da cidade, ao invés dos costumeiros artigos sobre fatos e perşonagens da história, há um grande silêncio sobre o assunto nos jornais de língua alemã. Nenhum artigo ou nota lembra o fato.

O fato das autoridades nacionalizadoras terem proibido a produção e circulação de periódicos e literatura em língua alemã, trouxe também seus reflexos no discurso historiográfico em Blumenau. Durante o Estado Novo, o governo exclui as possibilidades de produção e circulação de determinadas formações discursivas, de um lado, cooptando alguns intelectuais ao aparato ideológico do Estado, de outro. A estes intelectuais dá-se oportunidades para a produção de saberes.[37]

Em 1939, enquanto continuava sendo publicado o *Kolonie Zeitung*, em Joinville, e o *Urwaldsbote*, em Blumenau, o *Blumenauer Zeitung* já não era mais publicado. Em 02 de dezembro de 1938, este último jornal encerrou sua publicação, tendo sobrevivido, portanto, apenas um ano após o golpe estado-novista. Diferente aconteceu com o *Urwaldsbote*, muito embora em finais de 1938 este jornal já tivesse perdido completamente a sua linha editorial, sobrevivendo "apenas materialmente", como então observaria o cônsul da Alemanha em Florianópolis. Também se havia restringido a sua circulação.[38] Ainda conforme o cônsul, naquela época o jornal não era mais transportado para algumas localidades, como Hamônia, no Alto Vale do Itajaí.

O fato do *Urwaldsbote* ter sobrevivido quase três anos a mais do que seu jornal opositor, considerando que historicamente havia se destacado como o jornal que mais defendia o *Deutschtum* em Santa Catarina, pode estranhar, à primeira vista. Este fato certamente se deve às articulações com pessoas influentes da burguesia comercial e industrial de Blumenau que, em alguns momentos, interferiram junto às autoridades nacionalizadoras

[37] Sobre isto ver capítulo 5 da tese de doutoramento da autora.

[38] *Carta do cônsul alemão de Florianópolis, Sr. Steimer, para a Embaixada Alemã no Rio de Janeiro.* Florianópolis, 30 dez. 1938. Arquivo do Ministério das Relações Exteriores de Berlim, Pasta R 104942.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

no sentido de evitar o fechamento do jornal. Quando, em julho de 1939, Curt Hering voltou de uma viagem de um semestre à Europa, manteve conversações com o comandante do 32º. Batalhão de Infantaria, Nilo Guerreiro, com o intuito de garantir a sobrevivência do jornal. Na ocasião, também Pedro Christiano Feddersen, presidente da Associação Comercial e Industrial da cidade, empenhou-se neste sentido.[39] Disto resultou que, a partir de 14 de julho de 1939, Elsbeth Koehler (esposa de Koehler) dividisse a direção do jornal com o advogado Max Tavares d´Amaral,[40] genro do industrial Curt Hering, que ficaria responsável pela censura prévia dos artigos a serem publicados pelo jornal. Não somente neste jornal, mas também em outras instituições culturais, Max Tavares d´Amaral representou os interesses de Curt Hering, que foi se recolhendo da cena pública cada vez mais, numa interessante estratégia de articulação política com o objetivo de minimizar os efeitos da campanha nacionalizadora nas instituições de imprensa e culturais em que a família Hering dirigia ou tinha influências.

Em agosto de 1939, o DAI – Deutsches Auslands-Institut (Instituto alemão para o exterior), de Stuttgart, na Alemanha, que acompanhava com atenção a nacionalização no Brasil, constatava a mudança de linha do jornal, afirmando que o mesmo havia "baixado o seu nível, tornando-se um instrumento da nacionalização", depois de acentuar o fato do jornal ter sido, nos anos anteriores, um *völkisches Organ*.[41] O termo *völkisch,* originalmente uma palavra substitutiva ao adjetivo *national*, em alemão, era, no vocabulário nacional-socialista, impregnado pelas concepções do racismo nacional-socialista, sendo expressão de um sentimento nacional anti-semita. O escritor do documento do DAI ainda informa, com indignação:

(...) de longe se ouvem os tambores da propaganda que o *Urwaldsbote* bate em prol do comandante do 32º. Batalhão de Caçadores, que comanda em Blumenau a nacionalização, através de uma efusão de elogios à maneira

[39] Über das Wiedererscheinen des Urwaldsboten. *Der Urwaldsbote*, Blumenau, 07 jul. 1939, p. 02.

[40] Natural de Itajaí, bacharelou-se em Direito em 1930, na Faculdade de Direito de São Paulo. Exerceu a advocacia em Rio do Sul, e em 1938 mudou-se para Blumenau, onde também trabalhou como advogado. Casou-se com Isolde Hering, tornando-se um dos diretores da Cia. Hering. Cf. D´AMARAL, Max Tavares. *Contribuição à história da colonização alemã no Vale do Itajaí*. São Paulo: Instituto Hans Staden, 1950, p.277.

[41] Verbete VÖLKISCH. In: KAMMER, Hilde; BARTSCH, Elisabet. *Nationalsozialismus:* Begriffe aus der Zeit der Gewaltherschaft 1933.1945. Reinbek bei Hamburg, Rohwolt, 1992, p. 217.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

amigável e cavalheira do comandante, que com muito tato cumpre aquela missão tão difícil.[42]

Este parece ter sido o preço para continuar publicando o jornal, sob o controle do governo federal, através do DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda. O DIP foi criado em 27 de dezembro de 1939 para centralizar e coordenar a comunicação social do Estado Novo.[43] Seu principal objetivo era obter o consenso em torno do regime, para o que este órgão investiu no aumento da coerção e da imposição ideológica.[44] Ele controlou, coibiu e centralizou os meios de comunicação de massa, colocando indiretamente todos os meios à tutela do Estado, obrigando-os a veicular um discurso emanado do interior do próprio aparelho estatal. A partir de 1940, 420 jornais e 346 revistas não conseguiram registro no DIP. Os jornais que insistiram em manter sua independência tiveram sua licença cassada.[45]

Como muitos dos outros órgãos de controle do governo federal, também o DIP se ampliou com a constituição de departamentos congêneres nos estados. Os criados DEIPs – Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda – reproduziam as linhas de ação emanadas pelo departamento nacional. Em Santa Catarina, o DEIP foi criado pelo decreto-lei nº 543 de 30 de maio de 1941, e era diretamente subordinado ao interventor. Seu objetivo era receber e distribuir para a imprensa local notícias divulgadas pela Agência Nacional, enviar notícias do Estado para redistribuirão nacional a partir do Rio de Janeiro e principalmente fazer o policiamento das notícias veiculadas pelos órgãos e imprensa catarinenses.[46]

Ou seja, as intervenções na imprensa estadual, até maio de 1941, não eram exercidas pelo Departamento estadual de imprensa e propaganda, criado nesta época. O que se percebe, é como o Exército assumiu influência direta no controle da imprensa escrita em Blumenau, pelo menos até

---

[42] *Volkstum im Spiegel der fremden Presse*. Informationsdienst des DAIs Stuttgart. Stuttgart, 21 ago. 1939, p. 05. Arquivo Nacional de Koblenz, Pasta R 57/Neu 977. (Tradução livre da autora).

[43] Já em 1931, o governo provisório havia criado um Departamento Oficial de Propaganda que, em 10 de julho de 1934, transformou-se em Departamento de Propaganda e Difusão Cultural, dando origem ao DIP durante o Estado Novo. Cf. CARONE, Edgar. *O Estado Novo (1937-1945)*. Rio de Janeiro/São Paulo: Difel, 1976, p. 169.

[44] Sobre o DIP ver GOULART, Silvana. *Sob a verdade oficial*: ideologia, propaganda e censura no Estado Novo. São Paulo: Marco Zero/CNPq, 1990, p. 19.

[45] CAPELATO, op. cit., p. 68.

[46] Cf. BITENCOURT, João. *Estado Novo, cidade velha*: o governo ditatorial de Vargas desde Laguna. Porto Alegre, 2002. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História - UFRGS, p. 117.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

quando ainda não tinha sido criado o DEIP no Estado. Isto revela mais uma vez o seu extraordinário poder de intervenção durante aquela época.[47]

A última edição do *Urwaldsbote* com trechos em língua alemã foi publicada em 29 de julho de 1941. O governo federal havia determinado que do dia primeiro de agosto em diante, não poderiam mais ser publicados jornais e revistas em língua estrangeira. O proprietário do jornal decidiu, ao invés de fechá-lo, continuar a publicá-lo. O jornal que tanto havia defendido o uso da língua alemã aparecia agora totalmente em português. Num artigo de primeira página, Koehler apela para a fidelidade de seus leitores, argumentando que o fato de não ser impresso mais em alemão não faria o jornal perder o seu direito de existência. Se preocupa em destacar como importantes papéis do jornal, além da divulgação dos "grandes valores nas áreas das ciências, artes e técnica" da Europa Central, "tão importantes e imprescindíveis para o desenvolvimento brasileiro", também o seguinte:

Somente nós estamos em condições de cuidar dos seus interesses e necessidades, pois somente nós o conhecemos. Somente nós podemos informá-lo sobre a vida nas suas entidades sociais e esportivas, somente nós, enquanto membro destas, as acompanhamos. Somente nós dispomos de correspondentes em seus distritos, que nos deixam informados sobre tudo o que ocorre em seus círculos: nascimentos, noivados, casamentos, aniversários, bodas de ouro, falecimentos, etc.[48]

O jornal que, em 1940, tinha uma tiragem média de 6.200 exemplares,[49] sobrevivia, ainda que sob condições precárias. Esta "queda de braço", contudo, teve um fim, quando, após últimas tentativas de negociação por parte do industrial Curt Hering, foi interditada a sua publicação, em 01.10.1941, através de determinação do Departamento Estadual de Imprensa.[50]

---

[47] Isto ocorreu não somente em jornais de língua estrangeira. Edgar Carone cita a ocupação militar do jornal *O Estado de São Paulo* em 25 de março de 1939, por conta de resistências frente ao regime estadonovista. CARONE, op. cit., p. 170.

[48] Der Leser und seine Zeitung. *Der Urwaldsbote*, Blumenau, 29 jul. 1941.

[49] Cf. tabela "Imprensa periódica". In: BLUMENAU. Prefeito (Rabe). *Relatório dos negócios administrativos do município de Blumenau, referente ao ano de 1941, apresentando ao Exmo. Snr. Dr. Nereu Ramos, interventor federal no Estado, pelo prefeito municipal Dr. Afonso Rabe,* p. 73. AHJFS.

[50] KOEHLER, G. A. *Erinnerungen des Herausgebers des Uswaldsboten*. Blumenau, out. 1941. Traduções de trechos feitos pela VDA, de Stuttgart. Arquivo Nacional de Koblenz, Pasta R 57/Neu 1191-38.
Em 1942, a empresa tipográfica que havia publicado o *Urwaldsbote* e outros impressos, foi transformada numa sociedade de ações, sob o nome Tipografia e Livraria Blumenauense S/A. Conforme biografia de G. Artur Koehler. AHJFS, Pasta. 3.K.11. Doc-01.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Percebe-se que as estratégias que foram desenvolvidas para manter o *Urwaldsbote*, as negociações com as autoridades nacionalizadoras, as adequações à lei, representavam mais uma luta pelo significado que o jornal teve para os que o apoiavam, enquanto um instrumento de produção simbólica. Ao se interferir na esfera pública literária de Blumenau, ou seja, nas entidades associativas e na imprensa, houve no início mais tentativas de negociação da parte controlada, do que confrontos. Com o recrudescimento da Campanha, sobretudo a partir de 1942, quando há o auge do controle e da repressão aos alemães e descendentes, se excluem muitas das possibilidades de barganha que ainda existiam, mas não sem resignações.

Com a proibição do *Urwaldsbote*, subsistiu apenas o jornal *Cidade de Blumenau,* que investiu, a partir daí, no aumento de sua tiragem.[51] Além deste, surgiu o jornal *A Nação,*[52] em maio de 1943. Em maio de 1940 surgiu o *Boletim Semanal da Prefeitura Municipal*,[53] sob iniciativa do Executivo de Blumenau. A impressão era feita nas oficinas do extinto *Blumenauer Zeitung,* o que mostra bem a dimensão da intervenção do poder público na esfera pública, naquela época. As oficinas de um jornal de língua estrangeira foram reaproveitadas para a publicação de um jornal oficial da administração municipal. O fato do então prefeito, José Ferreira da Silva, ter sido jornalista atuante em Blumenau, certamente explica o empenho na publicação do boletim. Também a ênfase que então se dava à importância da administração pública.[54]

Os jornais que subsistiram, funcionavam todos sob os ditames do DIP, cumprindo o papel de divulgar o regime estadonovista. Alzira Vargas, filha do presidente, dá uma idéia de como a imprensa havia perdido sua autonomia na produção da opinião pública, pois bastava ler um jornal para saber o que havia nos outros, evidenciando como a repetição era uma técnica característica do discurso autoritário, que foi amplamente utilizado

---

[51] Em 1940, o jornal tinha uma tiragem média de 2.500 exemplares, passando para 2.800 em 1941 e 3.000 em 1942. Cf. tabela "Imprensa periódica". In: BLUMENAU. Prefeito (Rabe). *Relatório dos negócios administrativos do município de Blumenau, referente ao ano de 1941, apresentando ao Exmo. Snr. Dr. Nereu Ramos, interventor federal no Estado, pelo prefeito municipal Dr. Afonso Rabe,* p. 73. AHJFS.

[52] Cf. SILVA, José Ferreira da. *A imprensa em Blumenau.* Florianópolis: IOESC, 1977, p. 113.

[53] Em 1941 este boletim tinha uma tiragem de 600 exemplares Cf. tabela "Imprensa periódica" , op. cit..

[54] José Ferreira da Silva não explica os motivos que levaram à extinção deste órgão informativo municipal, no livro sobre a imprensa de Blumenau que o mesmo publicou muitos anos mais tarde.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

nos jornais da época.[55] Também em Blumenau, os jornais foram marcados por esta ausência de liberdade e pela uniformização.

Não há de se esquecer também do rádio, veículo de importância significativa no empenho para a popularização do regime, "pois fazia chegar às zonas rurais, não incorporadas pela política populista, o projeto de legitimação do Estado Novo. O rádio foi meio imprescindível de integração e uniformização política e cultural."[56] Em Blumenau, a PRC-4, por sinal a primeira rádio do sul do país, também foi submetida ao controle do Estado. Em todos os órgãos da imprensa, tratava-se de "reproduzir os discursos oficiais, dar ampla divulgação às inaugurações e aos atos do governo, de divulgar a figura de Vargas identificado como o pai onipresente que tudo vê e tudo compreende, de se apresentar à sociedade como um grupo homogêneo onde se igualavam operário e industrial, patrão e empregado, negando-se a problemática de classe, afirmando a presença de um Estado providencial".[57]

Concluindo, com o fechamento dos principais jornais em língua alemã de Blumenau, assim como de entidades associativas, a classe economicamente dominante de Blumenau é desapossada de importantes instrumentos de produção simbólica. Além disto, o Estado deslegitima e cerceia a circulação de manifestações que defendessem a manutenção da fronteira étnica teuto-brasileira na esfera pública. Com a intervenção na esfera pública literária, o Estado impõe suas definições do mundo social, monopolizando este direito para si próprio.

Este artigo procurou mostrar não somente estas intervenções, mas sobretudo como as pessoas integrantes ou ligadas às elites econômicas da cidade, procuravam, pelo menos no início das intervenções, elaborar algumas estratégias de ação, resistir, mas também negociar com o Estado. Mostrou-se as aproximações às autoridades governamentais, como estratégia de ação, assim como as acomodações às medidas do governo.

[55] Citado por CAPELATO, op. cit., p. 74.

[56] Cf. GOULART, op. cit., p. 19.

[57] Ibidem, p. 17.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

A noite no eremitério

Alfredo Scottini[1]

Crônicas do Cotidiano

Rodeio recebeu os primeiros colonizadores de origem italiana, melhor, trentina, por volta de 1875. Chegaram muitos e numerosos grupos do Norte da Itália, em busca de sobrevivência e paz. Eram tangidos pela fome e pelas guerras constantes em sua terra. Entraram pelo porto de Itajaí e foram sendo deslocados para as margens dos rios, mais acima de Blumenau, pois Blumenau os detestava e, também, seriam eles os primeiros para o ataque dos índios. Hoje se diria que seriam o escudo humano, contra os ataques dos aborígines.

Os imigrantes, movidos por uma propaganda enganosa, achavam que logo ficariam ricos e teriam uma vida muito fácil. De outra parte, saindo da Itália, os parentes remanescentes lá resistiriam melhor à falta de alimentos e a outros males endêmicos. A imigração salvava aos imigrantes e aos que continuavam na terra de origem. Quando ficassem ricos, voltariam para todos terem uma boa vida, em conjunto, outra vez.

Aqui, logo descobriram que as distâncias eram enormes e a comunicação impossível. To-

[1] Professor e Colaborador da Revista.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

dos eles eram muito religiosos e, nesta imensa terra, os padres eram raros. Depois de longa espera, finalmente, os padres franciscanos de origem germânica, com todo o rigor e puritanismo deles, assumiram Rodeio e impuseram uma religião de uma única via. A pessoa devia estar voltada, totalmente, a Deus e seguir à risca os ensinamentos dos poderosos padres, ou ser sócia do demônio e ir para o inferno. Obviamente, todos temiam a grande fornalha do inferno e, então, tornavam-se santos e devotos na marra. Os mais velhotes sempre contam histórias a respeito desses fatos, a maioria acha que devia ser assim ainda hoje, pois a população perdeu o respeito e se esqueceu dos deveres religiosos.

Os padres franciscanos já tiveram um seminário em Rodeio. Recolhiam os adolescentes, vocacionados para o santo ministério do sacerdócio. Não é preciso dizer que ali o regime era duro, pois a máxima era: "Quem não é esfolado, não é educado". Bem antes do seminário, foi instalado o noviciado. Este é a preparação para a vida religiosa. Durante um ano, o candidato estuda e medita as possibilidades pessoais de escolher a vida sacerdotal e franciscana, ou retornar às atividades civis, seculares.

Rodeio está cercada de montanhas por todos os lados. Os seres humanos sempre se sentiram atraídos pelas alturas. Era comum alguém propor a construção de um eremitério, ou seja, uma construção própria para rezar e meditar, bem no alto de alguma daquelas montanhas. A criatura humana sempre imaginou que estando na montanha estaria mais perto de Deus e lá poderia meditar e ser inspirado para a prática de boas ações e tomar decisões definitivas. O silêncio da montanha e o ar puro influiriam na mente dos seres e eles se encontrariam logo com Deus. Após muitos estudos e debates, em Rodeio, os frades construíram um eremitério, todo de pedra, no alto da montanha, na localidade de Ipiranga. Um senhor generoso doou mais de 16 mil metros quadrados de mata, a fim de enfeixar a construção. Muito bonita a casa, acolhe com simpatia e leva a meditar o quanto a natureza é extraordinária e como o espírito divino pode influir na mente das criaturas. Bem no meio da Mata Atlântica, ouvem-se as vozes dos pássaros, os sons do vento e o farfalhar das folhas. A construção de pedra, com muitas celas, a capelinha, as salas, atrai e seduz, convidando a

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

sempre retornar ao seu seio. O bimbalhar do sino corta o silêncio como uma prece de alegria.

Foi nessa casa maravilhosa que nos encontramos um grupo de ex-seminaristas franciscanos, certo fim-de-semana, para planejarmos nossos futuros encontros. Depois dos trabalhos, reunidos na cozinha, ao redor de enorme fogão-a-lenha, saboreando vinho e esperando o jantar que um colega estava preparando, começou uma discussão assaz interessante. Éramos seis: um frade sacerdote, um juiz federal do trabalho, um especialista de saúde pública, um ex-prefeito, um advogado e eu. Um grupo heterogêneo nas profissões, mas com idéias parecidas em termos de franciscanismo. Contudo, a conversa daquela noite correu sobre temas bem diferentes.

Alguém iniciou uma exposição sobre o socialismo, contrapondo-o ao liberalismo, em virtude dos candidatos aos muitos cargos públicos brasileiros. Notou-se, de imediato, a convicção e a revolta de cada um. O frade defendia uma posição socialista, frisando que a mudança é essencial para a vida das pessoas, mesmo que haja rupturas com a situação permanente de uma sociedade. Defendia o ponto-de-vista por idealista, quiçá, por influências da República de Platão. Platão previa um Estado de extrema justiça, com igualdades sociais para todos. O frade defende menos injustiça, participação mais equilibrada de todos os cidadãos nos frutos do trabalho da nação. O juiz concordava com ele, por força do hábito, pois detém os juízes uma formação socialista e sentem quanto lhes pesa a responsabilidade na repartição das riquezas de um povo. A partir dessas conclusões, ambos eram favoráveis a uma mudança radical de rumos, sempre enfatizando que a mesma deva produzir maior justiça para todos os cidadãos.

O ex-prefeito dizia que era socialista por revolta, pois estava cansado de ver sempre as mesmas mazelas, a mesma situação, os mesmos problemas.E ia mais longe: enfatizava que em sua idade, acima dos setenta, não lhe cabiam mais ilusões, nem se deixar seduzir pelo canto das sereias. Concordava em todos os itens com os dois. Ilustrou as palavras, trouxe exemplos de sua vida governamental e reforçou os argumentos dos mesmos. O interessante era a euforia dos três socialistas, junto ao calor do fogão, sorvendo um vinho primoroso, degustando o lauto jantar. Creio que

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

nem Platão resistiria a tantas iguarias.

Nós, os outros três, ouvimos e rebatemos alguns argumentos. Contudo, sabíamos que é difícil bater contra o entusiasmo, contra o ânimo quente dos que defendem idéias novas. Dom Quixote, por muito menos, combateu os moinhos de vento e quebrou a lança. Não perdemos, porém, a oportunidade de provocar-lhes o idealismo e mostrar-lhes que, no dia-a-dia, comendo o feijão com arroz, é bem diferente a vida de cada pessoa. Outrossim, as igualdades não podem ser dadas por decreto, por magnanimidade, mas conquistadas pelo esforço cansativo de cada um.

A distribuição de renda advém de uma produção igualitária. As medidas tomadas pelos políticos socialistas, no contexto nacional, têm sido as de favorecimento de grupos ligados aos mandantes, nunca com vistas a um bem-estar geral. Mudar o capitão do navio, com certeza, pouco mudará o rumo do navio, ou mesmo a vida dentro do próprio.

O advogado enfatizou o velho provérbio de que todos os políticos, de todas as cores e partidos, são farinha do mesmo saco. Eles sempre se apegavam ao argumento da mudança. Citamos-lhes o exemplo de como procedeu Moisés, a fim de que todos os israelitas acreditassem nele. O condutor do povo afirmou que recebera as dez tábuas da lei, diretamente, das mãos de Deus. Seria muito difícil encontrar um argumento mais forte, para que aquele povo acreditasse nas palavras do líder. Pois, dizer e prometer são momentos gloriosos, mas o difícil é realizar, concretizar as promessas.

Apelaram até para o cômico, mas não nos convenceram. Um pouco decepcionados, devem ter dormido ouvindo o vento nas janelas estreitas e sonhado com a divina República de Santo Agostinho. Afinal, sabe-se que a justiça deve de existir, mas somente no reino de Deus, onde os seres humanos não dão opinião, nem mandam, e lá todos são santos.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Glória maior do Guarani

Aurélio Sada[1]

Esporte & Lazer

O título regional de 63

À parte os clubes que, por sua força, como era o caso da dupla brusquense, filiada à LBF por vários anos – o Carlos Renaux sempre em maior evidência -, só um clube suburbano do futebol blumenauense conseguiu interromper uma seqüência de títulos conquistados, alternadamente, por Brasil/Palmeiras e Blumenauense/Olímpico em competições regionais, nelas presentes mais dois participantes da cidade e outros três de municípios vizinhos: Gaspar, Pomerode e Timbó.

O único clube que se "atreveu" a desafiar a longa supremacia dos dois poderosos rivais dos campos da cidade foi o Guarani, em 1963, que só pôde comemorar a "verdade" da consagração a 19 de janeiro do ano seguinte, quando acabou a longa espera bugrina por vitória que não dependia mais de suas próprias forças, dependendo tão-somente da ajuda do Palmeiras num clássico de tudo ou nada para o Olímpico.

Início e fim preocupantes

Em verdade, apresentou características inéditas não só o começo, como também o fim da

[1] Colaborador da Revista.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

campanha que levou a torcida do clube de Itoupava Norte a justificadas demonstrações de alegria no verão de 64, quando cessou a agonia tricolor no aguardo de um placar que não era diretamente seu, mas o presente – doce presente – de um adversário já de todo alijado da briga pelo título.

O bom Edgar Knaesel, que lidou por algum tempo com a pesada responsabilidade de dirigir o elenco bugrino, vindo a licenciar-se das funções de treinador por esgotamento físico, levou a diretoria, então presidida pelo industrial Rolf Kuehnrich, a formar uma espécie de colegiado para manter o equilíbrio do grupo de profissionais, contando com a sempre prestimosa colaboração de Heinz Wuerges, juntamente com Osmar Weissheimer, outro destaque, por longo tempo, do dia-a-dia administrativo do time do outro lado do rio.

O problema veio a ter solução definitiva providenciada em boa hora com a contratação dos serviços profissionais de Carlos de Campos Ramos (Leleco), que usou de sua longa experiência até o fim do campeonato, mostrando-se condutor seguro de uma equipe aguerrida, de apreciáveis recursos técnicos. Nem seria preciso acrescentar que entre os dirigentes mais ativos do setor estava o incansável e inesquecível Edgar Paulo Mueller.

Estréia de doer

Dependesse do "desastre" ocorrido na estréia do certame regional organizado pela LBF, verificada no dia 21 de julho de 1963, o Guarani jamais teria a pretensão de cumprir bom papel no certame.

Com Carlos; Leonardo, Dagô, Brandão e Antoninho; Nilo e Alcino; Dionei, Carlinhos, Ivo (Michel) e Joel, foi o time suburbano à Baixada para engolir estonteante 0X5 imposto pelo Olímpico, que ia aos poucos montando aquela força campeã estadual de 64.

Joca fez 1X0 aos 8 minutos de ações. Na fase final, Rodrigues aos 27, Bagé aos 31 e Joca aos 36 e 38, completando o "rosário". Jalmo Hipólito da Silva, o árbitro. Renda, Cr$ 160.980,00.

Recuperação

No desdobramento do primeiro turno, quando o Floresta chegou

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

a liderar a tabela com 3 pontos de vantagens sobre os vice-líderes (Guarani e GEO), a equipe do outro lado do rio, refeita do péssimo resultado inicial, foi tomando jeito.

2º Jogo – A 28 de julho, atuando em casa, ganha do União por 3X0, em jogo apitado por Vicente Farias e que rende a baixa quantia de Cr$ 36.780,00.

No período inicial, um gol de Ivo aos 24 e outro de Carlinhos aos 38. No tempo final, Dionei aos 26 minutos. A formação vencedora: Carlos; Leonardo, Dagô, Brandão e Antoninho; Nilo e Alcino; Dionei, Carlinhos, Ivo e Joel.

3º Jogo – Dia 4 de agosto de 63 – O Estádio Carlos Barbosa Fontes, em Gaspar, é palco de parada difícil para o Guarani de Carlos; Leonardo, Dagô, Brandão e Antoninho; Cildo e Alcino; Dionei, Carlinhos, Ivo e Joel, que empata de 0X0 com o arisco Tupi. Evaldo Seberino da Silva apita e a renda não passa de Cr$ 33.060,00.

4º Jogo – Dia 25 de agosto de 63 – No Estádio Curt Hering, o espetáculo da tarde apresentou custoso triunfo obtido pelo Guarani sobre o Vasto Verde pela contagem mínima, tendo assinalado pelo excelente meio campista Alcino. Infelizmente, não dispomos de outros detalhes que gostaríamos de divulgar. Empenho é o que não faltou, na busca desses detalhes.

5º Jogo – Dia 7 de setembro de 63 (um sábado) – Vence o Guarani a segunda partida consecutiva por 1X0, dessa vez contra o Amazonas, no "alçapão" de Itoupava Norte. Outro gol decisivo de Alcino, no finalzinho da primeira etapa. Arbitragem de Vicente Farias e arrecadação de Cr$ 56.820,00. Mosquito; Leonardo, Dagô, Brandão e Antoninho; Cildo, Nilo e Alcino; Michel, Carlinhos e Ivo, o elenco tricolor.

6º Jogo – Dia 15 de setembro de 63 – Compromisso importantíssimo às pretensões do Guarani, em Itoupava Norte, na estréia de Leleco. Tudo acaba bem: 3X0 em cima do Palmeiras, com arbitragem de Roberto Paulo de Limas. Os gols: Carlinhos (de cabeça) aos 21, Ivo (também de cabeça) aos 54, e novamente Carlinhos, aos 84 minutos. A equipe que goleou: Mosquito; Cildo, Dagô, Brandão e Antoninho; Nilo e Alcino; Michel, Carlinhos, Ivo, e Joel. O Floresta é líder da tabela sem ponto perdido. Guarani e GEO têm 3 e o Palmeiras, 6.

7º Jogo – Dia 16 de outubro de 63 – Reabrem os portões do está-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

dio de Itoupava Norte para enorme platéia que rende Cr$ 242.400,00. Arbitragem de grande partida a cargo de Roberto Paulo de Limas. O Guarani está demais e vai com tudo para cima do invicto Floresta, goleado por 4X1. Nilo 2, Carlinhos e Joel para os locais. Robertinho, o autor do gol isolado dos perdedores. Crescendo no campeonato, o Guarani foi de Mosquito; Cildo, Dagô, Brandão e Antoninho; Nilo e Alcino; Dionei (Michel), Carlinhos, Ivo e Joel.

Na tábua classificatória, Floresta ainda líder com 2 pontos negativos, seguido do Guarani com 3, Olímpico e Palmeiras com 6. Primeiro turno encerrado.

Returno dramático

8º Jogo – Dia 13 de outubro de 63 – Entra o campeonato em sua fase mais imprevisível. O reduto da agremiação do outro lado do rio leva o time de Leleco a tombar o Tupi por 3 a 1, em confronto dirigido por Roberto Paulo de Limas e que ofereceu arrecadação de Cr$ 63.350,00. O oportunista Carlinhos marca duas vezes e Da Silva, uma. Autogol de Carlos aliviou um pouco a derrota gasparense. O Guarani de quase sempre: Carlos; Cildo, Dagô, Brandão e Antoninho; Nilo e Alcino; Da Silva, Carlinhos, Ivo e Joel. Continua líder isolado o Floresta (2 pontos), tendo a segui-lo de perto, Guarani com 3 e GEO com 4.

9º Jogo – 20 de outubro de 63 – Livrando-se de verdadeira "pedreira", o Guarani vai a Timbó para derrubar o perigoso União por 2 a 1, alcançando a co-liderança ajudado pelo Tupi, que não cede mais que empate de 1X1 ao Floresta. Em seu chão, abrindo o escore por intermédio de Nilton, a equipe timboense não resiste à virada bugrina através de duas finalizações certeiras de Ivo, garantindo aos 25 minutos do tempo final mais dois pontos preciosos. Apitou Frederico Capella e a renda chegou a Cr$ 84.100,00. Mosquito; Cildo, Dagô, Brandão e Antoninho; Nilo e Alcino; Da Silva, Carlinhos, Ivo e Joel compuseram o time de Blumenau.

10º Jogo – 27 de outubro de 63 – Todo mundo toma o caminho do "alçapão" para assistir ao segundo jogo entre Guarani e Olímpico. Roberto Paulo de Limas empunha o apito e o produto financeiro não poderia ser outro: Cr$ 355.600,00. O veteraníssimo Teixeirinha mexe no placar logo

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

aos 3 minutos de espetáculo, pondo o GEO em vantagem que perdurou até os 15 minutos da segunda etapa, quando Ivo empata. E Joel anota aos 17 o tento de outra notável conquista dos comandados de Leleco, que foram Mosquito; Cildo, Dagô, Brandão e Antoninho; Nilo e Alcino; Da Silva (Sílvio), Carlinhos, Ivo e Joel. Duas expulsões: Altemir (GEO) e Ivo (Guarani), por troca de pontapés.

Guarani e Floresta seguiam lado a lado na ponta da tabela, o time de Pomerode aproveitando a folga para envolver-se em amistosos contra o Caxias, em Joinville, e perder pela estranha goleada de 8 a 5.

11º Jogo – Dia 3 de novembro de 63 – Sedento de revanche, o Floresta está preparadíssimo para encarar o Guarani no Estádio Hermann Weege, e não perde a vez de vingar o revés do primeiro turno, derrotando o "colega" de posição por 3 a 1. Muito mais que isso, readquirindo a condição de ponteiro absoluto da tábua de colocações.

Rubens Silveira é o árbitro. Excelente a renda de Cr$ 224.700,00. Roberto 2 e Valdir Belz (de pênalti) garantiram o estrondoso sucesso florentino, contra um gol de Nilo.Não evitaram a segunda derrota da representação bugrina: Mosquito; Cildo, Dagô, Brandão e Antoninho; Nilo e Alcino; Da Silva (Sílvio), Carlinhos, Ivo e Joel. O Floresta reconquista a liderança isolada, com 3 pontos perdidos, caindo o Guarani para 5, o Olímpico para 6 e o Palmeiras para 8.

12º Jogo – Dia 24 de outubro de 63. No Estádio da EIG, bairro do Garcia, o Guarani, ainda não de todo refeito do tombo anterior, exibindo-se com: Mosquito; Cildo, Dagô, Brandão e Antoninho; Nilo e Alcino; Da Silva, Carlinhos, Sílvio e Joel, passa por momentos de apreensão para dobrar o resistente Amazonas por 1X0, fruto de gol marcado pelo atacante Sílvio a 5 minutos de correria. Rubens Silveira esteve no controle das ações, ficando nas bilheterias a soma de Cr$ 79.705,00. A 30 de novembro de 63, para não perder a forma em longas folgas proporcionadas pela tabela, o Guarani faz amistoso noturno contra o Olinkraft de Lages, goleando os visitantes por 3X0, todos os gols assinados pelo avante Carlinhos.

13º Jogo do campeonato – Dia 15 de dezembro de 63 – Naquele domingo, o Guarani vê chegando o momento de sofrer séria ameaça ao defrontar-se no Aderbal Ramos da Silva com um Palmeiras ainda esperançoso de voltar à briga pelo título e que acabou mesmo aplicando rasteira no

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

adversário do outro lado do rio por 2 a 1. Deu gente a valer no reduto alviverde, como indica a renda de Cr$ 412.250,00, em partida controlada pelo árbitro Rubens Silveira.

Bezerra movimentou o marcador aos 44 minutos, para Risada ampliar a diferença aos 15 do período final. Vantagem palmeirense de 2X0. Da Silva definiu os números da contagem aos 33. De qualquer modo, com Mosquito; Cildo, Dagô, Brandão e Antoninho; Nilo e Alcino; Da Silva, Carlinhos, Sílvio e Joel, o Guarani permanecia em situação nada preocupante, pois a 1º de dezembro o GEO desapontara sua torcida ao ficar num modesto 2 a 2 contra o União, na Baixada, para depois o Floresta sofrer goleada do mesmo GEO por 4X0, dando adeus definitivo a qualquer possibilidade de êxito na competição.

14º Jogo (o último) - Dia 5 de janeiro de 64 - Tendo Rubens Silveira na arbitragem e arrecadação de Cr$ 96.900,00, antes de encerrar sua participação no campeonato com 3X0 sem problema algum frente ao lanterna Vasto Verde - também goleado pelo GEO por 5X0 -, o Guarani aparecia em nível de igualdade com o alvirrubro, tendo os dois a soma de 7 pontos negativos, não restando ao Palmeiras (com 8) qualquer chance de sagrar-se campeão.

Gols de Da Silva aos 10, Nilo (de cabeça) aos 16 e Alcino aos 32 minutos, deram ao Guarani, numa peleja em que usou Mosquito (Carlos); Leonardo, Dagô, Brandão e Cildo; Nilo e Alcino; Da Silva, Carlinhos Ivo (Michel) e Joel, o sofrido privilégio de aguardar o desfecho do último clássico maior do nosso futebol, para saber se seria ele, Guarani, o campeão, em caso de vitória ou empate do Palmeiras, ou necessária uma decisão extra contra o Olímpico.

A 15 de janeiro/64, para amainar o nervosismo geral pelo desfecho da história, o Guarani joga outro amistoso em seu reduto, empatando com o Marcílio Dias de 4 a 4. Os gols: Carlinhos 2, Dagô e Da Silva para os locais; Caetano, Aquiles, Renê e Ivo para o elenco itajaiense.

Enfim, campeão de fato e de direito

A angustiante espera só iria terminar a 19 de janeiro de 64, sob incontida explosão de alegria da massa bugrina, visto ter o Palmeiras, até de maneira um tanto surpreendente, aplicado 4X1 no rival da Alameda Rio Branco. Era o que faltava para deixar o Guarani com 7 pontos negativos,

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Palmeiras 8, Olímpico 9, Floresta 12, União 13, Tupi 15, Amazonas 22 e Vasto Verde 25 pontos perdidos.

A conclusão do campeonato regional de 1963, que tomou um pedacinho do ano seguinte, não deixou marca de qualquer anomalia que pudesse manchar a brilhante campanha do Guarani, nem mesmo as confusões e atritos que agitaram a vida da Liga Blumenauense de Futebol, não fosse ela freqüentada, naquele tempo, por dirigentes inescrupulosos, insatisfeitos com tudo, até mesmo quando a ordem estivesse presente.

Da direita para a esquerda: Mosquito, Dagô, Antoninho, Carlinhos, Cildo (tinha apenas 16 anos incompletos), Brandão, Joel, Alcino, Ivo, Leonardo, Luiz Carlos (?), Silvio, Michel, Da Silva, Nilo, Carlos e o técnico Carlos de Campos Ramos (Leleco).
*Segundo alguns informantes consultados, Luiz Carlos, nome não de todo confirmado, talvez esteja suprindo a ausência de Dionei, valor lançado em quatro jogos do 1º turno e não lembrado nos contatos que realizamos para dirimir dúvidas.

Festa a valer

A proeza da equipe profissional do Guarani foi amplamente comemorada, com a distribuição de faixas de campeão aos jogadores, no dia 25 de janeiro de 64, seguida de jogo amistoso contra o Paula Ramos, de Florianópolis, goleado por 4X1. Paragassu 2, Carlinhos e Alcino, os

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

goleadores do Guarani. Para os vencidos, marcou Alduíno. Não faltaram grandiosa churrascada e Baile de Vitória, este a 11 de fevereiro.

Futuro pesado

Lutou a valer o Guarani, durante muitos anos, para alcançar esse prêmio a tanto esforço, talvez sem avaliar as enormes proporções de certames estaduais que não demorariam a chegar, mergulhando o clube de Rolf Kuehnrich num mundo de sérios compromissos financeiros por demais onerosos.

Alcino foi o primeiro craque a sair do clube, comprado pela A. A. Tupy, por 1 milhão de cruzeiros. Bianchini e Chico (irmão de Dequinha) foram dois reforços adquiridos para o Estadual de 64.

O certame do mesmo ano, conquistado pelo Grêmio Esportivo Olímpico, foi, pode-se afirmar, amarga experiência para o Guarani já campeão regional.

Por três anos o clube de Itoupava Norte pagou preço alto demais pelo título alcançado, a ponto de fechar o departamento de futebol profissional, já sem ânimo e recursos para suportar pressão incontrolável.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Seis anos e meio de trabalho em prol da estação agro-pecuária

Gado Vacum[1]

Burocracia & Governo

Rio Morto - Indaial - Santa Catarina

Há anos o Sindicato Agrícola do Município de Blumenau planejava criar uma estação agropecuária própria e em terreno particular, para fins de pesquisar gado. A finalidade desta era apoiar o colono do município, prestando-lhe assistência na sua luta diária pela sobrevivência.

No decorrer dos anos, muito gado veio ter em Blumenau, parte do Estado e parte da União. Os animais, em sua maioria, não resistiam e acabavam morrendo, em nada colaborando para a melhoria genética do rebanho. O problema, pela ordem, era a falta de um local adequado onde estes animais seriam internados, tornando possível adaptá-los ao clima, e à forragem.

Também haveria a necessidade de serem construídos galpões onde estes animais valiosos fossem guardados, considerando que estes, mercê de um tratamento inadequado, estavam debilitados e necessitavam de uma assistência que lhes possibilitasse sua recuperação.

Que a Estação Agropecuária Rio Morto (Estação de Pesquisas), fundada em março de 1927, tinha dado conta do recado, estava provado, pois cinco dos animais da raça holandesa, com

[1] Tradução Curt Heise. Colaborador da Revista Blumenau em Cadernos.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

idade de 7 anos e meio, ali remanesciam. Desde a fundação da Estação, isto é, há sete anos e meio, um único animal adulto tinha perecido. Era um touro, o qual, segundo declarações de médicos veterinários, perecera de um mal incurável do fígado.

Por ocasião da fundação da Estação de Pesquisas fora planejado manter-se um plantel em torno de 12 animais. Este número de animais, porém, era de pouca valia para os colonos. Motivo porque o plantel sofria constantes aumentos, e já após o ano de 1930, este já somava entre 30 e 35 animais.

A existência de um plantel não poderia sofrer qualquer aumento, considerando que a propriedade em torno de 35 hectares não comportaria, pois o número de animais estava em relação direta com o tamanho do terreno destinado ao plantio de forragem.

O objetivo da implantação da Estação de Pesquisas era a criação de um tipo de gado resistente e econômico, capaz de produzir grandes quantidades de leite com elevado teor de gordura. O plantel de gado se compunha, em grande parte, de animais da raça holandesa pura. Para aumentar sua resistência e o coeficiente de gordura do leite dos animais, procedeu-se com cautela ao cruzamento das vacas monitoradas com a raça zebu. Os conhecimentos adquiridos com o mestiço da raça zebu prometem retorno.

Todas as vacas da estação experimental passam mensalmente por uma avaliação no que tange à quantidade de leite por elas produzido e seu teor de gordura, segundo procedimento do Dr. Gerber. A potencialidade das vacas aumenta a cada ano. Como quantidades mínimas de produção, são exigidas como segue:

Vacas após parir o primeiro bezerro: 2000 L, com 4% de teor de gordura = 80 kg. de manteiga

Vacas após parir o segundo bezerro: 2500 L, com 4% de teor de gordura = 100 kg. De "

Vacas após parir o terceiro bezerro: 3000 L, com 4,5% de teor de gordura = 120 kg. de manteiga. (entende-se anualmente).

As melhores vacas precoces chegavam a produzir até 3000 litros de leite por ano, com 120 kg de manteiga, enquanto as melhores vacas chegavam a produzir 4000 litros de leite, chegando a ultrapassar 170 kg de manteiga. Para poder dispor de animais de raça em número suficiente, a

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

estação vê-se obrigada a criar anualmente entre cinco a seis bezerros.

As demais crias são vendidas aos colonos pelo preço de custo. A demanda geralmente é maior do que a oferta. Prevê-se que o efetivo de touros seja aumentado, para se chegar em torno de 25 unidades, que serão deslocados para as diversas regiões da colônia. Animais com deficiências já são eliminados, para aumentar a sua qualidade de ano para ano. A estação experimental costuma criar dois bezerros reprodutores para distribuir entre as subestações. Tão logo se registrar um aumento nos preços, é previsto aumentar também a respectiva cota. Temos um grande interesse em conservar os reprodutores já idosos e importados. É bem verdade que a coisa só funciona quando os reprodutores são submetidos a um rigoroso e constante controle. Caso aconteça que um animal adoeça, ou apresente deficiência alimentar, este é recambiado para a estação central para proceder a sua recuperação e possibilitar um deslocamento para uma nova subestação. Infelizmente a estação não tem uma situação definida financeiramente, razão porque as intervenções dos touros não têm condições de gratuidade.

Nestes casos os proprietários dos touros devem ser recompensados. Mesmo cobrando a cobertura dos touros, os proprietários não chegam a equilibrar os que cobram e os que têm que pagar para a sua manutenção na estação.

O preço da cobertura, no valor de 10 mil reis, é insuficiente. Ninguém faz as contas considerando que o produto – no caso o bezerro – agrega um bom valor e que as crias, quando adultas e com uma alimentação condizente, chegam a produzir no mínimo 200 litros de leite a mais por ano. O emprego dos touros nos diversos distritos da colônia é bem distinto. Oscila entre 20 a 80 vacas que são trazidas anualmente para cobertura pelos touros. Em geral as crias oriundas da fecundação pelos touros da estação recebem diplomas que atestam uma produção considerável de leite. A forma da manutenção dos touros se apresentou como altamente rentável. Não há, pois, motivos para se proceder a mudanças. Os proprietários dos touros são ao mesmo tempo as pessoas de confiança do Sindicato.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Das armações baleeiras ao turismo de observação em Santa Catarina

Mônica Krieger Goulart[1]

Pesquisa & Pesquisadores

A preservação da Baleia Branca

A crescente atividade turística de observação de baleias franca em Imbituba, Garopaba e Praia do Rosa, no Litoral Sul de Santa Catarina, contrasta totalmente com outra atividade realizada com o mesmo animal, até a década de 70: a caça à baleia. As baleias franca (Eubalena australis), conhecidas em inglês como *right whale*, são assim chamadas devido ao fato de serem dóceis e, portanto, fáceis e certas de matar (ESPÉCIES, 2004). A espécie, que se encontra em risco de extinção, já foi a principal fonte de matéria-prima de uma atividade altamente lucrativa e agora conta com a ajuda de grupos ambientalistas para garantir sua preservação.

O Litoral catarinense é uma das áreas mais importantes para a reprodução das baleias franca, que percorrem mais de 3 mil quilômetros da Antártida até Santa Catarina e utilizam as águas quentes deste litoral para terem seus filho-

[1] Bacharel em Turismo; Mestranda em Geografia pela UFPR, orientada pela Profa. Dra. Salete Kozel. Membro do Grupo de Pesquisa Planejamento da Paisagem, UFPR. monicagoulart@hotmail.com

O estudo da Praia de Armação do Itapocorói e das armações baleeiras faz parte da pesquisa de dissertação de mestrado realizada pela autora, cujo tema é "Dos índios aos turistas de segunda residência: estudo da percepção do meio ambiente no processo de ocupação da Praia de Armação do Itapocorói, Penha".

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

tes e os amamentarem. O período de observação das baleias vai de julho a novembro e durante este tempo é possível observá-las da praia ou em barcos, com guias treinados e biólogos a bordo. Após este período elas voltam com seus filhotes para seu habitat natural, a Península Antártica (FREITAS, 2002; IBF, 2004).

O governo catarinense declarou a baleia franca monumento natural do Estado em 1995, e em 2000 foi criada a Área de Proteção Ambiental da Baleia Franca (APA). Esta APA tem 156.100 hectares, cerca de 130 km de costa e se destina a "proteger a baleia franca austral e garantir o uso dos recursos naturais da região", localizando-se entre o Sul de Florianópolis e o Balneário Rincão, no Sul do Estado (IBF, 2004; A VIDA, 2004).

Além da APA, grupos de preservação ambiental atuam na proteção da espécie. Na Praia do Rosa está sediado o Instituto Baleia Franca (IBF), que trabalha nas escolas e comunidades da região apoiando a discussão de questões ambientais que visam o desenvolvimento sustentável (IBF, 2004).

Instalado em Imbituba, o Projeto Baleia Franca (PBF) trabalha há 20 anos para alertar a população sobre a importância da conservação das baleias. Atualmente o PBF investe no turismo de observação de baleias e conta com o patrocínio da Petrobrás (FREITAS, 2002).

Nas cidades do Sul do Estado – Jaguaruna, Laguna, Garopaba e Imbituba – é comemorada a Semana Nacional da Baleia Franca (SNBF), realizada em setembro e que já está na sua oitava edição. Até 2003, a semana era comemorada somente em Imbituba, mas em 2004 passou a ser

A Baleia Franca
Fonte: Projeto Baleia Franca

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

realizada também por três outros municípios e teve suas atividades recreativas e educativas prolongadas (CORMANICH, 2003; UM MÊS, 2004).

As armações baleeiras

O risco de extinção das baleias franca é decorrente da atividade baleeira que ocorreu maciçamente no século XVIII em diferentes partes do mundo. Em Santa Catarina existiram seis armações baleeiras. Em ordem cronológica foram instaladas: a primeira, em 1742, Armação da Piedade (Governador Celso Ramos); em 1772, Armação da Lagoinha (Florianópolis); em 1778, Armação do Itapocorói (Penha); em 1795, Garopaba; em 1796, Imbituba e, em 1807, Ilha da Graça (São Francisco do Sul) (A BALEIA, 2004).

As primeiras armações baleeiras do Brasil foram instaladas por portugueses na Bahia; posteriormente, foram construídas e postas em funcionamento armações no Rio de Janeiro, São Paulo e Santa Catarina. Inicialmente a atividade era livre mas, mostrando-se altamente rentável, passou a ser posse da Coroa Portuguesa, que cedia a exclusividade da caça a seus concessionários (SAINT-HILAIRE, 1978).

A atividade baleeira era lucrativa, mas nada rendia para o Brasil da época: todo o dinheiro gerado pelas armações era destinado a Portugal, assim como a maioria dos seus produtos (KLUEGER, 2004). Silva relaciona o valor obtido pela captura de uma baleia: "o preço, por medida de azeite, regulava 340 réis, e a arroba da barbatana, 6 a 8 mil réis, donde se concluirá que cada baleia rendia o mínimo de um conto de réis", o que, para a época, representava uma soma vultosa (SILVA, 1971, p.10).

O principal interesse na baleia não era a carne e sim o óleo. O óleo era o resultado da manufatura da gordura da baleia, encontrada nas baleias francas em uma espessa camada. Ele se destinava à iluminação pública – sendo a principal fonte combustível até a primeira metade do século XIX, quando foi descoberto o querosene –, à lubrificação e à fabricação de argamassa. As barbatanas eram utilizadas para a fabricação de espartilhos e a carne da baleia quase nunca era aproveitada (ESPÉCIES, 2004; KLUEGER, 2004). O início da temporada da caça era no mês de junho e durava quatro meses (SANTOS, 1999).

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

A caça da baleia no Brasil, liberada durante um breve período, passou a ser um monopólio, concedido pela Coroa Portuguesa a ricos comerciantes portugueses. A partir de então, era uma iniciativa particular e o concessionário deveria instalar toda a armação e arcar com as despesas de seu funcionamento, recebendo o lucro. A concessão era dada por um determinado período e, chegado o seu fim, todos os bens, sem indenização, eram revertidos à Coroa, que os concedia a outro concessionário interessado (CABRAL, 1968).

Em Santa Catarina houve dois grandes períodos de concessão da caça da baleia. O primeiro, desde 1741 a 1764, com Tomé Gomes Moreira e outros associados. Neste período foi construída a primeira das armações no Estado, colocada sob o patrocínio de Nossa Senhora da Piedade, chamando-se Armação da Piedade, localizada onde atualmente é a cidade de Governador Celso Ramos (BOITEUX, 1919; CABRAL, 1968).

Terminada a concessão cedida a Tomé Gomes Moreira, iniciou-se em 1765 o período dos Quintela, com Inácio Pedro Quintela administrando as armações desde 1765 até 1775, seguido por seu sobrinho, Joaquim Pedro Quintela, que as administrou desde 1775 até 1801. Esta concessão fundou a *Companhia da Pescaria das Baleias,* tendo os Quintela o monopólio da exploração da caça da baleia no Rio de Janeiro, São Paulo e Santa Catarina (CABRAL, 1968). Sob esta administração, em 1772 foi instalada a Armação da Lagoinha, na Ilha de Florianópolis (SANTOS, 1999).

Os associados fizeram grandes investimentos em aparelhos, embarcações e na reforma dos prédios. Também nesta época tomaram conhecimento de que com a pesca do cachalote poderiam obter grandes lucros, vendendo o âmbar cinzento e as refinações do espermacete (BOITEUX, 1919). O cachalote é um mamífero marinho carnívoro, que tem dimensões comparáveis às da baleia. O espermacete encontrado em sua cabeça é um óleo que pode ser utilizado para a fabricação de velas. Os cachalotes se alimentam de lulas gigantes, mas não conseguem digerir os bicos córneos duros das lulas. Estes bicos permanecem no seu estômago e, através do tratamento gastrointestinal, forma-se o âmbar cinzento, uma substância escura e fétida, que é usada como matéria-prima básica para a fabricação

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

de perfumes para conservar o aroma. Como o cachalote é a única fonte mundial de âmbar cinzento, o preço do âmbar é elevadíssimo; para o cachalote, este preço era a morte (HOUAISS, 1979; CAÇA, 2004).

Real Armação das Baleias de São João Batista da Enseada de Itapocoróia

Nos anos de 1711 e 1715, visitou a Ilha de Santa Catarina (atual Florianópolis) um sargento-mor de nome Manuel Gonçalves de Aguiar. Sua missão era passar informações aos seus supervisores de Santos sobre as condições gerais da Ilha em relação à geografia, população, navios lá aportados, além de verificar a possibilidade da instalação da indústria da pesca da baleia, entre outras obrigações do cargo. Quanto às baleias, Aguiar comenta que "no que respeita à pesca das baleias, respondo que não tem a dita ilha capacidade alguma para isso, porque pelos baixios que tem não entram baleias nela" (AGUIAR, apud LUZ, 2000, p.57). Realmente, tal instalação não era possível dentro de uma das bacias da ilha, mas totalmente viável do lado da costa Atlântica, como ficou provado menos de 30 anos depois, com a construção da Armação da Piedade.

A Ilha de Santa Catarina, nos meados do século XVIII, era habitada por alguns portugueses, brasileiros do Nordeste, Rio de Janeiro e Santos e, além deles, açorianos vindos das ilhas dos Açores em grandes levas a partir de 1748 até 1756. Na Ilha os açorianos trabalhavam com a agricultura e com a pesca, mas a caça da baleia era "a única atividade econômica de porte da ilha" (MOSIMANN, 2003, p.37).

Em 1777, os espanhóis invadiram a Ilha de Santa Catarina e se apoderaram das armações – da Piedade e da Lagoinha. Para não perderem seus lucrativos negócios, a administração dos Quintela buscou no litoral catarinense uma praia que acomodasse uma armação, encontrando este lugar na praia conhecida como Itapocorói[2] (SILVA, 1971).

A região de Itapocorói, distante 14 léguas da Ilha de Santa Catarina, já era conhecida por comerciantes que viajavam em embarcações, desde o Desterro (atual Florianópolis) até São Francisco do Sul, ao Norte do Estado, e Joaquim Pedro Quintela ordenou que a nova armação fosse aí construída (SILVA, 1971; SANTOS, 1999).

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Os açorianos deram início à construção das edificações da dita armação, para então tratar de caça da baleia e da extração dos seus produtos. A instalação da armação na praia de Itapocorói e as atividades decorrentes dela batizaram duas formações geográficas da região: a Ponta da Vigia, local onde os açorianos esperavam, vigiando o aparecimento da baleia, e a Praia da Paciência, local onde os tripulantes aguardavam com as embarcações o aviso dos vigias para saírem ao mar para a caça.

As armações, em geral, eram constituídas de "cais, companhia dos baleeiros, casa dos feitores, casa do administrador, capela, senzala, casa dos tanques de azeite, casa do engenho das baleias ou também chamado 'engenho de frigir'" (SANTOS, 1999, p.17).

A lancha baleeira utilizada para a caça era pequena, geralmente composta por oito tripulantes, sendo um timoneiro, um arpoador e os demais, remadores. De acordo com Silva, a lancha baleeira[3] "possui duas proas (duas frentes), ou seja, ambas extremidades são afinadas, de forma a navegar para frente, buscando arpoar a baleia, e para trás, de ré, quando a baleia, era arpoada e precisava ser rebocada" (2004).

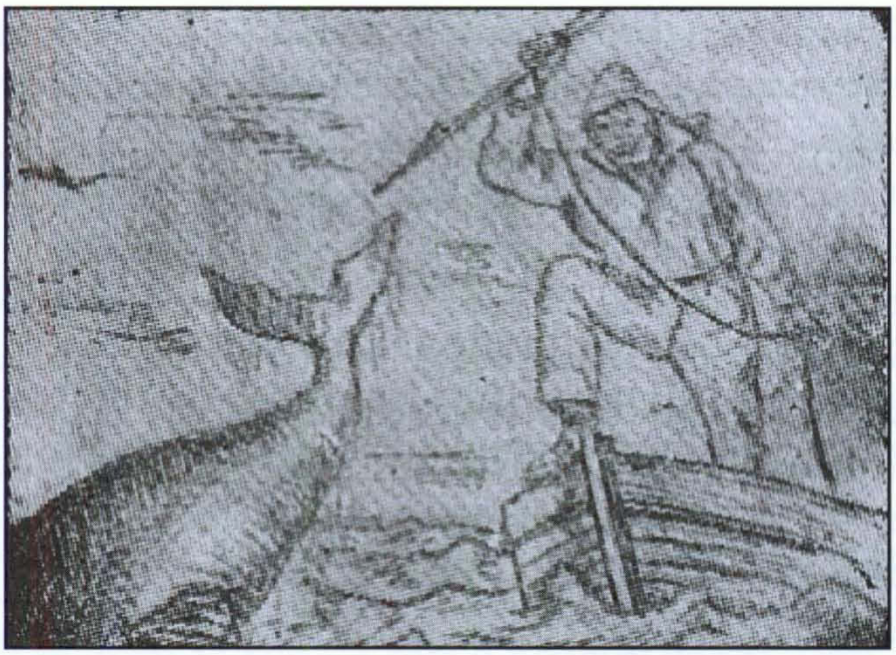
A caça da baleia começava, normalmente, com o arpoamento do filhote. Tal fato atraía a mãe, que era então golpeada com lança várias vezes, depois amarrada à embarcação e morrendo por sangramento das feridas. O filhote era abandonado, morrendo no mar. Considerando-se que a baleia franca adulta é um mamífero que chega a medir 18 metros e a pesar mais de 60 toneladas, fica claro o espetáculo grotesco que se podia presenciar: a baleia nadando agonizante durante horas, arrastando o barco até morrer e ser trazida para a praia. Algumas embarcações mais frágeis sucumbiam na turbulência das águas criada pela baleia. Em uma canoa, próxima à praia, escravos aguardavam para ajudar a levar a baleia até o trapiche, onde ela seria esquartejada (SANTOS, 1999; FREITAS, 2002).

Serpa nos apresenta outra versão para o começo da caça, que surpreende pelo inusitado:

> "um 'voluntário' era escolhido entre os escravos da senzala, mergulhava no mar de Armação, levando consigo um arpão rudimentar, de madeira e ferro. Sua missão: fazer cócegas na barriga das mansinhas baleias, que nadavam próximo da costa.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense



A caça da baleia
Fonte: BOITEUX, Lucas Alexandre. Pequena história de Santa Catharina. Florianópolis: 1919, p.72.

> Quando a vítima levantava a nadadeira, deixando descoberto o flanco lateral, era atingida – de preferência numa mancha que elas têm ali – direto no coração. Depois de perder muito sangue, o animal morto era arrastado até a praia" (1993, p.5).

Por ano chegaram a ser capturadas cem baleias, num negócio altamente rentável para estes comerciantes e quase fatal para a espécie, visto que é atualmente a baleia com maior risco de extinção em todo o mundo (SILVA, 1971; A BALEIA, 2004).

O ritual do descarne da baleia era lento, durando até oito dias e sujava a praia por semanas ou até meses. O sangue que escorria da baleia ficava na água e seu óleo entranhava na areia, sendo limpo apenas após algumas marés cheias (LUNA, 2001; KLUEGER, 2004).

Também havia as ossadas: no início do século XX, passados quase cem anos do fim da caça da baleia, um turista relata que as areias da praia de Armação do Itapocorói "estavam sempre atulhadas de gigantescas ossadas das baleias", numa demonstração do grande número de animais abatidos e do desperdício, que foi a marca desta atividade (KONDER, 1970). O desperdício existia porque uma comunidade do tamanho das que se formavam ao redor das armações não conseguia consumir toda a carne da baleia, que

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

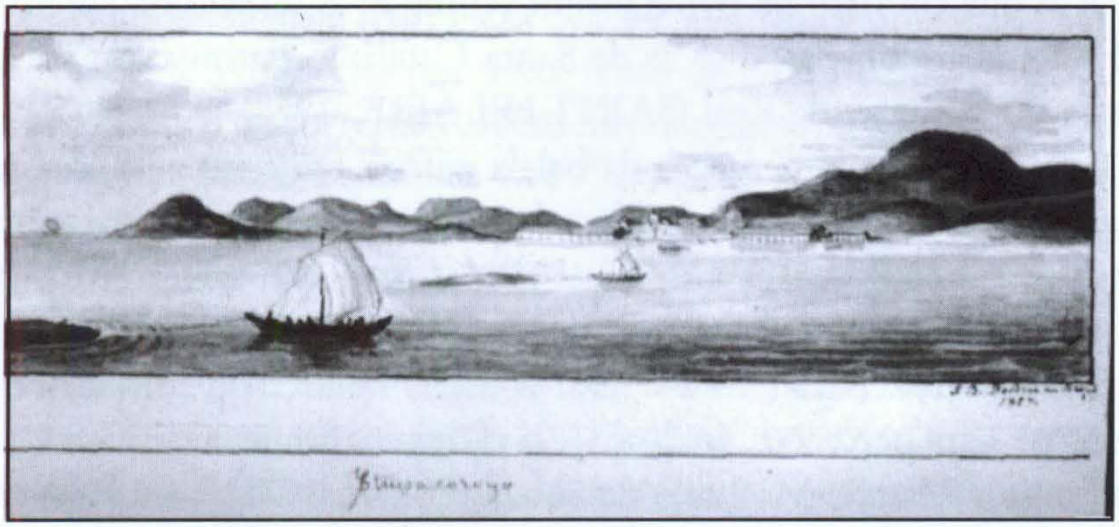
Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

apodrecia, deixando no ar um cheiro pestilento (KLUEGER, 2004).

O trabalho da caça era feito com o auxílio de escravos, que não caçavam, mas ficavam em terra trabalhando na manufatura dos produtos extraídos da baleia (SILVA, 1954). Klueger relata que, de todos os trabalhos que os escravos tiveram que enfrentar quando foram trazidos para o Brasil, o pior de todos era o de ser trabalhador das armações. O trabalho era pesado e eram comprados os escravos mais jovens, fortes e capazes, que passavam todo o tempo dentro das armações onde era fervido o toucinho da baleia e de onde vinha uma "fumaça acre, malcheirosa e quentíssima" (KLUEGER, 2004, p.8). Quando já não tinham mais forças para carregar o toucinho das baleias ou para fazer funcionar a armação, eles eram abandonados, ficando nas imediações da armação sem dinheiro, comida ou abrigo (KLUEGER, 2004).

Apesar da descrição demonstrar a crueldade que permeava a atividade baleeira, não podemos esquecer que àquela época o escravo era considerado uma mercadoria, sem nenhum direito e cuja existência subentendia trabalho – o mais rigoroso e difícil. Quanto às baleias, não existia o conceito de conscientização ecológica e os animais eram considerados seres sem sentimentos ou sensações, de forma que pouco importava ao caçador se o processo da caça era ou não doloroso para o animal.

A Armação de Itapocorói era constituída de diferentes edifícios. Próximo a cinqüenta metros da capela de São João Batista – instalada em 1759 para atender comunidades desde Camboriú até Piçarras – foi construída a casa



Itapocoroya / Armação de Itapocorói, 1829

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

grande, local onde residia o administrador; na seqüência vinha um galpão comprido que se destinava ao abrigo dos homens livres e suas famílias, além de servir de depósito para mercadoria (SANTOS, 2000). Ainda fazia parte da armação a senzala e um trapiche, construído sobre bases de pedra e que "servia para receber os cetáceos arpoados, que ali eram esfolados e divididos em pedaços para passarem aos tachos a fim de serem derretidos" (SILVA, 1971, p.9).

Em primeiro plano, embarcações levam baleias mortas para a areia. Ao fundo, a Capela de São João Batista e os prédios da Armação.

Fonte: DEBRET, Jean Baptiste. Quarenta paisagens inéditas do Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Santa Catarina. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1970. Originais pertencentes a: J.F. de Almeida Prado.

A armação era um empreendimento de sucesso, e tal êxito fez com que muitos homens de localidades próximas fossem se instalar em Itapocorói, o que culminou no progresso extraordinário da localidade para os padrões da época, tornando-se o centro comercial e religioso para a região. A armação baleeira ficou em poder de Quintela até 1801, quando então passou a ser administrada pela Coroa Portuguesa. Interessante ressaltar o nome desta que foi a armação mais importante de todas as que existiram espalhadas no Sul do Brasil: *Real Armação das Baleias de São João Batista da Enseada de Itapocoróia* (SILVA, 1971; KONDER, 1970).

Em 1801 foram extintos os monopólios e toda a infra-estrutura das armações deveria ser posta à venda. As armações entraram em decadência: as que existiam na Bahia foram vendidas, as do Rio de Janeiro e de São Paulo, abandonadas, e só as de Santa Catarina continuaram sob a administração da Fazenda Real (SAINT-HILAIRE, 1978).

No século XIX a caça da baleia entrou em crise pela escassez de baleias e, em Penha, foi substituída pela pesca artesanal e o comércio rudimentar de subsistência. Devido aos grandes prejuízos que a Armação de Itapocorói vinha acarretando à administração pública, em 1833 ela foi posta para ser avaliada para futura arrematação. Em março de 1834 a Armação e todos os seus pertences, inclusive os escravos, foram arrematados pelo sargento-mor Manoel Machado de Souza (SILVA, 1971).

A Armação, porém, não ficou muito tempo sob a posse de Macha-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

do de Souza, tendo sido vendida, com exceção dos escravos, que passaram para o domínio do governo, para o cirurgião militar Luiz Rodrigues Pereira. Pereira já vivia há alguns anos na comunidade e assumiu o controle das edificações da Armação, ampliando os negócios locais com um comércio de secos e molhados, fazendas, engenhos de farinha e açúcar, alambique para fabricação de aguardente e pesca (SILVA, 1971; SANTOS, 1999).

Com estas atividades Pereira contribuiu para o crescimento, tanto do povoado da Armação, como da Freguesia de Nossa Senhora da Penha de Itapocorói, que havia sido criada em 1839, próxima à Armação. Por esta época a Freguesia de Penha assumiu em definitivo a liderança como a sede da comunidade. Quando Pereira faleceu, a Armação do Itapocorói foi herdada por sua família e posteriormente foi loteada e vendida a portugueses e açorianos (SILVA, 1971; SANTOS, 1999).

Para se ter uma idéia do tamanho do terreno que abrigava a Armação, Santos diz que "as terras faziam frente com a praia de Armação do Itapocorói e fundos com a praia Vermelha, cerca de mil braças de fundos com duzentas e vinte e cinco braças de frente" (apud SANTOS, 1999, p.21). A braça é uma medida antiga que equivale a 2,2 metros; desta forma, o terreno em questão tinha 2.200 metros de fundo e 55 metros de frente, uma grande extensão de terras que impressiona, mesmo quando observada em mapas.

Assim a caça da baleia terminou em Penha, mas não em todo o Estado. Outras armações, como a da Lagoinha e a de Garopaba, registraram a morte de baleias até 1950, e a de Imbituba, até 1973. Também em Barra Velha, Litoral Norte do Estado, foi registrada a morte de baleias na década de 50 (LUNA, 2001). Tais mortes violavam os acordos internacionais, que desde a década de 30 protegiam as baleias (A BALEIA, 2004). Nestas ocasiões a atividade já não era mais realizada com a ajuda de escravos, mas sim por homens que eram pagos, mas que suportaram as mesmas condições precárias de trabalho das primeiras armações.

O que hoje seria considerado um desastre ecológico, foi o meio de ganhar a vida de muitos homens. Se considerarmos que é característica da sobrevivência humana apropriar-se do lugar, usando e consumindo tudo o

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

que ele oferece e, se levarmos em conta que a consciência ecológica coletiva é novidade recente, talvez possamos reconhecer nesta atividade o interesse de "ter um trabalho" e de sobreviver dos homens que trabalharam nas armações. Eram homens que dispunham de pouco e que pouco lucraram com tal atividade, ao contrário dos contratantes que, como vimos, obtiveram grandes benefícios.

Ironia ser Imbituba, justo a última cidade a abandonar a prática da caça da baleia, uma das primeiras a incentivar o turismo de observação de baleias. Talvez seja justamente esta ironia que torna possível ao homem mudar, alterar seus conceitos e sensibilizar-se com as questões que estão ao seu redor. Visitar estas localidades e observar estes animais é integrar-se a uma parte da história do litoral de Santa Catarina, com todos os seus elementos, sejam eles grandiosos ou não.

REFERÊNCIAS

A BALEIA. Disponível em: http://www.baleiafranca.org.br/o_projeto.html. Acesso em: 20 julho 2004.

A VIDA e morte das baleias. Diário Catarinense. Florianópolis, 9 agosto 2004. Caderno Geral, p.23.

BOITEUX, Lucas Alexandre. Pequena história de Santa Catharina. Florianópolis: 1919.

CABRAL, Oswaldo R. História de Santa Catarina. Florianópolis: Editora da UFSC, 1968.

CAÇA as baleias. Disponível em: http://www.projetoatlantis.com.br/ caca_as_baleias.html. Acesso em: 16 set 2004.

CORMANICH, Handyara. Baleia franca é rainha da festa de setembro. Santa Catarina Turismo, setembro 2003, ano II, nº. 15.

ESPÉCIES em risco: Baleia Franca. Disponível em: http:// www.ecosolidariedade.com.br/ por/franca.htm. Acesso em: 20 julho 2004.

FREITAS, Aiana. Ainda dá tempo de admirar baleias. Jornal A Notícia, Joinville, 23, set. 2002. AN Turismo, E4.

HISTÓRICO DAS ALTERAÇÕES DA MOEDA NACIONAL, Conversão das antigas moedas brasileiras para Reais (R$). Disponível em: http://www.ocaixa.com.br/ passos/ passos2.htm. Acesso em: 30 agosto 2004.

HOUAISS, Antônio. Pequeno dicionário enciclopédico Koogan Larousse. Rio de Janeiro: Editora Larousse do Brasil, 1979.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

IBF: Instituto Baleia Franca. Material Informativo, 2004.

IGREJAS de pretos e pardos. Curitiba: CineBrasilTV, 30 setembro 2004. Programa de TV.

KLUEGER, Urda Alice. As armações de baleia. Diário Catarinense, Florianópolis, 17 maio 2004. Variedades, p.8.

KONDER, Gustavo. Praia de Armação. Blumenau em Cadernos.Blumenau: 1970, Tomo III, pp.152-153.

LEAL, Renata. Baleia à vista. Revista Época. 22 setembro 2003. Turismo, p.83.

LUNA, Gloria Alejandra Guarnizo. Memórias sobre a caça da baleia em Barra Velha, Santa Catarina, Brasil – Contribuições para a construção de uma história para o município. Revista Alcance. Universidade do Vale do Itajaí. Itajaí: UNIVALI, ano VIII, n.6, nov. 2001.

LUZ, Aujor Ávila da. Santa Catarina, quatro séculos de história. Florianópolis: Insular, 2000.

MOSIMANN, João Carlos. Ilha de Santa Catarina, 1777-1778: A invasão espanhola. Florianópolis: Edição do Autor, 2003.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. Viagem a Curitiba e Província de Santa Catarina. São Paulo: Editora da USP; Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1978.

SANTOS, Sarita. Querida Armação de Itapocorói: originais de "Picucho Santos. Blumenau: Editora e Gráfica Odorizzi, 1999.

_____, Sarita. Armação de Penha de Itapocorói. Blumenau: Editora e Gráfica Odorizzi, 2000.

SERPA Filho, Gentil Abílio. Penha: nossa história... aspectos econômicos, turísticos, culturais, religiosos, políticos e folclóricos. Penha: Prefeitura Municipal, 1993.

SILVA, Zedar Perfeito. O Vale do Itajaí. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, 1954.

SILVA, José Ferreira da. História do município de Penha. Curitiba: Gráfica e Editora "A Imprenssa", 1971.

UM MÊS dedicado para a baleia-franca. A Notícia, 25 agosto 2004, p.B6.

NOTAS DE FIM

2 Encontra-se grafado Itapocoróia, Itapocoróya, Itapocoroy, Itapocurói e Itapocorói. Para fins de padronização será mantida a grafia atual: Itapocorói.

3 Segundo Renato Luis Amorim SILVA, a lancha baleeira ainda é utilizada pelos pescadores artesanais, em Armação do Itapocorói, sobretudo na pesca do camarão (comunicação pessoal, sem registro, 2004).

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

A saga de Zumbi

*Enéas Athanázio**

Autores Catarinenes

Conhecidos, em geral, de maneira superficial, os episódios do Quilombo de Palmares, liderados por Zumbi, constituem passagens muito interessantes de nossa História e se inscrevem entre os grandes movimentos libertários de todo o mundo. Embora tenha resistido por 64 anos, entre 1630 e 1694, repelindo de forma sistemática os diversos ataques sofridos, esse quisto negro instalado em território nacional costuma ser abordado de forma ligeira, quando não é omitido, em nossa historiografia oficial. Nos anais históricos estrangeiros, no entanto, costuma ser abordado com minúcia e destaque.

Constituído por uma série de aldeias semelhantes às africanas, - os mocambos, - esse quilombo se estendia por uma área de cerca de 60 léguas, entre as serras da Barriga e da Jussara, no município de União dos Palmares, no atual Estado de Alagoas, ambos inexistentes na época. Local elevado, de difícil acesso e penetração, dotado de terras férteis e águas abundantes, era coberto

* Escritor e advogado. Colaborador da Revista Blumenau em Cadernos.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

por densas florestas que forneciam madeira para as construções, caça e pesca em quantidade para a alimentação dos moradores. A cidade mais próxima, distante umas 20 léguas, foi Porto Calvo, o mais importante centro urbano da região. "Cerca Real do Macaco" abrigava uma espécie de capital do quilombo, com aproximadamente 1500 construções, ao redor da qual se erguiam os chamados "mocambos de apoio". A população total do quilombo foi estimada em 20000 pessoas. Seu nome se deve à grande quantidade de palmeiras ali existentes até hoje.

Como informa o historiador Audemário Lins, expert no tema, "o Quilombo dos Palmares foi inicialmente formado com os primeiros escravos fugidos de alguns engenhos que se situavam nas vizinhanças da vila de Porto Calvo. No início do ano de 1542, um escravo importado de Angola, de nome Gungadin, fugindo do engenho Nossa Senhora da Ajuda, juntamente com outros escravos, se dispersaram nas matas e naquele local isolado do mundo fundaram o primeiro quilombo. Daí por diante, deram começo a uma série de outros mocambos e através de grandes esforços conseguiram provisoriamente a tão desejada liberdade. Naquela moradia improvisada, esqueciam a senzala, o tronco e tantos outros locais de sofrimento e de humilhação" ("Zumbi, o rebelde herói negro", S.Paulo/Maceió, Editora Catavento, 2001, Pág. 31).

O angolano Gungadin teria sido, portanto, o pioneiro dos quilombolas, afrontando a férrea autoridade do senhor-de-engenho e correndo o risco de cair nas mãos dos temíveis capitães-de-mato, caçadores implacáveis de cativos foragidos. Os maus tratos, porém, eram de tal severidade e as tarefas impostas tão absurdas que os negros enfrentavam quaisquer perigos, inclusive mortais, na tentativa de respirar o ar da liberdade, ainda que precário e repleto de temores. Muitos preferiam o próprio suicídio a retornar ao cativeiro, lançando-se de propósito contra as armas agressoras. Nos dias atuais poucos se detêm na análise das barbaridades cometidas pelos escravistas. Talvez seja porque recordem a maior nódoa de nossa civilização que esses episódios costumam ser escamoteados.

Foi do engenho Escorial que partiram, fugidos, os primeiros escra-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

vos que deram início ao quilombo de Palmares. Não suportando os maus tratos, ganharam as matas e foram, aos poucos, se fixar naquelas serras íngremes e inacessíveis. Preocupados com as invasões francesas, os governantes não tiveram tempo e recursos para se voltarem contra a cidadela negra que se implantava na floresta virgem. Os quilombolas, informa o historiador antes referido, "aproveitaram o precioso tempo para construir um imenso cercado de madeira e de pedra, e no mesmo período plantaram uma vasta área de fruteiras, cujos sítios se tornaram belos pomares" (Op. cit., Pág. 34). Com a difusão da notícia de que os foragidos haviam conquistado, enfim, a liberdade, começou a afluência de escravos de outros locais e o quilombo não cessou de crescer. Nele vigorava uma disciplina rígida, com regras instituídas pelos moradores, e o trabalho constituía uma obrigação de todos. Os conflitos quase não existiam e tudo pertencia a todos, numa espécie de socialismo rústico. Trataram também de organizar uma espécie de dispositivo militar com homens treinados para os combates. Reinava no quilombo o rei Ganga-Zumba.

Enquanto isso, na vila de Porto Calvo, crescia o menino Zumbi, cuja infância e juventude foram assim resumidas pelo mencionado autor: "Zumbi era natural de Porto Calvo. Nasceu e se criou entre a casa paroquial e a sacristia da igreja nova, atual Nossa Senhora da Apresentação. Durante os primeiros anos de sua infância ele demonstrava possuir um caráter agressivo e perigoso. O nosso herói era o que se chama um perfeito boxeador. Os seus certeiros socos e as suas proezas com os pés e as mãos corriam de boca em boca entre os portocalvenses. Um dia, um mensageiro negro apareceu, de repente, portando uma missiva enviada pelo seu tio, o rei Ganga-Zumba, chefe supremo do quilombo de Palmares, convidando-o a fugir com destino a seu reino..." (Op. cit., Págs. 44 e 45). E assim o jovem se instalou em terras quilombolas, onde cresceu impregnado dos sonhos de liberdade nele vigentes, e de tudo participando. Como um dos chefes dos mocambos e membro do conselho, foi indicado pelo rei, seu tio, já cansado de tantas lutas, para sucedê-lo. E nessa função se revelou hábil na administração e na guerra, tornando-se verdadeiro herói negro, até hoje lembrado

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

como exemplo de coragem e decisão. Sabia aliar autoridade com habilidade administrativa, além de ter sido um admirável estrategista nas batalhas em defesa de seu povo.

Embora escravo alforriado Zumbi entendia que a liberdade deveria se estender a todo seu povo e por isso passou a viver com ele, tornando-se seu líder. As notícias a respeito de sua força, decisão e coragem fizeram dele o homem mais temido pelas autoridades, senhores-de-engenho e militares da época. Seu nome despertava o receio permanente entre os inimigos e, ao mesmo tempo, reforçava a confiança de sua gente. Sob sua orientação, interceptavam-se mercadorias destinadas às fazendas e engenhos, organizavam-se ataques para libertação de outros escravos e atos de verdadeira guerrilha que começaram a ameaçar de forma séria todas as propriedades da região e até mesmo as vilas. Muitos moradores preferiam negociar com os quilombolas, evitando o confronto, numa demonstração de que os habitantes dos mocambos começavam a ser aceitos como iguais. Com isso não concordava, porém, o poder constituído e os ataques contra Palmares se tornaram cada vez mais violentos e freqüentes. O quilombo entrou em crise, as lavouras diminuíram, a produção se reduziu, as roças foram arrasadas pelos inimigos, o cerco foi se apertando. O capitão Furtado de Mendonça, comandando grande contingente de soldados, por determinação do governo da capitania de Pernambuco, atacou Palmares com a decisão de dizimar até seu último habitante. Mesmo lutando até o fim. Zumbi pereceu trespassado pelas balas e degolado a sangue frio, diante de sua loira mulher – Maria. Dando vivas à liberdade. Em desespero, a mulher teria se lançado ao abismo, falecendo na queda. (Outra versão afirma que o ataque foi comandado pelo bandeirante paulista Domingos Jorge Velho e que Zumbi, ainda que ferido, conseguira escapar, sendo morto somente no ano seguinte), E assim, a ferro e fogo, encontrou seu fim a cidadela erigida pelos negros que não queriam mais que o direito de viver em liberdade.

Em maio de 2004, numa viagem a Alagoas, minha mulher e eu decidimos visitar aquela região e conhecer in loco o palco desses acontecimentos. Seguindo no rumo norte, em direção à divisa de Pernambuco, che-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

gamos a União dos Palmares, distante 81 quilômetros de Maceió. Como fosse um sábado, aproveitamos para visitar a feira livre, cujas barracas se estendiam por quase toda a cidade, com a incrível quantidade de toldos das mais variadas cores tomando as ruas e vendendo tudo que se possa imaginar, desde frutas e obras de artesanato até bois vivos, numa impressionante profusão de mercadorias. Tons de pregões, conversas, músicas e sons indefiníveis enchiam o ar de um bruaá impossível de descrever. Caminhões "paus de arara" chegavam e partiam para todos os recantos do sertão, do agreste e da zona da mata, trilhando por entre o mar de canaviais. Caminhonetes, carroças, charretes, carrinhos-de-mão, cargueiros – tudo servia para transportar para lá e para cá os produtos dos negócios. Depois de muitas andanças, percorremos a cidade, observando inclusive a "Casa do Poeta Jorge de Lima", lá nascido, e o "Museu Maria Mariá."

Mesmo com o chão molhado pelas recentes chuvas, enfrentamos a subida para o topo da Serra da Barriga, onde ficava o quartel-general do quilombo. Graças à perícia e à coragem do motorista, João, percorremos os quinze quilômetros de curvas que margeiam despenhadeiros assustadores e vencemos aquela subida tão empinada que parece demandar ao céu. Por caminhos estreitos e cobertos de capim, alcançamos a torre da Embratel, erguida à beira do precipício, de onde se avista toda a região, as serras e a planície, lá embaixo. Ali ficava o posto das sentinelas do reduto, de modo que ninguém poderia se aproximar sem ser avistado. Mais adiante, num grande platô, deparamos com o local em que funcionava o comando do quilombo. Dali se enxerga todo o vale onde se espalhavam os mocambos e, mais adiante, a Serra da Jussara. Tudo verdejando, coberto de matas e árvores frutíferas, creio que descendentes daquelas plantadas em grande número pelos quilombolas. A estátua de Zumbi e de outras figuras destacadas, placas comemorativas e mirantes ali se encontram, lembrando que aquele é o chão da liberdade e permitindo espraiar a vista em derredor, até o ponto em que céu e montanha se misturam num azulado indistinto. Em algumas cabanas, cobertas de palha, se desenvolvem, todos os anos, solenidades, representações e performances lembrando os episódios do quilombo e man-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

tendo viva sua memória.

Observando lá do alto é mais fácil compreender como aquele povo, com minguados recursos e armas, pôde resistir por mais de meio século ao constante assédio dos exércitos oficiais aliados ao poder econômico.

Bibliografia

Enciclopédia Brasileira Globo. Porto Alegre, 1971, Vol. IX.
FREIRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala.** Rio de Janeiro, Livraria e Editora José Olympio, 1983.
Guia do Nordeste. Editora Abril/4 Rodas, 2004.
LINS, Audemário. **Zumbi o rebelde herói negro**. S. Paulo/ Maceió.Catavento, 2001.
Prefeitura Municipal de União dos Palmares (AL). Informações obtidas no local.

EVENTOS E LEITURAS - Livros & Livros

Anair Weirich, escritora, poeta e livreira, tomou uma decisão muito séria e que mereceria prêmios e o público reconhecimento. Atrelou ao carro um pequeno reboque, colocou nele algumas centenas de livros e saiu pelas estradas, visitando todas as escolas, bibliotecas e livrarias das cidades, divulgando e vendendo obras de todos os gêneros, com ênfase nos autores catarinenses. Em sua mais recente comunicação, ela informou que se encontrava em Campos Novos, minha cidade natal, cansada de tirar e recolocar a livralhada no reboque depois de realizar pequena feira num colégio. Mas ela não desiste e, superando dificuldades, percorre o Estado espargindo livros, livros e livros a mancheias, para fazer o povo pensar. Por tudo isso – como cantava o poeta – Anair Weirich é merecedora de todas as bênçãos e da gratidão do mundo cultural catarinense.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Dois poetas catarinenses estão com novas obras na praça. Silmar Bohrer publica "Gamela de Versos", reunindo um punhado de poemas, em sua maioria concisos, revelando admirável sensibilidade e apurada técnica no manejo da palavra e dos espaços para obter curiosos efeitos. Em sua breve apresentação ele informa a interessante origem do título, tão significativo para quem domina o linguajar serrano. O livro tem esmerada apresentação gráfica, reveladora de bom gosto e empenho.

Adair José de Aguiar publica "Poemas para Indaial", reunindo louvações poéticas à cidade que adotou como sua, inclusive alguns sonetos, gênero em que é reconhecido mestre. Nesses poemas ele mergulha na história local, enxerga-a com olhos de ver, sente, apalpa, cheira e vive a terra das palmeiras, seus verdes, suas flores, seu luar e a gente que a habita e que agora também é a sua gente.

Dois bons poetas, autores de livros ricos de conteúdo e sentimento.

A Assembléia Legislativa do Estado, com a colaboração de outras entidades, promoveu sessão solene comemorativa dos "25 Anos da Novembrada", episódio histórico que colocou Santa Catarina em destaque na imprensa nacional ao externar a rebeldia de seu povo contra uma ditadura que já se prolongava além da conta. Foi uma revolta popular e espontânea que sem dúvida contribuiu para o fim do arbítrio, pondo a nu o enfraquecimento do sistema implantado em 1964.

A UFSC, com a colaboração de diversas entidades, lançou o livro-álbum "São Francisco do Sul – Muito além da viagem de Gonneville", organizado por Sílvio Coelho dos Santos e outros, contendo trabalhos de vários co-autores. Lançamentos foram realizados em São Francisco do Sul e Florianópolis.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

O jovem escritor blumenauense Cristian Luís Hruschka viu sua crônica "Recordações através da janela" premiada e publicada na antologia "Palavras de Amor", da Litteris Editora, do Rio de Janeiro (2004). Natural de São Bento do Sul, o cronista é advogado e escritor, tendo vários trabalhos publicados em antologias, revistas e jornais. Silmar, Adair e Cristian são colaboradores do "Jornal do Enéas."

Para arrefecer o orgulho humano há quem recomende visitas periódicas a algum cemitério, também rotulado de campo santo, necrópole, cidade dos pés juntos ou setepés. As pessoas saem dali mais humildes e solidárias, embora existam aquelas que se alegram ao verem seus desafetos estudando a geologia do campo santo - como dizia mestre Machado. A grande maioria, porém, não costuma freqüentar os cemitérios, exceto para visitar pessoas queridas ou cumprir rituais.

Alguns deles, pela grandiosidade, se tornaram atrações turíticas. "Père Lachaise", em Paris, "Highgate", em Londres, e "Arlington", em Washington, são visitas obrigatórias. Na entrada do primeiro são vendidos mapas indicando os túmulos das personalidades que lá repousam. Ele deu margem a uma das grandes páginas das memórias de Gilberto Amado, o maior memorialista brasileiro. No de Londres se encontram os restos mortais de Karl Marx, objeto de intensa curiosidade e constante visitação. O túmulo de Carlos Gardel, em Buenos Aires, é muito visitado, o que também acontece com o cemitério da Consolação, em São Paulo, onde repousam Monteiro Lobato e Mário de Andrade, entre tantos outros. Em certas datas, para lá acorrem escritores, intelectuais, leitores e admiradores dessas figuras.

Essas recordações um tanto fúnebres me trouxeram à lembrança o "Sparkenbroke", de Charles Morgan, traduzido pelo inesquecível Mário Quintana e publicado na célebre Coleção Nobel, da Editora Globo. Um dos maiores e mais tocantes romances que li na juventude e ao qual volto de tempos em tempos. Nele, um escudo esculpido à porta do túmulo dos Sparkenbroke inscreve versos que imploram a piedade dos vivos para com os mortos, em palavras que nunca esqueci:

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

"Algum mortal, em meio à humana lida,
lamenta acaso quem aqui repousa? (...)
Amorosos e moços vida em fora,
também já fomos como és agora!
Ó tu que te aproximas, tem piedade,
Que aqui se acaba amor e mocidade!
E enquanto arde a tua primavera,
Lembra que o frio do inverno inda te espera...(...)
Ó frios ventos hibernais, correi..."

Como uma lembrança puxa a outra, recordei antiga peça teatral ambientada num campo santo. Tristes em decorrência do abandono, os "moradores" deixam suas tumbas e se reúnem em assembléia para darem curso, em conjunto, à tristeza. Choram copiosamente, as lágrimas amargas escorrendo pela brancura dos mármores. Até que um deles, ouvindo barulhos, diz: "Esperem, parece que estão vindo nos visitar!" Todos silenciam, olham cheios de esperança, engolem os soluços, mas é rebate falso. "Nada disso – diz outro. – Eles se dirigem ao palacete do novo príncipe para beijar-lhe a mão!" E todos, em conjunto, voltam ao choro convulsivo, soluçando com redobrada força.

Com um amigo que também já estuda a geologia do campo santo, eu costumava visitar o cemitério protestante de Blumenau. Rico em esculturas e arte funerária, sempre florido, ficava livre dos ruídos urbanos e envolto num silêncio apaziguador. Local propício às orações e devaneios sobre a vida e seus mistérios, lembrando os entes queridos que já partiram porque enquanto pensarmos neles,continuarão vivos. Devo reconhecer, porém, que apreciava mais o pequeno cemitério perdido nos campos de minha terra, esquecido em meio ao tapete verdejante, onde repousavam seres anônimos a quem minha visita deveria levar momentos de alegria, ainda que passageira. Pelo menos eu assim pensava.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Estranhos no sótão

Num de seus numerosos romances, Georges Simenon (1903/1989) relata o caso do velho advogado Hector Loursat que, depois de abandonado pela esposa, entregue à bebida e sem sucesso com as mulheres, se recolhe ao sótão do casarão onde vivia e ali passa o tempo lendo seus velhos alfarrábios, comendo coisas indigestas e ingerindo maciças doses de álcool. Barbado, sebento e quase maltrapilho, rompe com o mundo. Mas na velha casa de inúmeros cômodos desabitados ocorre um crime inexplicável, suspeitando-se do envolvimento de sua própria filha, embora ele nada tivesse percebido. Nessas circunstâncias o sentimento paterno revive, o sangue volta a ferver como nos bons tempos e o velho leão forense ruge com força na defesa da filha, pondo à mostra uma trama complicada e nem sempre muito convincente. O escritor, porém, tinha grande habilidade, experiência e talento, levando "Estranhos em casa" até o final, embora não se trate de suas melhores criações.

Essa história me vem à lembrança sempre que passo por uma casa próxima. Trata-se de construção quadrada, com dois pavimentos, pintada de cor escura e sem brilho. Situada em grande terreno de esquina, meio escondida num bosque de velhas árvores, arbustos e trepadeiras, transmite a impressão de construção sólida e pesada, erigida nos tempos em que não se fazia muita economia de material. Cercada por muros elevados, nela nunca se vê luzes acesas ou pessoas em movimento, entrando ou saindo. Passa seus dias e noites imersa em completo silêncio, embora se saiba que é habitada, e recebe os costumeiros cuidados de manutenção. Minha imaginação – ou intuição - se põe a funcionar e figuro que naquele sótão pode estar recluso o velho Loursat, lendo suas páginas amareladas e se encharcando de "grogues" e "calvados" (bebidas prediletas do romancista, pelo menos em suas obras), não fosse o mero detalhe de que ele era parisiense e simples personagem de ficção, gerado pela prodigiosa criatividade de Simenon.

Não obstante, pensar não paga imposto – como dizem os italianos, - e nada impede que analise os fatos sem a preocupação de uma lógica

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

cruel. Afinal, às vezes é preciso exercitar a suspensão momentânea da incredulidade. Não resta dúvida, concluo depois de muito pensar no assunto, que naquele sótão obscuro e quieto algo de anormal acontece e nele, como no romance, estranhos se movimentam. Essa conclusão não brotou do acaso mas de pequenos fatos encadeados. Vejamos.

Voltando a pé do centro, numa noite escura, ao me deparar com a mancha familiar do casarão, avistei uma luz baça se filtrando por um vão da janela do sótão. Estaquei onde estava e me pus a observar o inusitado fato. Fixando a atenção, confirmei que ele estava iluminado e havia movimento de pessoas, duas ou três, andando para lá e para cá, cortando o foco de luz quando suas cabeças passavam diante da lâmpada que devia pender do teto. Vez por outra, sombras se refletiam numa parte da parede que se enxergava pelo vão. Por mais que ruminasse meus pensamentos, não consegui entender o que poderiam fazer naquela sucessão de movimentos esquisitos e silenciosos. Procurei me aproximar para melhorar a visão e foi então que senti dois olhos agudos me fuzilando lá de cima. Nesse exato momento a luz se apagou de repente, recolocando o sótão na costumeira escuridão. Prosseguindo no meu caminho, passei rente ao casarão, em passos vagarosos, aguçando os ouvidos. O silêncio, porém, era tão compacto como a escuridão. À medida que me afastava, concluí de mim para mim que aquele sótão guardava impenetrável mistério e que nele estranhos se movimentavam em inquietante silêncio.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Para proceder a assinatura da Revista ou sua renovação, assim como receber números antigos ou tomos completos encadernados, procure-nos.

Abaixo informamos nossos preços:

- Assinatura nova: R$ 70,00 (anual = 6 números)
- Renovação da assinatura: R$ 55,00 (anual = 6 números)
- Tomos anteriores (encadernados com capa dura): R$ 80,00
- Exemplares avulsos: R$ 10,00 (edições dos anos 70 a 2003)
  R$ 15,00 (anos 60)
  R$ 20,00 (anos 50)
- Encadernação R$ 30,00 o volume (até 1997, um volume para cada tomo. De 1998 em diante, dois volumes por tomo.
- Tomo completo encadernado: R$ 120,00 (para tomos de 1998 em diante). Para tomos de anos anteriores, solicitar orçamento.

( ) Sim, desejo assinar a revista *Blumenau em Cadernos* para o ano de **2005** (Tomo 45). Anexo a este cupom, a quantia de R$ .....,00 (..... reais) conforme opções de pagamento abaixo.

Formas de pagamento:

( ) Vale Postal – Fundação Cultural de Blumenau – Blumenau em Cadernos

( ) Depósito no BESC – conta 77.995-2 – Agência 003. Após o pagamento, passar FAX do recibo de depósito com o nome do depositante, para nosso controle.

( ) Cheque - Banco: ..... Número do Cheque: .....

Dados do Assinante:

Nome:_____

Endereço:_____

Bairro: _____ Cx. Postal: _____

CEP: _____-_____ Fone para contato: _____

Cidade: _____ Estado: _____

_____

Assinatura

Arquivo Histórico José Ferreira da Silva
Caixa Postal 425 - Cep 89015–010 - – Fone: (47) 326-6990 – Fax (47) 222-2259
Blumenau (SC) – E-mail: arquivohistorico@fcblu.com.br

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU

Prefeitura de Blumenau

Unidades Culturais

Arquivo Histórico
Prof. José Ferreira da Silva
arquivohistorico@fcblu.com.br

Mausoléu
Dr. Blumenau

Museu
da Família Colonial

Centro Cultural
da Vila Itoupava

Biblioteca Pública
Dr. Fritz Müller

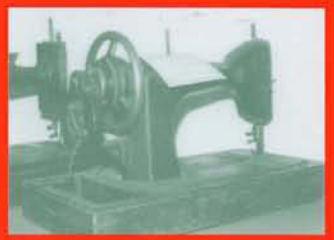
Museu
de Arte de Blumenau

Galeria
Municipal de Arte

Centro de Publicação,
Documentação e
Referência em Leitura

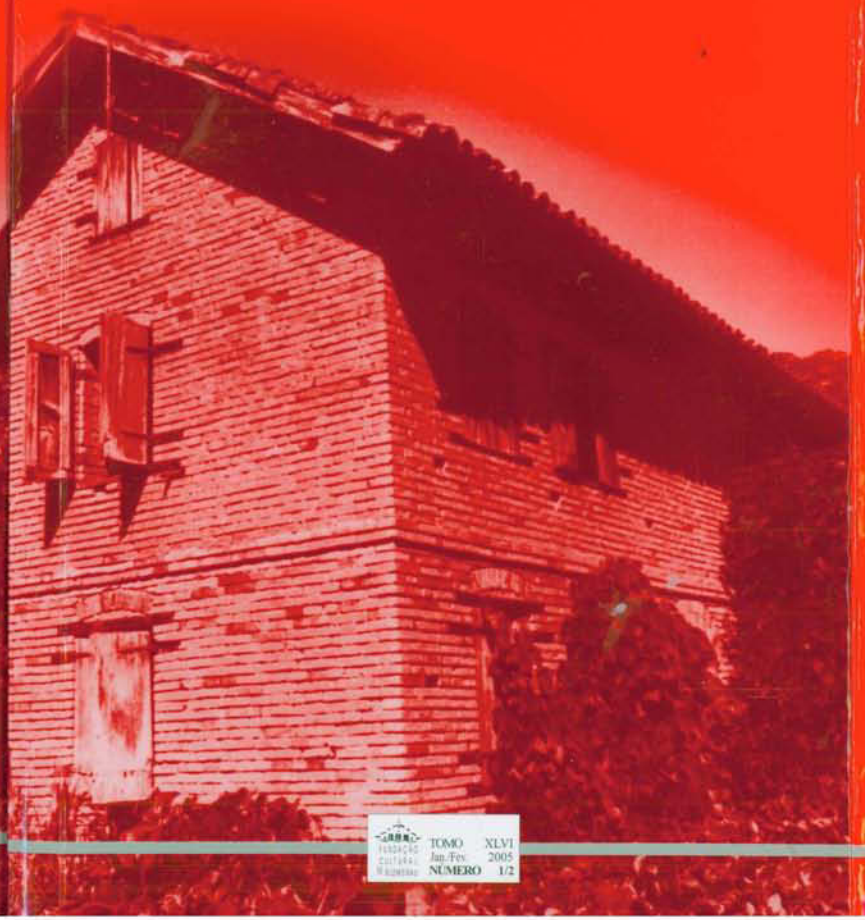
Editora
Cultura em Movimento
editora@fcblu.com.br

www.fcblu.com.br



ISSN 0006-5218

BLUMENAU em Cadernos



TOMO XLVI
Jan./Fev. 2005
NÚMERO 1/2

BLUMENAU em Cadernos

TOMO XLVI
Janeiro/Fevereiro de 2005
Nº 1/2

Apoio Cultural:

Genésio Deschamps

Victória Sievert

Willy Sievert *(in memoriam)*

Buschle & Lepper S/A

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A

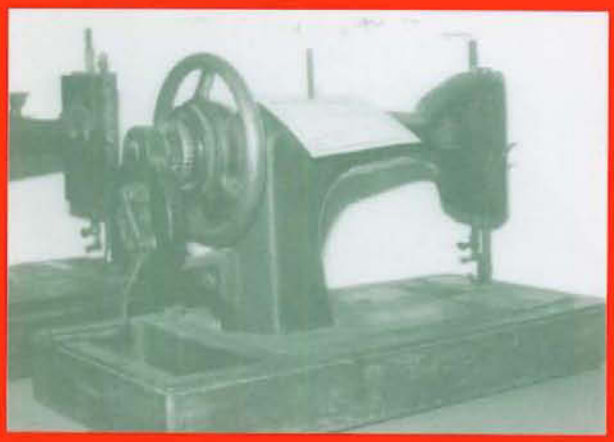
Eletro Aço Altona S/A

Hildegard Rossmark Schramm

43 S/A Gráfica e Editora

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense



Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense